

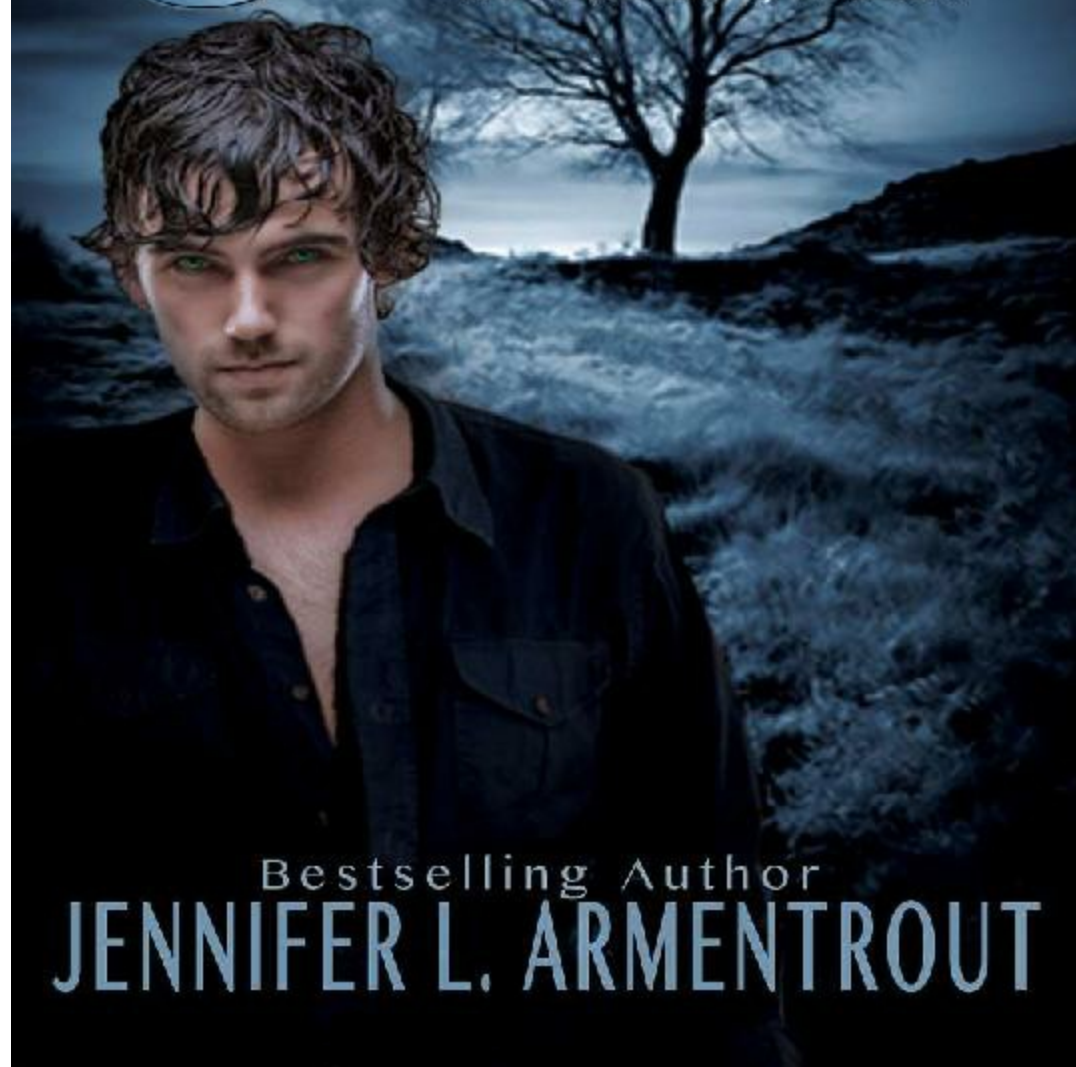
"The beginning of Armentrout's new Lux series is a thrilling ride from start to finish... guaranteed to hold your attention and have you begging for more." - Romantic Times "Top Pick"

A LUX NOVELLA
SHADOWS
His love will destroy them all...

Bestselling Author
JENNIFER L. ARMENTROUT

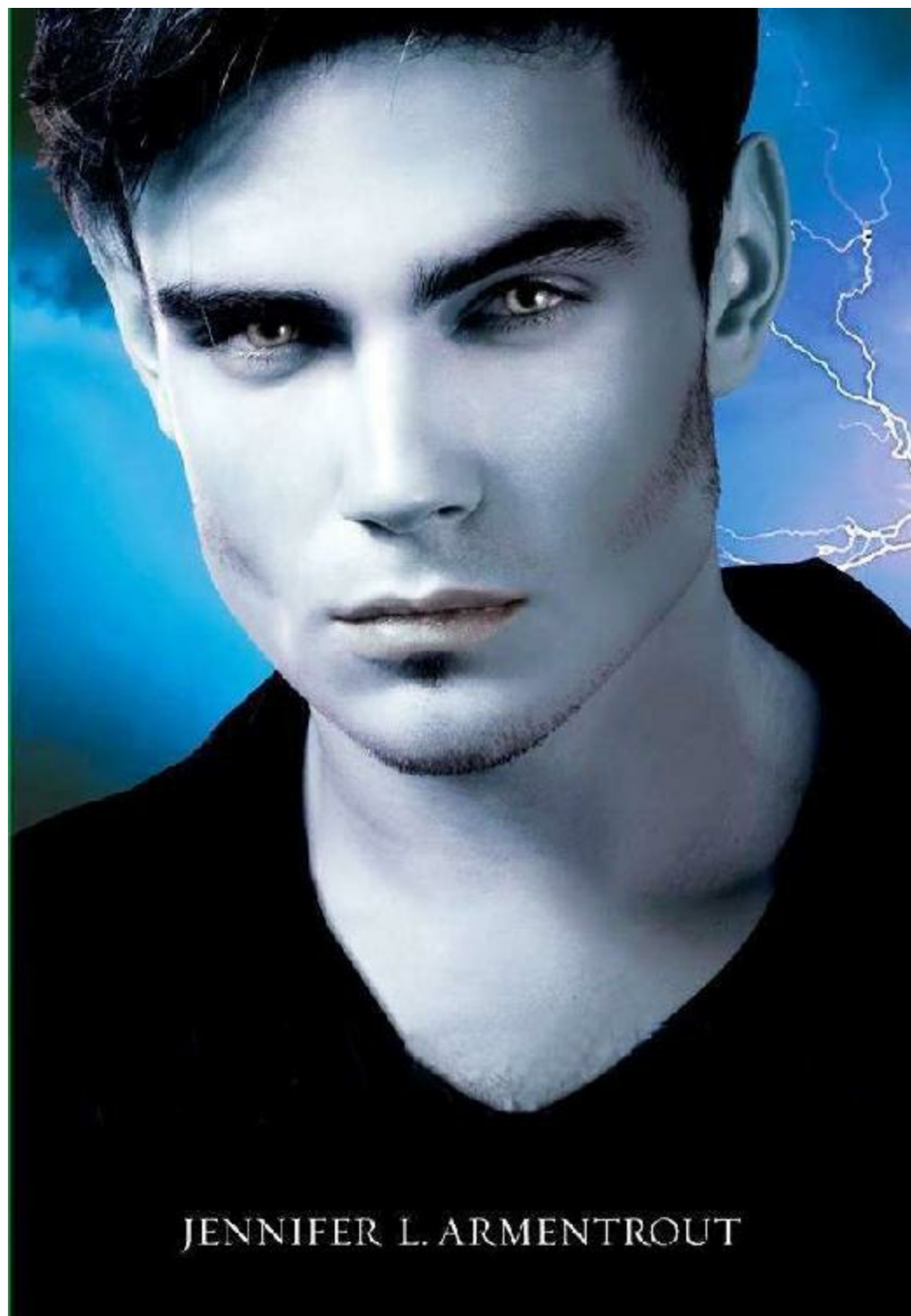
"The beginning of Armentrout's new Lux series is a thrilling ride from start to finish... guaranteed to hold your attention and have you begging for more." - Romantic Times "Top Pick"

A LUX NOVELLA
SHADOWS
His love will destroy them all...



Bestselling Author
JENNIFER L. ARMENTROUT

1



SHADOWS

Série Lux

última coisa que Dawson Black esperava era Bethany Williams. Como um Luxen, uma forma A de vida alienígena na Terra, as meninas humanos são... bem, só diversão. Mas desde que os Luxen precisam 3

manter sua verdadeira identidade em segredo, se apaixonar por uma seria insano.

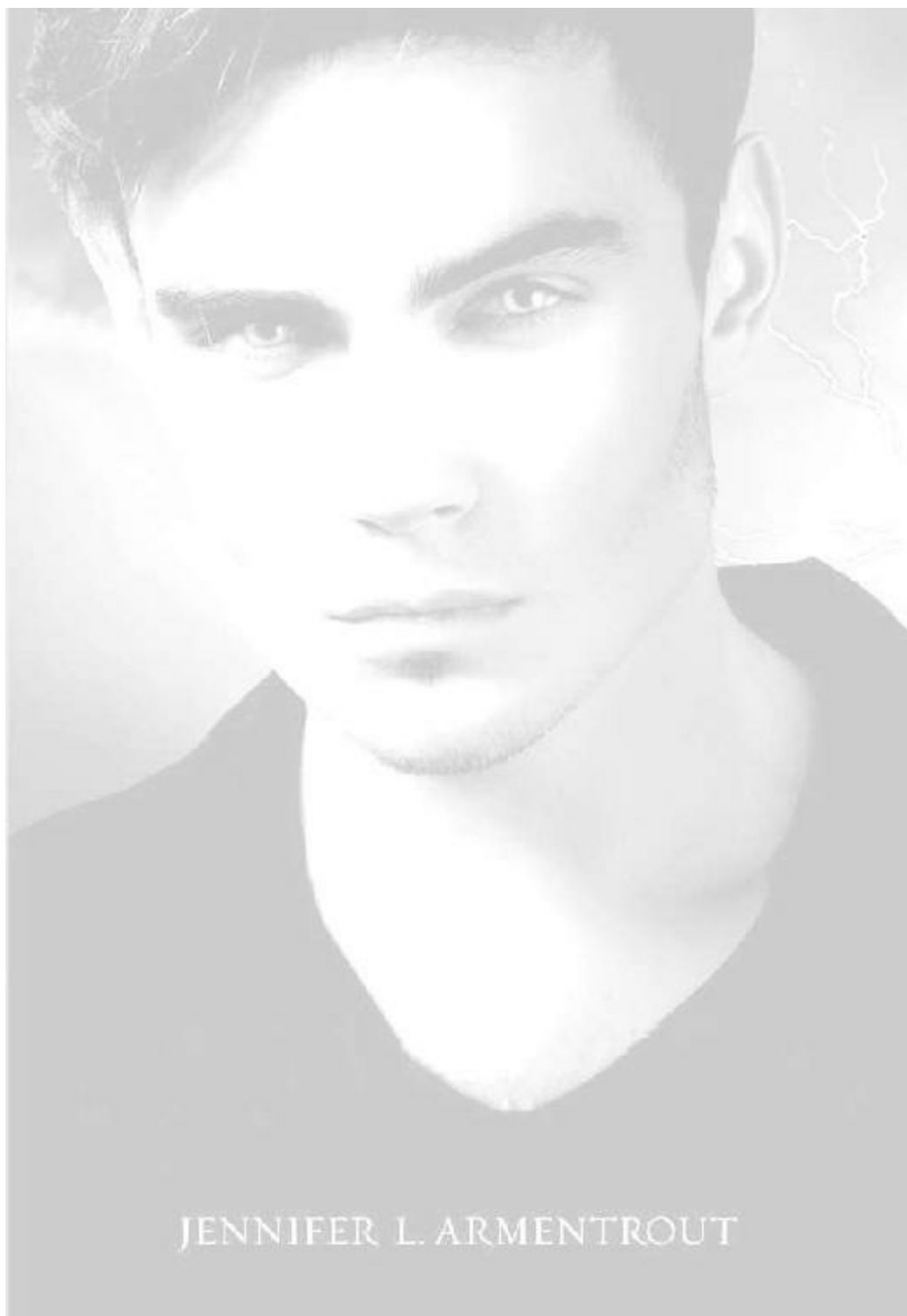
Perigoso. Tentador. Inegável.

Bethany não pode negar a conexão imediata entre ela e Dawson. E mesmo que garotos não são uma complicação que ela quer, não pode ficar longe dele. Ainda assim, toda vez que se olham, ela é puxada para ele.

Cativada. Atraída. Amada.

Dawson está mantendo um segredo que irá mudar a existência dela... e colocar sua vida em perigo. Mas mesmo ele, não pode parar de arriscar tudo por uma garota humana.

Ou de um destino que é tão inevitável quanto o próprio amor.



Prologo

ma sombra deslizou sobre as colinas geladas, movendo-se muito rápido para ser algo vindo U desta Terra. Sabendo que não estava sendo sugado por nada,

era claro para onde ele estava indo. E era direto na direção de Dawson Black.

Oh, merda.

Arum.

Só de pensar o nome enchia a parte de trás de sua boca com um gosto metálico. O Filho da puta tinha vindo 4

como um drogado atrás do seu vício favorito. Eles sempre viajavam em quatro, e um deles já tinha sido morto na noite anterior, o que deixava mais três bastardos lá fora — e um estava indo direto para ele.

Dawson se levantou e esticou os músculos, então tirou os pedaços de neve fora de seus jeans. O Arum havia chegado muito perto da casa deles desta vez. As rochas supostamente os protegiam, abafando as ondas que os distinguiam dos humanos, mas o Arum havia os encontrado. Mais perto do campo de futebol do que a única coisa que ele daria a vida para proteger. Sim, foda-se isso.

Algo tinha de ser feito. E esse algo pegaria dois dos três, o que significava que o restante ficaria um pouco irritado. Eles queriam jogar? Que seja. Pode vir.

Correndo para o meio da clareira, ele saudou o vento cortante que afastou o cabelo da testa. Lembrou-se de estar no topo das rochas do Seneca, olhando para o vale. Sempre era frio como a merda lá em cima.

Estreitando os olhos, ele começou a contar até dez. No cinco, ele fechou os olhos e deixou sua pele humana escapar, substituída por puro poder, uma luz pura que pulsava com um brilho luminoso de azul. Sair de sua forma humana era como tirar uma roupa muito apertada e correr nu —

Liberdade. Não a verdadeira liberdade, porque Deus sabia que eles não eram realmente livres, mas esta era a coisa mais próxima que ele tinha.

Na hora em que ele chegou ao um, o Arum estava no topo da colina, acelerando em direção a ele como uma bala 5

indo direto para a cabeça. Esperando até o último segundo, ele correu para o lado e girou, puxando para trás o poder do inimigo. Não é de admirar. O material foi como uma bomba nuclear em uma garrafa. Jogá-lo e vê-lo explodir.

Ele lançou uma bola de energia no Arum, acertando o que parecia ser seu ombro. Em sua verdadeira forma, o Arum não era nada mais do que sombras espessas que penetravam braços e pernas oleosas, mas a onda de energia atingiu algo.

O impacto girou o Arum ao redor e quando ele voltou, algo escuro como breu atirou em Dawson. Ele se esquivou do míssil. O que eles tinham não era tão poderoso. Mais como napalm. Queimava como uma puta, mas precisaria de muito mais golpes para derrubar um Luxen.

Obviamente, não era assim que um Arum matava.

Desistindo, o Arum mais jovem fugiu, subindo no céu escuro. *Você não pode me derrotar. Eu prometooo que será indolooor.*

Dawson deu um rolar de olhos mental. Claro que o Arum faria isso. Tão indolor quanto comer o último sorvete em casa e encarar a sua irmã. Correndo através da clareira, ele enviou golpe após golpe no Arum. Acertando e errando. A maldita coisa ficou nas árvores, a camuflagem perfeita.

Bem, ele tinha um plano para isso.

Erguendo os braços envoltos em luz, ele sorriu quando as árvores começaram a tremer. Um gemido de trovão ecoou pelo vale, e, em seguida, as árvores se soltaram do chão. Indo direto para o céu, as árvores tinham grandes pedaços de terra em suas grossas raízes, parecendo cobras.

6

Abrindo os braços, jogou as árvores para trás, revelando o bastardo.

Peguei você, ele disparou de volta.

Ele soltou outro choque de poder e correu pelo espaço entre eles, atingindo o Arum no peito.

Caindo do céu como um torpedo, o Arum girou em direção ao chão, piscando para sua verdadeira forma.

Dawson teve um vislumbre das calças de couro e riu. Esta desculpa fraca para um inimigo, era se vestir como um dos Village People.

Ele aterrissou em um monte acidentado a poucos metros de distância, se contorcendo por um par de segundos e, em seguida, paralisando. Em sua forma verdadeira, a coisa era enorme.

Pelo menos nove metros de comprimento e em forma de mancha. E ele... cheirava a metal? Metal cortante e frio.

Estranho.

Dawson se aproximou para verificar se ele estava realmente morto antes de voltar para casa. Já era tarde.

Tinha escola cedo-

O Arum se levantou. *Peguei você*.

E cara, ele era enorme.

Uma fração de segundo depois, o Arum estava em cima dele como um macaco. Cristo. Por um momento, Dawson perdeu sua forma e estava de volta ao seu gasto jeans e blusa leve. Mechas pretas de cabelo obscureciam seus olhos quando a sombra caiu sobre o solo a uma velocidade alarmante.

Grandes Tentáculos se estendiam como mãos, 7

arqueando no ar como cobras, então, atingiu, perfurando diretamente o estômago de Dawson.

Ele gritou pela primeira vez em sua vida, realmente se soltando como uma menininha, mas porra, o Arum o pegou.

Como um fósforo jogado em uma poça de gasolina, o fogo varreu por seu corpo enquanto o Arum o drenava. Sua luz, sua própria essência — piscaram descontroladamente, lançando um halo branco-azul para os ramos escuros, sem nada em cima. Ele não conseguia manter sua forma.

Humano. Luxen. Humano. Luxen. A dor... era tudo, todo o seu ser. O Arum estava dando longas tragadas, sugando o poder de Dawson até ao seu núcleo.

Ele estava morrendo.

Morrendo em um chão tão congelado que a vida não tinha sequer começado a emergir novamente. Morrendo antes que ele tivesse visto e experimentado o mundo humano sem todas as regras que o limitavam. Morrendo antes que ele sequer soubesse o que amor verdadeiro era. Como parecia e sentia.

Isto era tão estupidamente injusto.

Droga, se ele saísse daqui vivo, ele viveria de verdade.

Foda-se. Ele viveria.

Outra longa tragada do Arum, e as costas de Dawson se inclinaram fora do chão. Seus olhos arregalados não viram nada... Então a mais rápida luz, mais brilhante queimou em um branco-vermelho que iluminava todo o seu mundo, disparando entre as árvores ainda de pé, chegando mais 8

rápido do que som.

Irmão.

Puxando para trás, o Arum tentou voltar a sua forma humana. Vulnerável

quanto ele estava em sua verdadeira forma, ele não teria a menor chance com ele. Nenhum dos Arum tinham.

Dawson estava apostando que o Arum sequer sabia o nome para a luz, que tinha sussurrado em seu medo. Uma risada seca, rouca, saiu da garganta de Dawson. Seu irmão adoraria isso.

A luz branca se chocou contra a forma sombria, jogando o Arum a vários metros de distância. Árvores balançaram e rolaram no chão, jogando ele como se não fosse nada mais do que uma pilha de meias. E a luz assumiu uma

postura de lutador atrás dele, de proteção e pronto para dar sua vida pela sua família.

Uma série de golpes de luz intensa disparou sobre Dawson, batendo no Arum. Um lamento estridente perfurou o céu. Um som de morte.

Deus, ele odiava esse som. E, provavelmente, deveria ter esperado para ouvi-lo antes que ele se aproximasse do Arum mais cedo. Águas passadas.

Uma vez que a drenagem havia sido cortada, a sensação estava voltando para seus membros. Alfinetes e agulhas se espalhavam pelas suas pernas, sobre o peito. Se sentando, ele ainda tremulava de dentro para fora. Pelo canto do olho, ele viu seu irmão de volta para o Arum — e, em seguida, assumir a forma humana. Forte. Sem vergonha.

9

Mataria o Arum à unha. Exibido.

E ele fez. Puxando uma faca feita de obsidiana, ele se lançou no Arum, disse algo em um tom ameaçador antes de empurrar a lâmina profundamente em seu estômago. Um murmúrio cortou outro gemido.

O Arum estilhaçou em partes sombrias, Dawson se concentrou em quem ele era, o que ele era. Reagrupando partes que não estavam realmente lá em sua verdadeira forma, ele imaginou seu corpo humano. A forma que ele veio para proteger seu Luxen e de uma forma que deveria provocar vergonha, mas isso nunca acontecia.

— Dawson? — Seu irmão gritou, em seguida, se virou e correu para o seu lado. — Você está bem, cara?

— Malditamente ótimo.

— Cristo. Nunca mais me assuste assim de novo. Eu pensei — Daemon cortou, arrastando os dedos pelo cabelo. —

Eu falo sério. Nunca mais me assuste desse jeito.

Dawson levantou-se sem ajuda, de pé com as pernas trêmulas e balançando um pouco para a esquerda. Ele olhou nos olhos que eram idênticos aos seus próprios. Sem mais palavras que precisavam ser ditas. Sem necessidade de agradecimentos.

Não quando havia ainda mais lá fora.



Capítulo 1

s estudantes lotaram a classe, bocejando e ainda tentando esfregar o sono dos olhos. Neve O derretida pingava de seus casacos e pingava sobre o piso arranhado. Dawson esticou as longas pernas, apoiando-as no lugar vazio à sua frente. Preguiçosamente coçando o queixo, observou a frente da sala quando Lesa entrou, fazendo uma careta para Kimmy, que parecia horrorizada com o que a neve tinha feito em seu cabelo.

— É apenas neve, — Lesa disse, revirando os olhos. —

11

Não vai te machucar.

Kimmy alisou as mãos sobre os cabelos loiros.

— O açúcar derrete.

— Sim, e merda boa. — Lesa sentou em seu lugar, puxando a lição de casa de Inglês de ontem.

Uma profunda e baixa risada veio de trás, e Dawson sorriu. A garota o fazia rir. Kimmy a dispensou enquanto ia para seu assento, os olhos sobre ele como se ele fosse a próxima refeição. Dawson deu-lhe um sorriso apertado de volta, embora soubesse que ele deveria ter ignorado. Para Kimmy, toda a atenção parecia ser boa atenção, especialmente já que ela tinha rompido com Simon.

Ou Simon teria terminado com ela?

O inferno se ele sabia ou realmente se importava, mas ele não era do tipo que ignorava as pessoas completamente.

Colocando uma bolsa com estampa de zebra em sua mesa, Kimmy continuou a sorrir para ele por mais uns dez segundos antes de desviar o olhar.

Ele sacudiu os ombros, certo de que ele tinha acabado de ser visualmente molestado — e não em um jeito bom. A risada veio de novo, e, em seguida, em voz baixa, o suficiente apenas para ele ouvir:

— Garanhão. Garanhão...

Esticando os braços para trás, ele deu um tapa no rosto de seu irmão enquanto ele sorria.

— Cale a boca, Daemon.

Seu irmão bateu as mãos de seu rosto.

12

— Não odeie o jogo...

Dawson balançou a cabeça, ainda sorrindo. Muita gente, principalmente os seres humanos, não entendiam Daemon como ele e sua irmã entendiam. Muitos poucos o faziam rir como Daemon fazia. E menos ainda conseguiam irritá-lo tanto. Mas se Dawson precisasse de alguma coisa ou se houvesse um Arum nas proximidades, Daemon era o cara.

Ou Luxen. Que seja.

Um homem mais velho, corpulento, passeava na sala de aula, segurando uma pilha de papéis que sinalizaram que as provas já estavam com notas. Um coro de gemidos passou pela sala, com exceção dele e de Daemon. Eles sabiam que arrasaram totalmente sem sequer tentar.

Dawson pegou sua caneta, rolando-a entre os dedos longos e suspirando. A terça-feira já estava começando a ser mais um longo dia de aulas chatas. Ele preferia estar lá fora, caminhando na mata, apesar da neve e do frio brutal. Sua aversão à escola não era tão ruim como a de Daemon, entretanto. Alguns dias eram piores do que os outros, mas para Dawson, encontrar seus colegas fazia a experiência mais tolerável. Ele era como sua irmã nesse ponto, uma pessoa escondida em um corpo estranho.

Ele sorriu.

Segundos antes de a campainha tocar, a menina correu para classe, segurando um pedaço de papel amarelo na mão. Imediatamente, ele sabia que a garota não era daqui.

O fato de que ela usava uma blusa e não um casaco pesado **13**

quando estava abaixo de trinta graus lá fora a entregou. Seu olhar vagou pelas pernas dela — realmente boas, longas e cheias de curvas — com sua calça leve.

Sim, ela não era daqui.

Entregando o papel para a professora, ela ergueu o queixo ligeiramente acentuado e olhou pela sala.

Os pés de Dawson bateram no chão com um baque audível.

Caramba, ela era... ela era linda.

E ele conhecia beleza. Sua raça havia vencido a roleta genética, quando eles adotaram formas humanas, mas a maneira como as características desta menina foram reunidas era a perfeição absoluta. Cabelo cor de chocolate deslizou sobre seus ombros enquanto ela continuava a olhar

pela sala. Sua pele tinha um saudável brilho de sol —

recente, pela vibração dela. Sobrancelhas finas caíam inclinadas emoldurando seus olhos com os pesados cílios.

Olhos castanhos quentes se conectaram com os seus, então seu ombro, e então ela piscou várias vezes, como se tentando limpar sua visão.

Esse tipo de olhar acontecia muito quando as pessoas olhavam para Daemon e ele juntos pela primeira vez. Eram idênticos, afinal. Cabelo preto ondulado, mesmo porte, ambos com mais de um metro e oitenta. Eles compartilhavam as mesmas características: maçãs do rosto largas, bocas cheias, e olhos verdes extraordinariamente brilhantes. Além dos da sua própria espécie, ninguém poderia distingui-los. Algo que ambos os garotos gostavam muito de usar para a vantagem **14**

deles.

Dawson apertou seus molares até a mandíbula doer.

Pela primeira vez, ele desejou que não houvesse uma cópia dele. Que alguém fosse olhar para ele, realmente vê-lo, e não a imagem espelhada ao lado dele. E isso foi uma reação completamente inesperada.

Mas, então, seu olhar encontrou o dela de novo e ela sorriu.

A caneta escorregou de seus dedos, rolou por cima da mesa, e bateu no chão. Calor varreu seu rosto, mas seus próprios lábios responderam, e não havia nada falso ou forçado sobre sua reação.

Daemon riu quando ele se inclinou, batendo na caneta com seu tênis. Constrangido à enésima potência, Dawson tirou sua caneta debaixo do sapato de seu irmão.

Sr. Patterson disse algo a ela, chamando-lhe a atenção, e ela riu. Sentindo que o som rouco percorreu todo o caminho até os dedos dos pés, ele se sentou reto em sua cadeira. A sensação de picada se espalhou sobre a pele.

Quando o sino tocou atrasado, ela foi direto para o assento em frente a ele. Reclamando sobre a caminhada na neve. Está, portanto, não ia ser outra terça-feira chata.

Ela começou a cavar dentro de sua bolsa, em busca de uma caneta, ele adivinhou. Parte dele sabia que era uma desculpa perfeita para quebrar o gelo. Ele poderia oferecer uma caneta, dizer Olá, e continuar a partir daí. Mas ele
15

estava congelado em seu assento, dividido entre o desejo de se inclinar para frente para ver que tipo de perfume ela usava e não querer parecer um idiota total.

Ele manteve sua bunda firmemente plantada na cadeira.

E.... olhou para os fios de chocolate de seu cabelo onde se enrolava sobre o dorso de seu assento.

Dawson coçou o pescoço, ombros contraindo. Qual era o nome dela? E por que diabos ele se importa tanto? Esta não era a primeira vez que ele sentia atração por uma garota humana. Inferno, muitos de sua espécie já ficaram com eles, já que os machos eram em maior número do que suas fêmeas. Ele tinha sentido. Até mesmo seu irmão geralmente

com complexo de superioridade tinha quando ele não estava com sua namorada vai e volta, mas ainda...

Olhando por cima do ombro dela, a menina levantou os cílios, e fez contato visual com ele.

A coisa mais estranha aconteceu depois. Dawson sentiu os anos indo embora. Anos de mudanças, de fazer e de perder amigos. De ver os de sua espécie com quem ele tinha crescido morrer nas mãos dos Arum ou do DOD. Anos tentando se encaixar com os seres humanos, mas nunca realmente se tornando um deles. Tudo isso só... foi embora.

Afetado pela leveza repentina, tudo o que ele podia fazer era olhar. Olhar como um maldito idiota. Mas ela olhou de volta.

A nova garota desviou o olhar, mas aqueles olhos cor **16**

de uísque quente vieram de volta para ele. Seus lábios se inclinaram para cima nos cantos em um pequeno sorriso, e, em seguida, ela enfrentou a frente da classe novamente.

Daemon pigarreou e mudou em sua mesa. O irmão dele exigiu em voz baixa:

— O que você está pensando?

Na maioria das vezes, Daemon sabia o que ele estava pensando. O mesmo com Dee. Eles eram trigêmeos, mais perto do que a maioria dos Luxen. Mas agora, Dawson sabia, sem dúvida que Daemon não tinha ideia do que ele estava pensando. Porque se tivesse, ele teria caído de sua cadeira.

Dawson deixou escapar um suspiro.

— Nada, eu não estou pensando em nada.



— Sim, — o irmão disse, se sentando. — Isso é o que eu pensava.

Depois que o sino tocou, Bethany Williams recolheu sua bolsa e se dirigiu para o corredor sem hesitar. Ser a garota nova era uma droga. Não havia amigos para conversar ou caminhar até a próxima aula. Estranhos a

rodeavam, o que era simplesmente perfeito considerando que ela estava vivendo em uma casa estranha e ela estava vendo muito de seu tio, que também era um completo estranho para ela.

E ela precisava encontrar sua próxima aula. Olhando para baixo em sua agenda, seus olhos se estreitaram com a tinta desbotada. Sala 20... 3? Ou era sala 208? Ótimo.

17

Virginia Ocidental era onde as impressoras iam para morrer.

Pegando sua bolsa, ela se esquivou em volta de um grupo de meninas amontoadas em frente a ela na aula de Inglês. Não precisava forçar sua imaginação para supor que elas estavam esperando o duo incrivelmente quente de sua aula saírem. Meu Deus, ela morou em Nevada toda a sua vida e nunca viu um que parecesse assim, quanto mais dois deles.

Quem

saberia que Virginia Ocidental estava escondendo tal gostosura?

E esses olhos, eles eram... uau. O vibrante, verde imaculado que lembrava uma grama fresca. Aqueles olhos eram algo mais.

Se ela tivesse sabido disso antes, ela teria implorado para seus pais para morar aqui muito mais cedo apenas pelo

colírio para os olhos. Vergonha abateu sobre ela nesse pensamento. Sua família estava aqui porque seu tio estava doente, porque era a coisa certa a fazer, e não-

— Ei, espere.

O profundo timbre estranho da voz de um rapaz revirou-lhe a espinha, e ela diminuiu a velocidade, olhando por cima do ombro. Ela chegou a uma abrupta parada.

Era uma metade do duo incrivelmente quente.

Chamando por ela, certo? Porque ele estava olhando diretamente para ela com aqueles olhos, sorrindo com lábios cheios, quase perfeitos demais.

De repente, ela tinha uma vontade louca de começar a pintar o rosto com as

novas cores de óleo que sua mãe tinha comprado. Caindo em si, ela forçou a boca a trabalhar.

18

— Oi, — ela chiou. Gostoso, muito gostoso...

O rapaz sorriu, e seu peito fez um pouco de vibração.

— Eu queria me apresentar, — disse ele, ficando na frente dela. — Meu nome é Dawson Black. Eu sou o-

— Você era o gêmeo sentado atrás de mim em Inglês.

Surpresa inundou seu rosto.

— Como você sabe? A maioria não consegue nos diferenciar.

— Seu sorriso. — Ficando vermelha, ela queria bater em si mesma. O seu sorriso? Uau. Ela olhou para sua agenda rapidamente, percebendo que ela tinha que ir para o segundo andar. — Quero dizer, o outro não sorriu para todos, tipo, para toda a classe.

Ele riu com isso.

— Sim, ele está preocupado que sorrir vai lhe deixar com rugas prematuras.

Bethany riu. Engraçado e bonito? Eu gostei.

— E você não está preocupado?

— Oh, não, eu pretendo envelhecer graciosamente.

Olhando para frente. — Seu sorriso era fácil, iluminando os olhos, de um jeito que não poderia ser real. Elas tinham que ser lentes de contatos. Ele continuou. — Cocoon é o meu filme favorito, na verdade.

— Cocoon — Ela arrebitou de rir, e seu sorriso aumentou. — Eu acho que é o filme favorito da minha tatara-tatara-avó.

— Eu acho que eu penso igual sua tatara-tatara-avó.

Ela tem bom gosto. — Inclinando-se em volta dela, ele abriu **19**

um lado da pesada porta dupla. Os alunos desviaram de seu caminho como se fosse uma bola de demolição independente.

— Você não pode errar com eles. Eterna juventude. Aliens.

Coisas brilhantes na piscina.

— Pessoas encasuladas? — ela acrescentou, tocando em seu braço estendido, um bom braço, bem definido, que se estendia do material de sua camiseta. Com as bochechas ruborizando, ela rapidamente desviou os olhos e subiu as escadas. — Então, você gosta dos anos dourados?

Sentiu-o dar de ombros ao lado dela. Na grande escada que cheirava levemente a mofo e a meias de ginásio, ele permaneceu ao seu lado direito, deixando um pequeno espaço para as pessoas passarem.

Dawson olhou por cima do ombro enquanto dobrava a esquina.

— Que aula você tem agora?

Segurando a agenda, ela torceu o nariz.

— Uh... História na sala...

Ele pegou o papel da mão dela, rapidamente escaneando.

— Sala 208. E é seu dia de sorte.

Já que um cara como ele estava conversando com ela, ela ia ter que concordar.

— Por que isso?

— Duas coisas, — disse ele, entregando o horário de volta para ela. — Temos arte e o último período, ginástica, juntos. Ou pode ser o meu dia de

sorte.

20

Inacreditavelmente gostoso. Engraçado. E sabia todas as coisas certas para dizer? Ponto. Ele segurou a porta aberta para ela, e ela acrescentou: "cavalheiro" para a lista.

Mordendo o lábio, ela procurou algo para dizer.

Finalmente, ela perguntou:

— Que aula você tem agora?

— Ciências no primeiro andar.

Suas sobrancelhas se ergueram quando ela olhou ao redor. Como esperado, as pessoas definitivamente estavam olhando. Principalmente as meninas.

— Então por que você está no segundo andar?

— Porque eu queria estar. — Ele disse com tanta naturalidade que ela teve a impressão de que ele tinha o hábito de fazer o que quisesse.

Seus olhos encontraram os dela e prendeu-os. Algo em seu olhar a fazia se sentir consciente de si mesma, de tudo ao seu redor. Em um súbito momento de lucidez, ela sabia que sua mãe daria uma olhada em um cara como Dawson e enviá-la para uma escola só de meninas. Meninos como ele normalmente deixavam um rastro de corações partidos, enquanto o Mississippi passava por trás deles. E ela devia estar correndo para a aula, que não poderia estar muito longe, o mais rápido que podia, porque a última coisa que Bethany queria era outro coração partido.

Mas ela estava ali de pé, sem se mexer. Nenhum deles estava se mexendo. Isso... isso foi intenso. Mais do que a primeira vez que ela beijou um menino.

O chute foi que eles não estavam sequer se tocando.

21

Ela nem sequer o conhecia. Precisando de espaço, ela deu um passo para o lado e engoliu. Sim, espaço era uma boa ideia.

Mas seu olhar concentrado ainda chegou a ela por trás das espessas pestanas.

Sem quebrar o contato visual, ele fez um gesto em direção a uma porta por cima do ombro.

— Essa é a sala 208.

Ok. Diga alguma coisa ou dê um aceno de cabeça, sua idiota. Definitivamente não fazia uma boa impressão aqui. O

que acabou por sair de sua boca foi algo um pouco horrível.

— Os seus olhos são de verdade?

Ah, inferno, muito estranho?

Dawson piscou, como se a pergunta o surpreendesse.

Como poderia? As pessoas tinham que perguntar isso o tempo todo. Ela nunca tinha visto olhos como os dos gêmeos.

— Sim, — ele falou. — Eles são de verdade.

— Ah... bem, eles são realmente bonitos. — Calor varreu suas bochechas. — Quero dizer, eles são lindos. —

Lindos? Ela precisava parar de falar agora.

Seu sorriso voltou direto para a potência total. Ela gostou.

— Obrigado.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Então... você vai me deixar esperando?

Com o canto dos olhos, ela notou um rapaz alto e loiro que parecia como se tivesse saído das páginas de uma revista **22**

adolescente. Ele avistou Dawson e parou abruptamente, fazendo com que outro cara batesse em suas costas. Com um meio sorriso, o rapaz alto se desculpou, mas nunca tirou os olhos de Dawson. E eles eram azuis, como o azul centáurea.

Nenhuma de suas pinturas podiam esperar para capturar a intensidade dessa cor. Assim como ela igualmente tinha certeza de que nunca seria capaz de fazer justiça aos olhos de Dawson, também.

— Huh? — Disse ela, com foco em Dawson.

— Seu nome? Você nunca me disse o seu nome.

— Elizabeth, mas todo mundo me chama de Bethany.

— Elizabeth. — Ele repetiu o nome dela, como se estivesse saboreando o som. — Será que Bethany vêm com um sobrenome?

Calor subiu seu pescoço enquanto ela segurava a alça em sua bolsa.

— Williams, meu último nome é Williams.

— Bem, Bethany Williams, este é o lugar onde eu tenho que deixar você. — Meu Deus, ele parecia realmente consternado. — Por enquanto.

— Obrigado.

— Não há necessidade. — Quando ele se afastou dela, seus olhos brilhavam sob a luz. Deslumbrante. — Nós nos veremos em breve. Eu tenho certeza disso.



Capítulo 2

odas as estradas do lado de fora de Petersburgo pareciam as mesmas para T Bethany. Três vezes ela perdeu a virada para sua nova casa, uma antiga casa de fazenda que tinha sido convertida em um espaço habitável. A estrada era estreita, marcada apenas por uma minúscula caixa de correio, cercada por árvores. Acostumada a ser uma Americana suburbana, ela estava fora de seu ambiente. Mesmo o GPS no carro dela tinha desistido gritando a vários quilômetros atrás.

24

Ugh.

E graças a Deus por correntes de neve. Seu sedan nunca iria conseguir fazer o trajeto para cima ou para baixo da estrada de cascalho para a antiga casa de fazenda senão fosse isso. Mas o lugar era lindo, as montanhas cobertas de neve, árvores de olmo grossas, e colinas brancas e onduladas.

Seus dedos coçaram para serem colocados na tela de pintura.

Assim como seus dedos estavam coçando para fazer outra coisa. Algo que ela realmente não devia fazer. Pintar o rosto de um menino era obsessivo em um bom nível de perseguição e bom Deus, se a mãe dela sorrateiramente visse suas pinturas de novo? Ela teria um derrame.

Chuveiro gelado bateu no rosto de Bethany quando ela pulou para fora do carro e quase caiu de bunda na calçada

lisa quando ela contornou o Porsche de seu tio. Os médicos ganhavam bem. Risos infantis e o aroma de cookies de açúcar cumprimentaram Bethany quando ela deixou cair a bolsa na porta. Ela sacudiu a chuva congelada e deu um passo para frente.

— Bethany? — A voz de sua mãe soou como um alarme. Um maldito alarme de tapete. — Tire os sapatos!

Revirando os olhos, Bethany arrancou os sapatos e colocou as pontas de seus pés molhados na borda do tapete.

Ha. Tome isso, mamãe.

Feliz com sua tentativa idiota de rebelião, ela seguiu o cheiro doce até uma cozinha digna do Food Network. Mamãe gostava de cozinhar. Limpar. Cozinhar um pouco mais, e ficar de olho, quase fanática em Bethany. Um olhar e todos sabiam **25**

por que a mãe dela estava determinada a manter um olho de águia na virtude de sua filha.

Jane Williams era jovem. Como em, festejou um pouco demais uma noite e aos dezesesseis anos, engravidou jovem.

Bethany nunca conheceu seu pai biológico e realmente não tinha o desejo de procurá-lo. Seu verdadeiro pai era o único que a tinha criado, a única pessoa que importava.

A mãe dela estava determinada a evitar que Bethany cometesse o mesmo erro. Em outras palavras: ela era uma espécie de detetive particular sobre a vida social de Beth como nenhum outro. Mas desde que Bethany fez dezesesseis anos no mês passado, ela imagina que ela vai se soltar eventualmente.

Esperemos.

Mamãe estava na mesa da cozinha, misturando uma tigela de massa, enquanto o meio-irmão de dois anos de Beth assistia. Havia mais massa no rosto de Phillip que na tigela, mas ele parecia estar se divertindo. Ele olhou para ela, e o choque de seu cabelo vermelho e as sardas nas bochechas o fazia parecer tão diferente dela. Os olhos castanhos eram a única coisa que eles compartilhavam.

Isso é um amor por massa de biscoito crua.

Correndo ao redor da mesa, Bethany pegou um punhado de massa.

— Humm, delícia. — disse ela, arregalando os olhos comicamente para ele. Phillip riu, apertando um monte de massa. Pedacos caíram no chão. Oh, não. Código Vermelho na cozinha.

26

Fios de cabelo escuro caíram do coque francês de sua mãe quando ela suspirou.

— Olha o que você fez, Elizabeth.

Estalando o açúcar na boca, Bethany pegou as toalhas de papel da bancada de aço inoxidável.

— Não vai apodrecer o chão, mamãe.

Enquanto Bethany limpava a bagunça, Phillip estendeu a mão para ela com os braços gordinhos. Ela jogou o lixo, em seguida, puxou-o para fora da cadeira alta. Embalando o rapaz contra seu quadril, ela deslizou em volta da cozinha como se estivesse dançando.

Pressionando a testa contra a ruborizada dele, ela sorriu.

— O que está acontecendo, bundinha?

Ele caiu na gargalhada com isso, mas a mãe dela suspirou quando ela bateu uma bola de massa na assadeira.

— Eu gostaria que você não o chamasse disso.

— Por quê? — Bethany fazia caretas enquanto ela girava ao redor da ilha. — Bundinha gosta de ser chamado de bundinha, porque ele tem pouca bunda.

Um sorriso rachou o rosto de sua mãe.

— Como foi seu primeiro dia?

Bethany deu um passo para trás, evitando um rosto cheio de massa que provavelmente tinha estado na boca de Phillip. Eca.

— Foi tudo bem. Uma escola muito menor, mas tem uma aula de arte foda.

— Olha o linguajar, — a mãe repreendeu. — As 27

crianças são legais?

De dar pontapés na bunda, ela murmurou para Phillip.

— Bunda, — repetiu ele.

Bethany acenou com a cabeça quando ela mergulhou com ele no braço.

— Sim, eles pareciam muito legais. — Um em especial me pareceu muito legal, mas ela não iria por esse caminho.

— Você sabe o que legal significa, bundinha?

— Uh huh! — Ele acenou com a cabeça para o esforço extra.

Sorrindo, ela parou ao lado de sua mãe e ela bateu com o quadril. Um pedaço de massa bateu na mesa.

— Você já falou com o papai? Ele gostou do trabalho em Fairfax?

Sua mãe pegou o pedaço de massa e colocou-o no guardanapo. Uma casa limpa é uma casa feliz — lema oficial da mãe. Bethany adorava ligar no show de TV *Hoarders* sempre que sua mãe estava na sala. Ela ficava louca.

— Seu pai ficaria feliz em qualquer lugar, contanto que não houvesse livros e contabilidade envolvidos. — O amor encheu o seu sorriso. — Mas ele odeia dirigir. São quase três horas. Ele talvez consiga um apartamento na metade do caminho, apenas para diminuir esse tempo.

Bethany franziu a testa.

— Isso é horrível.

Sua mãe assentiu e terminou a última fileira. Ela se levantou, se dirigindo para o forno.

— É o que é. — Deslizando a bandeja, ela fechou a 28

porta e se endireitou. — De qualquer forma, estou feliz por seu primeiro dia ter sido bom e feito amigos.

Feito amigos? Ah, não mesmo. Bethany colocou Phillip de volta na cadeira e fez uma careta ao sentir o revestimento de açúcar nas mãos. Coberta de açúcar... nojento. Ela foi até a pia e esfregou as mãos como um cirurgião se preparando para uma operação.

A única pessoa com quem ela realmente falou foi Dawson. Suas bochechas coraram. Ele tinha se sentado no assento vazio ao lado dela na aula de arte e começou a perfura-la com perguntas sobre Nevada e sua antiga escola. A aula no ginásio foi um ping-pong de meninos versus meninas, então não teve conversa lá. Mas houve muitos sorrisos e-

Os passos lentos e irregulares cortaram seu devaneio.

Olhando por cima do ombro, ela desligou a água. Seu magro e frágil tio apareceu na porta da cozinha. Pele acinzentada e pastosa, ele era careca, e andava com o robe de flanela pendurado fora de seus ombros.

Ele se parecia com a morte.

Ela se sentia uma idiota por sequer pensar isso.

Secando as mãos, ela esperava que seu rosto não transmitisse o que estava pensando. Mas então ele olhou para ela. Sombras escuras cercaram os olhos vermelhos e claros.

Ele sabia. Pessoas doentes sempre sabiam.

Desviando os olhos, ela foi para Phillip e fingiu estar absorta no que ele estava tagarelando. Honestamente, ela **29**

ainda se surpreendia que a mãe dela tinha embalado tudo e se mudado para cá. Ela nunca foi próxima de seu irmão ou sua família, uma vez que a coisa toda de estar grávida na adolescência tinha sido desaprovada. Mas essa era a mãe dela. O sangue era mais grosso do que a água. Seu irmão — o perfeito médico, estava doente, com algum tipo de doença no sangue, e ela correu

para ajudá-lo.

A mãe dela se virou e soltou um suspiro assustado.

Correndo, ela passou um braço em volta dos ombros dele levou-o para a mesa.

— Will, o que está fazendo fora da cama? Você sabe que não deveria estar andando por aí depois de um dos seus tratamentos.

Tio Will sentou-se rigidamente.

— É quimioterapia, não é um transplante de medula óssea. Se mexer é bom. É o que eu preciso fazer, em vez de ficar deitado em uma cama o dia todo.

— Eu sei. — Sua mãe pairava sobre ele. — Mas você parece tão... cansado.

Suas sobrancelhas sem pelos se abateram. Palavras erradas. Bethany sacudiu a cabeça.

— Você parece melhor, — disse ela, e cutucou a barriga de Phillip, amando o som de sua risada. — O tratamento ajudou?

Um sorriso frágil apareceu.

— Ele está trabalhando como deveria. Eu não sou terminal.

Ser um médico e ficar doente deve ser horrível. Você **30**

saberia todas as estatísticas, os tratamentos, os efeitos colaterais, e prognósticos por dentro e por fora. Sem escapar da verdade por trás da doença ou amortecer o que estava por vir.

E Bethany odiava estar perto dele. Isso faz dela uma pessoa terrível? Tio Will era família. Mas a morte nunca tinha realmente tocado sua vida. Nenhum deles tinha pegado qualquer doença além de resfriado ou gripe.

Tio Will estava hospedado com eles, enquanto passava por seus tratamentos. Logo que ele estiver se sentindo melhor, vai voltar para sua própria casa, mas

ainda ficaríamos aqui. A estreita ligação com a morte deixou em sua mãe o desejo de unir o que restava de sua família.

Mamãe ficou ao redor do tio Will um pouco mais, fazendo uma xícara de chá quente para ele, enquanto ele perguntou sobre a escola. Bethany se desculpou logo que podia. Dando a Phillip umas últimas cócegas, ela saiu correndo da cozinha e subiu as escadas.

O piso superior não tinha sido nada além de um loft.

Agora ele tinha três quartos e dois banheiros. Ela desceu o corredor estreito e cutucou para abrir a porta do quarto.

Era um quarto triste.

Não há pôsteres. Sem efeitos pessoais reais, exceto a tela e uma pequena mesa cheia de tintas na grande janela no canto. A mesa estava ao lado dela, segurando um laptop que ela raramente usava. A Internet era fraca aqui, e ela preferia passar seu tempo na pintura do que à espreita na net. A TV

31

estava sobre a cômoda. Outra coisa que ela raramente usava.

O fato de que ela não era fã de programas de TV ou filmes geralmente tornava difícil para ela se conectar com outras pessoas de sua idade. Ela não podia dizer quem era o mais novo cantor bonito ou qual o nome do galã adolescente do momento na tela de prata.

Bethany realmente não se importava. Cabeça nas nuvens era o que sua mãe sempre disse.

Andando em direção ao cavalete, ela puxou o cabelo para cima em um coque bagunçado e se sentou. Uma mente vazia é sempre melhor para começar quando queria pintar.

Deixar o que veio a ela fluir para o papel. Só que não estava acontecendo hoje. Quando ela fechava os olhos, ela continuava vendo uma coisa. Bem, uma pessoa.

Dawson.

Bethany não era louca por garotos. Claro, ela teve seus momentos de querer pular por aí como uma marionete demente quando um cara bonito mostrava interesse, mas isso realmente não a afetava. Não a ponto de que um nome trouxe um rubor em suas bochechas. Mesmo Daniel, seu extraordinário ex-namorado — não a tinha feito se sentir assim, e eles tinham ido quase por todo o caminho.

Desculpe, mãe.

Mas havia algo sobre Dawson. Mais do que apenas o quão bom ele era. Quando ele falou com ela na aula de arte, ele parecia... admirado por ela. Tinha que ser sua imaginação, assim como sua reação a ele, porque ela não o conhecia e uma atração dessa magnitude só não acontecia.

Não à primeira vista, e não na vida real. Estresse — tinha que ser estresse.

Pegando um lápis afiado, ela sacudiu os ombros. Ela não ia se deixar ficar obcecada com um rapaz. Sem dar muita atenção para o que ela estava fazendo, ela olhou para um pedaço de tela em branco, e então começou a esboçar o contorno de um rosto.

A cara que ela iria preencher mais tarde. Olhando para a tabela de tintas, ela franziu a testa, sabendo que não havia nenhum jeito de ela conseguir fazer aquele tom de verde direito.

Sim, sem obsessão nenhuma.



Capítulo 3

le estava obcecado.

Dawson olhou para o teto do quarto, mudando e E voltando de sua verdadeira forma como se alguém estivesse mexendo em um interruptor. O quarto estava escuro... e, em seguida, a luz azul- esbranquiçada ricocheteava nas paredes.

Ligado. Desligado. Ligado.

Desligado. Estar incapaz de manter a forma era um sinal certo de agitação ou uma distração grave.

E sua distração tinha um nome.

33

Bethany Williams.

Em sua forma humana, ele esfregou as palmas de suas mãos pelo rosto e gemeu. Não tinha nenhuma razão pela qual ele passou as últimas três horas pensando nela. Ha. Três horas? Experimente as últimas 10 horas.

Um borrão atravessou a sala, e antes de Dawson conseguir reduzir suas mãos, Dee deixou-se cair na cama ao lado dele, com os olhos arregalados. Dee era, provavelmente, o único verdadeiro amor de sua vida e de Daemon. Ambos fariam um inferno com qualquer um que mexesse com a sua irmã. Ela era o tesouro deles. Em casa, as fêmeas de sua raça eram valorizadas. Algo que os machos humanos não pareciam fazer.

Cheia de energia e um amor natural só por estar em volta de outros, Dee era como um ciclone que soprava a vida das pessoas. Ela também era sua melhor amiga. Eles tinham uma ligação, que era mais profunda do que o que eles compartilhavam com Daemon. Dawson nunca soube por que ele era assim. Havia esse muro em torno de seu irmão que mesmo eles não conseguiam realmente romper. Crescendo, sempre foi Dee e Dawson.

A mão de Dee vibrou ao redor dela enquanto ela falava.

— Eu estava do lado de fora, e parecia como se um show de luzes estava acontecendo em seu quarto. Daemon disse que você provavelmente estava-E Dee também não conhecia limites.

— Ah, não, por favor, não termine a frase. — Ele **34**

baixou as mãos, os olhos estreitando para sua irmã. —

Nunca termine a frase.

Ela revirou os olhos quando ela colocou suas pernas debaixo dela.

— Então, o que você estava fazendo?

— Eu estava pensando.

As delicadas sobrancelhas se arquearam.

— Pensar causou o show de luzes? Uau. Isso é um pouco triste, Dawson.

Ele sorriu.

— Eu sei, certo?

Ela cutucou a perna.

— Sim, e você não está me dizendo a verdade.

— E sim, já é tarde. Você não deveria estar dormindo?

Seus olhos verdes rolaram.

— Quando você se tornou meu pai? É ruim o suficiente que Daemon fique tentando ser nosso pai. Não você, também.

Daemon era todo paternal. Ele era apenas alguns minutos mais velho do que eles, mas ele fazia questão que aqueles poucos minutos contassem. E a última coisa que Dawson queria fazer era falar de Bethany com Dee. Falando sobre Bethany com qualquer um deles seria uma complicação desnecessária neste momento. Luxen não eram proibidos de namorar pessoas, mas o Departamento de Defesa não aceitava e qual era a vantagem? Beijar era uma coisa, mas uma relação? Não era como se Dawson pudesse ser aberto sobre o que ele era. Se ele contar, o DOD vai se certificar de desaparecer com o ser humano, e quem iria querer isso em **35**

sua consciência? Em seguida, tinha a grande questão. Como você pode estar em um relacionamento sério com alguém e esconder quem você é? Sem mencionar o fato de que ninguém sabia se os seres humanos e Luxen poderiam...

combinar. Nunca se soube de alguma descendência de um casal assim.

— Por que você estava lá fora? — ele perguntou.

Seus ombros esvaziaram imediatamente.

— Ash estava aqui. — Oh, não.

— Então, ela e Daemon não estão se vendo. De novo. —

O relacionamento deles era como uma novela de dezesseis anos de idade. Com toda a certeza, o Luxen amadurece muito mais rápido do que os seres humanos, mas Dawson não

conseguia entender os dois. — E ela estava do lado de fora, gritando com ele. Não acredito que você não ouviu.

Isso porque ele estava tão envolvido no pensamento sobre Bethany.

— Por que ela estava gritando?

— Eu não sei. Daemon provavelmente estava olhando para outra garota ou algo assim. — Ela suspirou. — Ou ele não quer sair. Você nunca sabe com ela. Às vezes eu desejo que eles terminem e se afastem um do outro.

— Você não gosta de Ash.

— Não é que eu não gosto dela. — Dee empurrou a cama e se atirou através da sala, aparecendo ao lado da janela. — Eu só acho que ela é uma vadia.

Dawson se engasgou com uma risada.

36

— Sim, você não gosta dela de jeito nenhum.

Ela se virou, com as mãos plantadas nos quadris.

— Ela não é certa para Daemon. E ele não é certo para ela.

Se sentando, Dawson balançou as pernas para fora da cama e se levantou. Era perto da meia-noite e ele sentiu que poderia sair para uma corrida. Ia ser uma longa noite.

— Quem é certa para Daemon?

— Alguém que não seja carente, para começar, — disse ela, pulando da cama. — E alguém que realmente se preocupa com ele. Você sabe que Ash o persegue, porque isso é o esperado. Não é porque ela realmente o ama.

Os olhos de Dawson estreitaram em um olhar astuto.

— Isso tem mais a ver com você e Adam ou Daemon e Ash?

Seus lábios franzidos.

— Nem um pouco.

— Uh huh. — Simpatizando por sua irmã e seu irmão desregrado, ele começou a andar. Os Anciãos não controlavam com quem eles se acasalavam, mas eles faziam sugestões, que eram mais como expectativas. Sua raça estava se esgotando e precisava de repovoamento. Ele entendia isso.

Não significa que ele tinha que concordar com isso.

Mas, por ora, Dawson tinha tido sorte. Não tinha qualquer outra mulher em sua faixa etária aqui, mas um dia ele sabia que outra Luxen mulher seria trazida e ele seria forçado a ir com ela.

37

E deixar sua família para trás.

Ele passou as mãos pelo seu cabelo, já sabendo que ele provavelmente seria um exilado um dia. Ele negaria os desejos dos Anciãos, simples assim. Assim como ele sabia que Daemon faria, porque ele nunca iria acabar com uma Luxen como Ash.

Mas Dee? Ele olhou para ela, sentindo a raiva chegar.

Dee estaria com Adam, quer ela o amasse ou não, e isso o matava. Sua irmã merecia melhor.

Todos eles mereciam melhor.

...

Dawson tinha dormido mal, mas ele acordou e correu para chegar à escola, mesmo que o sol de março já passasse através das nuvens pesadas, derretendo os restos de neve.

Seria uma ótima manhã para matar aula e sair em uma das muitas trilhas, mas não hoje...

Em sua terceira tigela de Count Chocula, ele encostou-se no balcão e esperou.

— Bom dia, mano, — disse ele, observando Daemon se arrastar para a cozinha.

Daemon resmungou algo enquanto ele caminhava em direção à despensa. Pegando um Pop-Tart, ele abriu e devorou a massa sem esquentá-la. Seu olhar foi para cima, encontrando o de Dawson.

— O quê?

38

— Nada, — disse Dawson, engolindo outra mordida. —

Vai ser um dia incrível.

Estreitando

os

olhos,

seu

irmão

perguntou

incisivamente:

— Por que você está tão alegre esta manhã?

— Eu não acho que é possível para qualquer um ser alegre.

Dee apareceu na cozinha, sua luz se apagando e revelando uma cascata de cabelo escuro e ondulado caindo sobre os ombros delgados. Ela agarrou o jarro de leite e foi pegar os Froot Loops. Todos eles estavam comendo o café da manhã dos campeões.

— Bom dia! — Ela chicoteou uma tigela para fora do armário. Daemon arqueou uma sobrancelha.

— Isso é alegria.

— E eu não soei nada desse jeito, — Dawson respondeu. — Só dizendo.

A testa de Dee franziu.

— O que eu estou perdendo?

— Seu irmão está todo animado esta manhã, — disse Daemon. — Para a escola. Há algo de intrinsecamente errado com isso.

Dawson sorriu.

— Há algo de intrinsecamente errado com o fato de que Dee e eu temos que ficar aqui e falar com você enquanto você está só de cueca.

— Isso é verdade, — Dee murmurou, fazendo um movimento de engasgos com o dedo.

39

— Que seja. — Daemon se esticou, exibindo um sorriso preguiçoso. — Não seja ciumento eu sou o irmão mais bonito.

Revirando os olhos, Dawson nem sequer se incomodou apontando o fato de que não havia uma única coisa diferente neles. Bem, exceto o fato de que Dawson tinha uma atitude melhor. Em vez de despejar a tigela e a colher, como ele normalmente fazia, ele lavou e enxugou-os, colocando-os de lado. Dando a volta, ele correu os olhos para trás entre seus irmãos. Eles olharam boquiabertos para ele.

— O quê? — Ele exigiu.

— Você acabou de... limpar um prato? — Dee se afastou lentamente, piscando. Ela olhou para Daemon. — O

mundo vai acabar. E eu ainda sou uma vir-

— Não! — Ambos os irmãos gritaram em uníssono.

Daemon parecia que ele iria vomitar de verdade.

— Jesus, nunca termine essa afirmação. Na verdade, nunca mude isso. Obrigado.

Sua boca se abriu.

— Você espera que eu nunca faça-

— Esta não é uma conversa que eu quero ter no começo do dia. — Dawson pegou sua mochila da mesa da cozinha. — Eu vou sair para a escola antes que isso fique mais detalhado.

— E por que você não está vestido ainda? — Dee perguntou, toda a sua atenção se concentrou em Daemon. —

Você vai se atrasar.

— Eu estou sempre atrasado.

— Pontualidade leva a perfeição.

40

O suspiro de Daemon viajou por todo o andar de baixo.

— É a prática que leva à perfeição, irmã.

— É a mesma coisa.

Houve uma pausa. — Você está certa. Totalmente a mesma coisa.

Quando Dawson chegou à porta da frente, ouviu Dee dizer:

— Você sabe que você é meu irmão favorito, certo?

Dawson sorriu. Uma risada profunda veio da cozinha, e então:

— Eu ouvi você dizendo a Dawson, há dois dias. Eu acho que isso significa que hoje você quer andar comigo.

— Talvez. — Ela falou devagar.

Fechando a porta atrás dele, Dawson saiu e se dirigiu para seu carro. Não demorou muito para que chegasse à escola. Seria mais rápido se ele tirasse a pele humana, mas também difícil de explicar. Já que ele estava adiantado, ouviu música em seu Jetta. Em seguida, ele entrou na escola, bateu o pé na sala de aula, se apressou para a aula de Inglês e sentou em seu lugar, evitando sorrir demais para Kimmy.

Vinte segundos depois, Dawson percebeu que ele não estava respirando. Tipo, sem respirar de verdade. Luxen não precisavam de oxigênio, mas eles passavam a impressão que sim para manter as aparências. Olhando em volta freneticamente, ele ficou aliviado ao ver que ninguém parecia notar.

Jesus. Ele podia ver as manchetes. Aliens entre nós.

41

Corra!

Mas quando Bethany entrou na classe, seu cabelo escuro puxado para trás em um rabo de cavalo baixo, mostrando seu pescoço gracioso, ele podia ter parado de respirar novamente. Mil palavras encantadoras passaram por sua cabeça em um milésimo de segundo, mas ele desviou o olhar para o seu caderno vazio.

Notas? Quem realmente anotava algo em sala de aula?

Dawson queria ver se ela iria falar com ele primeiro. Deus, ele era como uma garota adolescente. Ele estava tão ferrado.

Bethany deslizou ao redor em sua cadeira, puxando uma das pernas contra o peito. Ela girava uma caneta na mão direita.

— Ei, Dawson.

Ela. Falou. Com. Ele. Primeiro. Foi como ganhar na loteria, se dar bem, e subir o mais alto penhasco, tudo de uma vez. Mas ele precisava jogar com calma, porque ele estava tendendo ao ridículo — em um ritmo rápido.

Erguendo o queixo, ele sorriu.

— Você decidiu voltar para o segundo dia. Menina corajosa.

— Eu sou aventureira. O que posso dizer?

Quão aventureira?

— Depois que eu vi a maneira como você lidou com a raquete ontem no ginásio, eu posso imaginar.

Suas bochechas coraram, e isso a deixava ainda mais bonita.

— Eu sou como uma jogadora de ping-pong 42

profissional. Eu tenho habilidades.

Sem perceber, ele estava inclinado para frente. Apenas alguns centímetros separavam seus rostos. Deus, como ele amava o fato de que ela não se afastou ou ficou tímida. Ela olhou para trás, encontrando-o de frente.

Palavras vieram diretamente de sua boca.

— O que você fará neste fim de semana?

A caneta que segurava na mão dela parou de se mover.

Ela piscou os olhos, como se estivesse surpresa, e, em seguida, seus cílios bateram de volta.

— Meu pai está trabalhando a semana toda, então nós quase não o vemos, e temos tempo para a família no sábado com o tio Will... — Ela parou. — Mas eu estou livre no domingo.

Domingo parecia muito longe, mas ele ia aceitar. —

Você gostaria de almoçar?

Seus lábios rosados formaram um O e, em seguida, formaram um sorriso.

— Você está me convidando para sair, Dawson?

Antes que ela pudesse responder, Daemon caminhou pelo corredor, seu olhar agudo à deriva sobre o rosto virado para cima de Bethany. Ele deu-lhe um ligeiro piscar e um sorriso. O sorriso que ele dava às pessoas normalmente antes que ele as comesse vivas.

Bethany sorriu de volta.

Dawson queria surrar seu irmão no chão. A reação territorial causou um choque em seu intestino com a realidade que não passou despercebido por Daemon. Seus 43

olhos se estreitaram. Utilizando o seu caminho de comunicação preferido, ele enviou a seu irmão uma pequena mensagem. *Pare com isso, irmão.*

Não havia um lampejo de emoção na expressão de Daemon. *O que estou fazendo?*

Dawson começou a disparar de volta, mas parou. Sobre o que diabos ele estava advertindo o seu irmão? Olhar para Bethany errado? Daemon não recuava para longe de fêmeas humanas, mas ele também não tinha o hábito de ir atrás delas.

Decidindo ignorá-lo por agora, porque ele tinha certeza de que ele teria que se explicar depois, se focou no que era importante.

Bethany.

— Estou chamando você para sair? Isso é o que parece.

Atrás dele, Daemon parecia que ele estava sufocando, e depois na cabeça de Dawson, *Que diabos, irmão?*

Dawson não respondeu, mas não havia dúvida da tensão saindo de Daemon, nem da conversa que Dawson sabia que ia acontecer, mas estranhamente, ele realmente não se importava.

Ele sorriu para Bethany.



Capítulo 4

ethany estava em uma espécie de choque. Sim, ela esperava que Dawson conversasse com ela, B talvez até mesmo paquerar um pouco, mas convidá-la para sair? Logo de cara? Ela ficou surpresa... e impressionada.

— Ótimo. — Ela olhou para a caneta entre os dedos, imaginando como ela iria sair de casa com um menino. —

Hum, eu deveria encontrá-lo em algum lugar...?

Um brilho de satisfação aprofundou o tom de seus **45**

olhos verdes.

— Eu posso buscá-la.

Oh, não, não. Ela podia ver o olhar perspicaz de sua mãe preparando Bethany para o inevitável interrogatório. O

constrangimento já passando por ela, fazendo com que os dedos apertassem a caneta.

— Hum, eu prefiro encontrá-lo em algum lugar. Nada pessoal, mas os meus pais-

— São rigorosos? Totalmente OK. — Ele não perdeu o ritmo, e ela apreciava isso. — Há uma lanchonete na cidade.

Nada de especial, mas a comida é ótima. The Smoke Hole Diner, já ouviu falar dela?

Ela não tinha, e Dawson rapidamente mostrou a direção. Nada era muito difícil de encontrar em Petersburgo,

desde que não fosse perto de um monte de estradas vicinais que pareciam todas as mesmas para ela.

Enquanto conversavam, Bethany notou várias meninas, ou seja, uma loira na frente dela, ouvindo tudo descaradamente. A loira tinha o corpo e rosto perfeito —

pequena, parecendo alegre. Estando mais perto do tamanho M, Bethany se sentia como o Godzilla apenas por sentar atrás dela. E então ela percebeu o gêmeo de Dawson.

Ele também estava ouvindo.

Sobre o ombro de Dawson, ele observava com os olhos apertados. Algo em sua expressão dura disse que não estava muito satisfeito com o que ele estava ouvindo. O músculo batendo em sua mandíbula também o entregou um pouco.

Seja qual fosse o seu problema, Bethany não sabia, **46**

mas ela decidiu que seria melhor ficar longe dele.... e da Barbie.

A aula começou. Orgulho e Preconceito estava na lista de leitura. Resmungos vieram da maioria dos caras na sala quando o Sr. Patterson entregou os

romances. Ela já tinha lido o livro — três vezes — então o ensaio sobre as questões sociais da época seria fácil.

Colocando o romance em sua mesa, ela desejou se concentrar na aula, mas sua mente continuava indo para o menino atrás dela. Sua loção após barba ou seria mesmo uma loção após barba? — tinha um aroma de bosque, aroma de ar livre que lembrava fogueiras.

Um cheiro muito agradável.

Original e nada infantil sobre o assunto. Inferno, não havia nada de menino sobre Dawson. Ele era, obviamente, da sua idade, dezesseis anos, mas se ela tivesse encontrado com ele do lado de fora de sua escola, ela teria comparado ele com um cara de faculdade. Ele tinha uma confiança extraordinária, algo que a maioria dos meninos não tinham nesta idade.

Talvez ela estivesse fora de alcance com esse. Caras como ele tendem a ter um harém inteiro de namoradas.

Namoradas como Barbie. Não garotas que normalmente tinham tinta sob suas unhas.

Olhando para sua mão, ela se encolheu. Tinta verde estava sob seu dedo mindinho da noite passada. Carmesim manchou suas bochechas. Ontem à noite, ela tinha pintado o **47**

rosto de Dawson, embora ela tenha dito a si mesma para não fazer. Mas ela fez isso e algo mais.

Caramba. Obsessões sempre começavam com a pintura do rosto de alguém, não é?

Mordendo a tampa da caneta, ela fingiu que esticava o pescoço para a esquerda, depois à direita. Olhando por cima do ombro, ela viu Dawson olhando para ela com aqueles olhos intensos.

Seus olhares se encontraram.

E o ar foi direto para fora de seus pulmões. Mais uma vez, o poder

concentrado em seu olhar enviou um arrepio dançando sobre sua pele. Como no corredor ontem, ela sentiu o desejo voltar. Porque tudo o que estava em seus olhos... não era normal, era um poder real que ela não poderia capturar

em uma pintura. Uma qualidade quase luminosa que não podia entender direito.

Ele piscou, e maldito seja quem não achasse sexy. Não era pervertido ou estúpido de jeito nenhum. Era o tipo de piscadela que estrelas de cinema faziam na tela. Algo que ninguém na vida real poderia recusar.

Sim, fora de seu alcance. Excitação correu através dela.

Sorrindo para sua caneta, ela enfrentou a frente da classe antes que o professor percebesse algo.

Meu Deus, ela estava a segundos de derreter em uma piscina inútil de paixonite de garotas.

Quando a campainha tocou, Dawson já estava de pé, ao lado de sua mesa. Seu irmão parou atrás dele e lá permaneceu enquanto Bethany empurrou seus livros em sua **48**

bolsa e se levantou. Parecia que alguma coisa não dita aconteceu entre os gêmeos, porque Dawson sorriu para seu irmão.

O gêmeo finalmente se afastou de Dawson, olhando por cima do ombro com um sorriso torto.

— Comporte-se. — Foi tudo o que disse. Em voz alta, pelo menos.

As sobrancelhas de Bethany se ergueram.

— Uh...

— Ignore o Daemon. Isso é o que eu faço a maior parte do tempo. — Dawson estendeu o braço, e ela deslizou na frente dele. — Ele tem habilidades sociais pobres.

Incerta se ele estava brincando, ela decidiu deixar pra lá.

— Deve ser legal, ter um irmão gêmeo, apesar de tudo.

— Ah, não tenho certeza se legal a palavra certa. — Ele abriu um sorriso. — Mas nós não somos gêmeos.

No corredor lotado, Bethany franziu a testa.

— Vocês não são? Poderiam ter me enganado e ao mundo.

Sua risada rouca, profunda, e muito boa de ouvir.

— Somos trigêmeos.

Os olhos dela se arregalaram.

— Caramba, existem três de vocês?

— Temos uma irmã. — Ele andou perto dela, para que seus ombros esbarrassem ao caminhar. Ela descobriu que era deliciosamente perturbador.

— Ela é fraterna e muito mais bonita do que nós.

49

Havia três deles, mas era uma menina. Trigêmeos.

Loucura.

— Vocês são próximos?

Ele acenou com a cabeça, seguindo-a até as escadas como ontem.
Aparentemente, chegar na hora para a aula não era grande coisa para ele.

— Sim, somos próximos. Especialmente Dee, minha irmã, e eu. Ela é uma boneca. — Ele fez uma pausa, inclinando seu corpo em torno de um bando de estudantes.

— Daemon não é tão ruim. O menino daria seu braço esquerdo por nós dois. Você tem irmãos?

— Um irmão, meio-irmão. — disse ela, sorrindo.

Quando ele falou de sua irmã e irmão, era amor de verdade em sua voz. Tão raro hoje em dia.

A maioria de seus velhos amigos em Nevada não faziam nada além de reclamar de seus irmãos e irmãs.

— Ele tem apenas dois anos.

— Ah, um bundinha...

Bethany parou bem no meio do salão.

— O que você disse?

As sobrancelhas de Dawson abaixaram.

— Uh, eu disse bundinha. Espero que não seja, uh, ofensivo?

— Não. — Ela olhou para ele, o que por si só era uma proeza. — É exatamente do que eu chamo Phillip —

bundinha. Esse é o seu apelido.

A expressão de Dawson relaxou em um sorriso.

— Sério? Isso é tão engraçado. Daemon e eu chamamos **50**

Dee disso o tempo todo. Ela odeia.

Cruzando os braços, ela encontrou seu olhar.

— Você assiste muita TV?

— Só quando Daemon me obriga.

Santo Deus...

— E filmes?

O sorriso chegou a seus olhos.

— Não sou um grande fã. Eu sou um tipo de cara ao ar livre. Eu prefiro sair para caminhadas a ficar sentado.

Ela pensou na pintura e como ela preferia estar fazendo isso a qualquer outra coisa. Havia apenas mais uma coisa.

— Você ama açúcar? Tipo, sempre tem que comer muito açúcar?

Ele riu.

— Sim, mais alguma pergunta? O sino está prestes a tocar.

Amor a açúcar tinha que significar o amor verdadeiro.

Tinha que ser. Um sorriso se espalhou pelo rosto dela, tão grande que ela deveria ter ficado constrangida.

— Não. Isso é tudo.

— Ótimo. — Ele estendeu a mão, colocando uma mecha de cabelo que tinha escapado, do seu rabo de cavalo, para trás da orelha. O toque de seus dedos através de sua pele passou através de seu sistema como um raio. — O que vai fazer depois da escola? Quer pegar algo para comer?

— Eu pensei que nós faríamos isso no domingo?

— Sim, iremos, mas eu só queria fazer planos para este 51

fim de semana. Isso não tem nada a ver com o de hoje.

Sua boca se abriu e uma risada escapou. Deus, ele era apenas... não havia palavras. Mamãe estaria esperando ela em casa depois da escola, e isso é o que ela deve fazer. Planos tinham sido marcados para domingo, o que parecia tão longe.

Faltando dias...

O sinal de alerta gritou, fazendo-a saltar.

— Bethany Williams. — Ele disse o nome dela provocando.

Os cílios levantaram e ela começou a sacudir a cabeça.

— Sim.

...

Bethany deveria ter sabido que Dawson Black era um problema com um P maiúsculo, tudo junto em um metro e oitenta, de massa muscular magra e um sorriso desarmado, no momento que ela o viu. Os meninos são tão complicados.

E os meninos como Dawson? Ah, muito mais complicado.

A maioria dos caras não tem um pinga de carisma que ele exalava. Não é à toa que ela gostava dele e já estava planejando dizer a sua mãe que ela iria

ficar na escola depois da aula para fazer algumas coisas de arte. Uma mentira fácil, plausível, já que ela tinha feito muito trabalho extracurricular várias vezes por semanas em Nevada. Que ela já estava tão disposta a mentir por ele apenas salientava em sua mente o fato de que ela gostava demais dele.

E eles só tinham se falado algumas vezes. Bethany ainda não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou ruim.

Ela não esperava a rapidez com que ele a encantou. E

ela realmente não estava preparada para a sensação de um vazio na boca do estômago ao vê-lo correr até a esquina da sala de ciências. Deus... ela realmente já sentia falta dele.

Ela definitivamente não estava olhando por cima do ombro no corredor, para ele, quando ela parou em seu armário antes do almoço. Não... Nem um pouco. Sua mente não estava embrulhada por um rapaz que ela acabou de conhecer. E ela definitivamente não iria comprar cada cor de verde para os olhos que brilhavam como esmeraldas polidas.

Bethany ficou à deriva pelo resto de suas aulas, nervosa e animada e acabou como a bola apertada de

elásticos que Simon Cutters sempre tinha na mão ao longo da aula de química. Depois que ele a atirou no ar pela quinquagésima vez, queria agarrá-la e jogá-la através das janelas em sua sala de aula.

No ginásio, ela ficou procurando por Dawson, que estava em outra mesa jogando ping-pong contra Carissa, uma menina tranquila, com os óculos mais legais que Bethany já tinha visto. Seu olhar foi direto de volta para ele.

Caramba, ele fazia uma camiseta branca comum ser uma coisa a ser cultuada.

Com cada batida da raquete, a camiseta se esticava sobre os músculos tensos. Será que ele corria? Se exercitava muito? Os adolescentes geralmente não tinham esse tipo de corpo rígido.

53

Dawson bateu a bola em direção a Carissa novamente.

Ela perdeu, e nesse pequeno espaço de tempo, enquanto ela pegava a bola, ele olhou para Bethany e sorriu.

Seu coração pulou para fora de seu peito. Ruim, oh tão ruim.

Uma bola de plástico amarelo passou pelo seu rosto, quase beijando a bochecha dela.

Kimmy, sua parceira, bateu as mãos nos quadris.

— Você não está nem prestando atenção.

Ela estremeceu, porque ela não estava prestando atenção mesmo.

— Desculpe, — ela murmurou, virando-se e procurando no chão pela maldita bola. Ela fez todo o caminho até a arquibancada. — Eu vou buscá-la.

Kimmy suspirou, estudando as unhas bem cuidadas.

— Sim, não é como se eu estivesse planejando ir em primeiro lugar.

Ignorando-a, Bethany caminhou até a bola. A coisa toda de olhar já estava passando dos limites, e ela teve a sensação de que iria piorar. Mesmo agora, ela estava lutando contra o desejo louco de olhar por cima do ombro para ver se ele estava olhando para ela. Parecia que ele estava. Parecia que ele estava. Os músculos de seu pescoço apertaram.

Absolutamente não. Seus dedos se contraíram ao redor da raquete. Ela se inclinou e—Uma mão dourada chegou na bola antes que ela pudesse pegá-la. Assustada, ela deu um passo para trás quando seu olhar desviou... e subiu. Diabos, de onde ele **54**

tinha vindo? Era o loiro do corredor de ontem, o menino modelo perfeito com

cabelo ondulado que continuava a cair nos olhos azuis cristalinos. Se ela se lembrasse corretamente, ele tinha estado, a pelo menos, quatro mesas além, e havia uns bons cinco metros entre cada uma deles. Ela ainda não tinha visto ele se mover, e não era como se você pudesse perder algo lindo assim andando por aí.

Ou talvez ela só tivesse um caso grave de Dawson no cérebro.

— Hum, obrigado por pegar... — As palavras dela sumiram quando seus olhos se encontraram. A frieza em seu olhar a congelou. Ele não fez nada para esconder seu desgosto. Praticamente saia dele e se arrastava sobre sua pele como uma dúzia de aranhas.

— Qual é o seu nome? — Ele exigiu.

Bethany piscou. O som de sua voz combinava com seus olhos. Frígido. Difícil. Cheio de ódio esnobe. Em sua antiga escola, ela tinha recebido esse tipo de olhar mais do que algumas vezes, especialmente depois que ela e Daniel tinham se separado. Ele tinha sido o popular...

O menino sorriu.

— Você tem um nome, certo? Ou você não entende Inglês?

Um fluxo quente passou sobre suas bochechas, deixando-a de um tom vermelho-cereja, ela tinha certeza. Ela abriu a boca, mas nada saiu. Confronto não era a praia dela e isso era um confronto. Ok, então ela não tinha nenhum problema de brigar com sua mãe sobre as coisas, mas com 55

outras pessoas? Sim, ela olhou para ele como se ela fosse muda.

Ele se aproximou dela, e mesmo que a fez se sentia louca por pensar isso, ela poderia jurar que as ondas de calor explodiam para fora dele como se ele fosse uma espécie de radiador elétrico. Suor pontilhou sua testa.

— Eu disse, qual é o seu nome?

— O nome dela não é da sua conta, — uma voz profunda suave cortou a conversa.

Dawson estava ao seu lado, mas ele estava encarando o outro garoto. Ele inclinou a cabeça para o lado. "Dê-lhe de volta a bola, Andrew."

A temperatura no ginásio disparou. As crianças estavam começando a olhar.

Os lábios de Andrew se curvaram em um meio sorriso.

— Ou você tem um problema de compreensão em Inglês? — perguntou Dawson. Havia um sorriso em seu rosto, mas pela maneira como seus músculos estavam tensos, ele estava a um segundo de tomar a bola do outro garoto.

Tudo isso por uma bola de ping-pong? Completamente bizarro. Ela limpou a garganta e estendeu a mão.

— Meu nome é Bethany. Agora posso por favor ter a minha bola de volta?

— Isso não foi tão difícil, foi? — Os olhos de Dawson nunca deixaram os de Andrew.

— Nós vamos conversar em breve.

— Ou não. — Respondeu Dawson.

Andrew deixou a bola cair em sua mão estendida, com **56**

uma sobrancelha arqueada. Então ele girou em direção a sua mesa.

— Uau — ela murmurou, sem saber o que fazer com tudo isso.

Dawson pigarreou.

— Ele é um pouco... ah, sim, Andrew é apenas um jumento da mais alta ordem. Ignore-o.

Bethany acenou com a cabeça e olhou para a palma da mão, sugando uma respiração afiada. Santo Cristo... A bola de ping-pong tinha se derretido em um círculo irregular.



Capítulo 5

stranhando ao máximo a hostilidade do Andrew em sua direção e o derretimento da bola de ping-E pong, Bethany demorou para se lavar e se trocar depois da aula. Algo estava acontecendo entre os dois rapazes, como se eles estivessem se comunicando através de olhares de ódio. Lembrou-se da maneira que Dawson e seu gêmeo tinham agido naquela manhã. Como se os seus olhares de ódio fossem algo totalmente diferente.

Balançando a cabeça, ela tirou a banda de seu cabelo e **57**

passou a escova por ele, então ela jogou a escova na bolsa e se virou, deixando escapar um gritinho.

Kimmy estava atrás dela, os braços delgados cruzados sobre o peito. Lábios com tanto gloss que parecia uma mancha de óleo.

— Deus, você me assustou. — Bethany pegou sua bolsa, deslizando-a por cima do ombro, e esperou por Kimmy dizer alguma coisa. Nada. E esperou um pouco mais.

Silêncio. Ookay. — Você precisa de algo? Porque eu estou atrasada.

— Atrasada para quê? — ela perguntou.

Bethany olhou para ela. Como se suas idas e vindas eram da conta da Barbie. Acho que não. Ela deu um passo à sua volta.

— Vejo você depois.

— Espere. — Kimmy correu na frente dela, bloqueando as duas portas. — É verdade que Dawson chamou você para sair? — Ela não esperou por uma resposta. — Porque eu o ouvi perguntar a você durante a aula mais cedo e minha amiga Kelly disse que ele lhe pediu para fazer algo hoje, também.

Se ela o tinha ouvido na sala de aula, por que ela estava perguntando agora?

— Olhe, me deixe te dar um conselho. — Ela sorriu, uma pobre tentativa de ser gentil, como se ela estivesse falando com um amigo querido. Foi assim, tão falso. —

Dawson é um jogador. Passou por toda a escola e além. O

irmão dele também, e eles gostam de mexer com as pessoas.

Fingindo ser o outro, se você me entende.

Decepção cravou fundo. As memórias de seu relacionamento com Daniel apareceu e brilhou em sua mente. Velhas feridas foram abertas, e ela deixou escapar:

— Por que você está me dizendo isso?

Kimmy deu-lhe um olhar ‘você está falando sério?’.

— Você é a nova garota. Por que outra razão você acha que ele está tão interessado em você? — Seu olhar percorreu os jeans de Bethany e a camiseta dela como se ela realmente não conseguisse entender. — Eu só estou tentando fazer a minha boa ação do dia te avisando. Aquele garoto... bem, ele esteve por aí.

Com isso, Kimmy girou nos calcanhares e desfilou para fora.

— Que diabos? — Bethany disse em voz alta, sua voz ecoando na sala vazia. Será que todos na escola eram sempre assim tão simpáticos? Nossa.

Respirando fundo, ela deixou o vestiário, dizendo a si mesma para não dar atenção ao que Kimmy tinha dito. Pode ser ciúme. Poderia ser maldade pura.

Ou poderia ser verdade, sussurrou uma voz ruim, desagradável. Por que ela se surpreenderia se fosse? Ela não se surpreenderia. Ambos os irmãos eram gostosura encarnada. Ela seria estúpida em acreditar que Dawson não tinha um acre de ex-namoradas. Empurrando a porta com mais de um soco do que o necessário, ela se perguntava se deveria cancelar com ele. A última coisa que ela precisava era de ser mais um nó na cinta dele, não importa o quão bom o

cinto era. E o fato de que ela já estava irritada com a ideia contava muito.

Ela estava muito afim dele.

E ele estava esperando por ela no corredor, encostado a uma estante de troféus, as mãos enfiadas nos bolsos da calça jeans. Ele deve ter tomado banho, porque mechas de cabelo escuro se enrolavam sobre a testa. A camiseta de decote em V

se agarrava a seus ombros.

Seu coração deu um tamborilar em seu peito com a visão dele. Ela parou, segurando a alça de sua bolsa.

— Ei.

Ele não sorriu, só a olhava com os olhos intensos.

— Eu queria pedir desculpas pelo meu amigo.

Aquele idiota era amigo dele.

— Não é culpa sua, mas talvez-

— Sim, é um pouco. — Empurrando o armário, ele passou a mão pelo cabelo. — Eu sei que não faz sentido, mas eu estou arrependido que ele tenha sido tão idiota com você.

E eu espero que você não mude de ideia sobre sairmos para comer. Não que eu te culpe se você não quiser.

Agora ela estava confusa. Sim, ela estava repensando sua decisão, mas não por causa de Andrew. E ela realmente não conseguia entender o porquê do comportamento de seu amigo ser problema dele. Mas a sinceridade na voz e os olhos de Dawson a pegaram. Jogador ou não, ele se sentiu mal quando ele não tinha nenhuma razão para isso.

Dawson balançou a cabeça lentamente, como se a sua falta de resposta tivesse sido um não.

— Tudo bem, eu acho que é o que é.

Sua boca se abriu, mas não saiu nada. Por que isso continuava acontecendo perto dos meninos em Virginia Ocidental? Ali de pé diante dele, ela olhou, querendo dizer que estava tudo bem e que, ainda assim, contra todo o bom senso, queria sair para comer com ele. Queria sair e serem amigos... talvez até mais do que amigos.

Mas ela não disse nada.

Dando um leve sorriso, deu um passo à frente.

— Você tem um pedaço de papel e uma caneta?

— Ah, com certeza. — Ela cavou os itens de sua bolsa e os entregou. Ele imediatamente começou a rabiscar alguma coisa. — Dawson, eu realmente-

— Está tudo bem. Aqui. — disse ele, entregando-lhe o papel e caneta. — Esse é o meu número. Me ligue a qualquer hora, se quiser. E mais uma vez, me desculpe.

Ela olhou para o pedaço de papel de caderno, surpresa ao ver que sua caligrafia era tão fluida e graciosa quanto seus movimentos. Quando ela olhou para cima, Dawson já tinha ido embora.

...

Dawson estava chateado. Ele queria ir até a casa do idiota e dirigir seu carro por cima dele. O fato de que ele gostava de seu Jetta era a única coisa que o impediu de fazer uma nova entrada na casa dele. Bem, e Adam, o gêmeo bom, **61**

como ele viria a se referir a ele, era um cara muito legal. Ash também era, quando ela não estava com Daemon.

Andrew tinha um problema com Bethany só porque ele tinha visto Dawson a olhando no ginásio, e, claro, ele era um pirralho curioso. Além de todos os Luxen que viviam fora da comunidade, Andrew era o único que parecia mais adequado para viver entre os de seu tipo.

No meio do caminho para a casa dele, o telefone de Dawson tocou. Esperando que fosse Bethany e se sentindo como um idiota por pensar isso, ele se inclinou para trás e tirou o iPhone fino do bolso da frente.

E claro que era seu irmão querido. A mensagem era curta e direto ao ponto.

Venha para casa agora.

Parte dele queria dizer dane-se e ir a qualquer lugar a não ser em casa, mas ele ia ter que ir lá algum dia. No entanto, ele ia desacelerar para algo mais próximo do rastejar, marcando a linha de caminhões com adesivos como *Mulheres de verdade amam carros, mas os Caminhões fazem melhor.*

A estrada sinuosa até a sua casa estava silenciosa e vazia, como toda casa que compartilhava da mesma rua. Mas a sua entrada estava lotada. Ótimo.

Saindo do carro, ele fechou a porta.

Um grupo de Luxen estava esperando por ele lá dentro.

Seu irmão e irmã, Adam, Andrew, e Ash, e até mesmo Matthew, o guardião não oficial deles, estava lá.

Dawson se inclinou contra a porta, cruzando os braços.

— Isso é uma intervenção? Eu mal posso esperar para ouvir seus argumentos.

Os olhos de Daemon brilharam com luz branca.

— Me diga que não é verdade.

— Não sei do que ‘é’ que se trata.

Esparramado no sofá ao lado de Ash, Andrew arqueou uma sobrancelha.

— Você queria ficar com todo brilho intenso em mim e me surrar até o chão na aula de ginástica por uma garota.

Uma. Garota. Humana.

Dawson sorriu.

— Eu quero bater em você todo dia, Andrew. Hoje não foi exceção.

Andrew revidou.

— Seu. seu, mer-

— Não, — retrucou Daemon, se virando para Andrew tão rapidamente que o loiro tinha que ter visto sua vida passar diante dos seus olhos. — Nem pense em xingar meu irmão.

Segurando as mãos, Andrew disse:

— Que seja, cara. Tudo o que eu estou dizendo é que o seu irmão queria virar Chuck Norris em cima de mim por causa de uma garota humana hoje.

Dawson desejou que ele tivesse.

— Preciso lembrá-lo que você derreteu uma bola de ping-pong com a sua

mão?

Razão deu um passo à frente na forma de Matthew.

— Isso é verdade, Andrew?

63

Andrew revirou os olhos.

— Foi apenas uma bola de ping-pong.

O rosto de Matthew franziu.

— Espere. Isso tudo é sobre uma bola de ping-pong?

— Não. — disse Andrew ao mesmo tempo em que Dawson respondeu com um "Sim".

— Já estou ficando com dor de cabeça. — Adam suspirou. — E nem começou.

Dawson também. E tinha um nome. Ele olhou para Andrew.

— Isto não é sobre qualquer coisa. Eu não sei por que tivemos que chamar uma reunião para isso.

Seu irmão cruzou os braços, espelhando a sua posição.

— É sobre Bethany?

— Sim — exclamou Andrew.

— Quem é Bethany? — perguntou Ash, parecendo aborrecida, mas sua voz era astuta. Sem dúvida, ela estava preocupada com a concorrência por Daemon.

— Ela é uma garota-

— Uma garota? — Dee puxou o nariz para fora de uma revista. — Que garota? Ela é legal? Eu a conheço?

Oh, pelo amor de todas as coisas sagradas. Dawson gemeu.

— Bethany é uma garota da escola. E eu não vejo qual é o grande problema. Nós apenas conversamos.

Dee olhou cabisbaixa.

— Então eu não a conheço?

— Não. — Sua paciência estava se esgotando. — Eu **64**

não acho que você tem aulas com ela.

— Mas ela é humana? — Dee olhou ao redor da sala, arqueando as sobrancelhas. — Então, eu estou com Dawson nessa. Qual é o problema? Não é como se não fosse permitido... — Suas bochechas de repente combinavam com a cor de um tomate. — Eu não entendo. — ela terminou.

— É verdade que não há regras que proíbam qualquer um de nós... de ter relações, mas não é sábio. — Matthew parecia como quando ele tentou explicar a mecânica do sexo há vários anos atrás. Tinha sido terrível para todos eles. — O

DOD não desaprova, e não há realmente um motivo para isso.

— É muito perigoso para os seres humanos. — disse Daemon, desdobrando seus braços. Sentou-se no braço da

cadeira onde Dee estava sentada. — Se o DOD suspeitar que alguém descobriu sobre aliens, o ser humano pode dizer adeus. Sem mencionar o risco de acendê-la toda.

Dawson revirou os olhos.

— Sim, porque eu pretendo transformar cada ser humano que encontro em uma bola de discoteca só para me divertir.

As sobrancelhas de seu irmão baixaram em um aviso claro.

Ele suspirou.

— De qualquer forma, não é grande coisa.

— Você ameaçou Andrew por ela? — perguntou Matthew, parecendo que esperava seriamente que Dawson não tivesse. Bem, então, ele iria ficar de boca fechada, porque **65**

ele não ia gostar da resposta. — Dawson?

— Possivelmente...

Andrew lhe lançou um olhar brando.

— Eu iria com o sim.

Cara, ele queria muito bater em Andrew.

— O que você disse? — Daemon perguntou, e Dee observou com interesse.

— Tudo bem. — Dawson resmungou. — Eu disse a ele que se ele falasse com Bethany, novamente, eu ia enfiar uma determinada parte do corpo em sua boca.

Daemon disparou uma infinidade de palavrões. Muito imaginativo, também, e até Matthew parecia impressionado.

Quando ele terminou, ele disse:

— Você ameaçou um de nós por uma garota humana?

Dawson deu de ombros.

Lá vieram os palavrões de novo.

— Adicione isso ao jeito que você a olha, e nós temos um problema.

— Como ele olha para ela? — perguntou Dee, parecendo ridiculamente inocente. Todos os caras gemeram.

— O quê? — Ela exigiu.

— Ele olha para ela como se ela fosse... — Houve uma pausa estranha, quase como se Daemon realmente não soubesse como se expressar, como se ele nunca tivesse olhado para uma menina assim antes, e ele não tinha. —

Como se ela fosse o melhor bife que existe e ele estivesse morrendo de fome.

As sobrancelhas de Dawson dispararam. Era assim que **66**

ele olhava para Beth? Como se ela fosse um bife?

— Você nunca olha para mim desse jeito. — Ash fez beicinho.

Daemon olhou para ela. Definitivamente não era assim.

— Que seja. — disse Dawson. — Além do fato de que agora vou pensar em bife cada vez que ver a Bethany, não tem nada acontecendo. Eu gosto dela. Ela é legal. Então o quê? Vocês não têm nada com que se preocupar.

Seu irmão franziu a testa quando olhou para Andrew.

— O que você disse para a garota?

Andrew não disse nada.

— Ele ficou exigindo o nome dela como um louco. —

Dawson suspirou, tão cheio dessa conversa.

— Bem, para mim, soa como o ódio normal do ser humano. — Adam olhou para seu irmão gêmeo. — Você está todo irritado sem motivo... como sempre. Não é grande coisa.

Não foi uma grande coisa para eles, mas para ele?

Dawson desejou que não fosse. Seus ombros caíram quando ele se dirigiu para as escadas, terminando esta conversa. O

que seja que tinha acontecido entre ele e Bethany, terminou antes mesmo de começar. Olhando por cima do ombro, ele tentou ignorar o peso esmagador

pairando sobre o seu peito.

"Não há nada com que se preocupar. Graças a Andrew, ela não quer nada comigo." Andrew parecia orgulhoso.

— Então, sim, não há nada com que preocupar.



Capítulo 6

Bethany olhou para o pedaço de papel amassado que continha o número de Dawson. Passando B das dez, já era tarde, provavelmente tarde demais para estar ligando para a casa dele, se os pais dele forem parecidos com os seus. E ela realmente não deveria estar ligando, especialmente se o que Kimmy disse era verdade.

Mas quando ela começou a aceitar a palavra de uma completa estranha?

Quando ela deveria ter ouvido a menina que contou a **68**

ela que Daniel a estava traindo, aí era a hora. Bethany não tinha escutado e acabou o encontrando na biblioteca com outra garota, com as mãos onde não deveria, e se beijando como se ele estivesse amarrando uma haste de cereja na língua dela.

Na sexta-feira antes do baile.

Idiota.

Ela olhou para o pedaço de papel pela milésima vez e, em seguida, para o telefone. Devo fazer isso? Eu poderia? Eu iria? Seu olhar correu para o cavalete. Mesmo no escuro, Dawson olhou para ela. A curva de sua mandíbula forte, as grandes maçãs do rosto, o nariz e os lábios que eram ligeiramente inclinados, tudo estava nele. Mas os olhos

estavam todos errados. Nenhum tipo de mistura de tintas tinha capturado a cor certa de verde.

Seu olhar girou de volta para o pedaço de papel.

Ela decidiu que só iria digitar o número em seu telefone e isso era tudo. O que seu dedo fez em seguida, apertar a teclar Chamar, foi completamente fora de seu controle.

Com seu coração dando polichinelos em seu peito, ela ouviu o telefone tocar uma vez... então duas vezes.

— Olá? — Uma voz profunda veio através da linha.

Porcaria. Bethany não tinha a intenção de ligar para ele. Realmente, ela não tinha. Ela não tinha controle sobre seu dedo. E ela também encontrou-se muda. Novamente.

Uma porta se fechou na outra extremidade do telefone.

— Bethany?

69

Ela piscou.

— Como... como você sabia que era eu? Eu não dei meu número para você.

A risada aliviada a fez sorrir.

— Eu não dou meu número para muita gente. Então você é o único número desconhecido que deve tê-lo.

Surpresa fez com que ela caísse na cama, com as pernas se enroscando com o edredom.

— Você não?

— Eu não faço o quê?

— Dá o seu número de telefone para muita gente? — E

cara, esse era um bom jeito de começar a conversa. Siiim.

— Ah, não, eu não. — Molas de cama gemeram, e todo o seu corpo ficou confuso com a visão repentina dele na

cama. Ela precisava sair do telefone o mais rápido possível, mas ele continuou. — Na verdade, eu não me lembro da última vez que eu dei meu telefone a uma garota.

Parte dela queria acreditar nele, mas ela não era tão estúpida.

— Hum, eu vou ser sincera aqui.

— Ótimo. Eu quero que você seja sincera.

Ela fechou os olhos.

— Eu tenho dificuldade em acreditar que você não dê o seu telefone a garotas.

— Eu não dou. — Mais rangidos, como se ele estivesse se arrumando. — Mas isso não significa que eu não tenha conseguido o número delas.

Algo como um ferro em brasa passou por seus olhos.

Não. Podia. Ser. Ciúme. — Existe uma diferença?

— Muita — disse ele. — Dar a alguém o meu número significa que ela pode entrar em contato comigo sempre que ela quiser. Na maioria das vezes, eu não quero isso. Ter o número de outra pessoa é totalmente diferente. Entende o que estou dizendo?

Um segundo se passou. Sim, ela entendia. Ou seja, ele só dava o número dele a pessoas que ele realmente queria que ligasse. Não a qualquer um. E de alguma forma ela tinha caído nesse grupo privilegiado.

— Oh, ok. Hum, obrigado?

Dawson riu.

— De qualquer forma, eu estou realmente feliz que você ligou. Eu não estava esperando por isso.

Nem ela estava.

— Eu pensei que depois de tudo com Andrew...

— A estranheza do seu amigo não tem nada a ver com você. — Decidindo ser sincera, ela respirou fundo. — Na verdade, eu ainda queria sair para comer com você depois da escola hoje. — Porque eu sou uma idiota. — E eu fiquei um pouco decepcionada quando você saiu. — Porque eu sou realmente uma idiota. — Então, sim, isso é tudo que tenho a dizer.

O

silêncio

estendeu

entre

eles,

e

Bethany

imediatamente se lamentou de abrir sua boca grande.

— Tudo bem. Talvez eu tenha interpretado mal-

— Não. Não! — Ele disse rapidamente. — Estou surpreso. Eu pensei... Não importa. Você ainda quer pegar **71**

algo para comer domingo?

— Sim. — A voz dela saiu em um sussurro ofegante, como se ela tivesse acabado de correr um lance de escadas...

ou trabalhando como operadora de sexo por telefone. Que vergonhoso.

— E amanhã?

Bethany riu.

— Você... você não pode esperar até o domingo?

— Claro que não. É difícil conhecer você quando temos apenas alguns minutos antes da aula para conversar. — Ele parou e cara, sua voz caiu baixo o suficiente para enviar um arrepio através dela. — E eu realmente quero conhecer você.

A parte de trás de sua cabeça bateu nas almofadas pesadas no topo da sua cama. Ela tinha uma decisão a



tomar. Escutar o que disse Kimmy e a seus próprios antigos medos, ou ir com o fluxo, onde quer que isso possa levá-la.

Olhando o teto, ela lutou contra um grande sorriso pateta.

— Nós podemos nos conhecer agora, certo?

Outra risada profunda a fez sentir diferente.

— Eu estou gostando de como isso está indo.

Ela também.

Daemon rondou os bosques que rodeavam a casa de sua família. Ventos brutais batiam, vindos das montanhas se aproximando e rolando direto nele. Droga, estava frio lá fora.

Tão frio que ele desejou que tivesse pegado uma jaqueta por uma vez em sua vida.

Enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans, olhou para o lago congelado, que visitou mais vezes do que poderia contar. Luar refletia no gelo, lançando uma luz prateada que lembrava uma lâmina bem polida.

Sendo que ele estava em patrulha, a última coisa que deveria estar fazendo era estar aqui, pensando sobre a vida amorosa de seu irmão como uma maldita garota intrometida.

Havia outro Arum por perto. Ele não tinha visto um desde que ele puxou o outro de seu irmão e o matou, mas ele sentia em seus ossos. Bem, nos seus ossos humanos. Que seja.

Mas, em vez de se concentrar em procurar pela cidade como deveria, ele estava preocupado... enquanto seu irmão

descansava em seu quarto. Lá em cima sem ter ideia de que Daemon sabia o que ele estava fazendo.

Conversando ao telefone com aquela humana Bethany.

Não era como se conversar com uma garota humana fosse um código vermelho. Mas quando você combinava a forma que Dawson estava olhando para ela, como ele ordenou que Daemon se afastasse em sala de aula, e então como ele tinha ameaçado Andrew? Sim, havia um problema.

Um grande problema.

Retirando a mão do bolso, ele passou-a pelo cabelo bagunçado pelo vento. Seu irmão sempre tinha sido aquele que fazia o que queria. Não porque ele não se importasse com ninguém, mas porque Dawson era assim tão forte. Se algum deles estava disposto a correr o risco de ser expulso pelos 73

Anciãos e ser forçado a viver o resto de sua vida no exílio, era seu irmão.

Daemon girou e esperou por sua cabeça explodir ou algo assim. Precisando de algum tipo de ação, ele sacudiu a pele humana antes de dar um passo. Em sua forma natural, ele não era nada, mas leve e mais rápido do que o ar.

Passando pelo lago, ele se dirigiu para as rochas.

Quando chegasse lá, teria que atenuar o brilho. Mas era o melhor lugar para ficar de olho nas sombras e como elas se moviam.

No caminho, ele pensou em suas opções.

Trancar Dawson em seu quarto e mantê-lo longe da escola, portanto, longe da garota.

Assustar a garota para que ela ficasse longe de Dawson.

Jogar todos os telefones fora e cortar os pneus de Dawson.

Sim, seus planos não eram tão bons. Primeiro, ele não gostava de prisão. Passar esses anos sob a influência do DOD

no Novo México tinha sido mais do que o suficiente para todos eles. Em segundo lugar, ele tinha uma veia maldosa do tamanho do Grand Canyon, mas ele não iria começar a ameaçar garotas. E finalmente, Dawson tinha acabado de comprar o telefone depois de Dee ter eletrocutado acidentalmente o outro, e ele iria chorar, se alguma coisa acontecesse com seu Jetta.

Talvez não houvesse nada a ser feito. Talvez todos eles **74**

tenham exagerado. Esta não foi a primeira vez que Dawson saiu com uma garota humana. Inferno, até Daemon tinha balançado dessa forma algumas vezes. Tudo para fazer uma pausa com Ash às vezes.

Não era como se Dawson estivesse apaixonado pela garota, graças a Deus.

Sentindo-se melhor, ele se atirou ao lado da montanha como um relâmpago. Era só uma paixão, e isso iria desaparecer. Dawson e a menina só se

conheciam há alguns dias. Não era como se fosse tarde demais ou algo assim.

Era?

...

Quando o telefone tocou em sua orelha, Bethany puxou-o para trás e franziu a testa.

— Espere. A bateria está morrendo. Não vá a lugar nenhum.

Houve uma risada profunda.

— Não planejo isso.

Se abaixando, ela ligou o cabo na tomada, e depois se recostou contra os travesseiros.

— Certo. Então, você já morou no Colorado, Novo México e Dakota do Sul?

— Sim. E Nova York.

— Uau. Os seus pais viajam a trabalho ou algo assim?

Silêncio e então:

— Sim, você poderia dizer isso.

Ela franziu a testa quando puxou o edredom. Isso não era bem uma resposta. Ele tinha o hábito de fazer isso sempre que as perguntas ficavam muito pessoais.

— Ok, então onde você nasceu?

As molas da cama dele gemeram antes de responder.

— Minha família nasceu em uma pequena ilha perto da Grécia. Não tenho certeza sequer se ela tem um nome.

— Uau. — Ela rolou para o lado dela, agora sorrindo. —

Bem, isso explica tudo.

— Explica o quê? — Curiosidade marcou o seu tom de voz.

— Você nem sequer parece... real. — Em sua risada, ela corou. — Quero dizer, você parece estranho. Como se viesse de outro lugar.

Outra risada e disse:

— Sim, nós viemos de outro lugar.

— Deve ser agradável, apesar de tudo. Grécia? Sempre quis visitar lá.

— Eu não me lembro muito de lá, mas eu adoraria voltar. Chega de falar de mim. Eu vi o seu desenho na sala de arte mais cedo.

Ela torceu os dedos ao redor do cabo de telefone.

— As flores no vaso?

— Sim — disse ele. — Cara, você tem habilidades incríveis. Parecia exatamente como o exemplo que a Sra. Pan deu. O meu parecia uma tromba-

de-elefante comendo ervas daninhas.

Bethany riu.

76

— Não foi tão ruim assim.

— É doce, mas eu sei que você está mentindo. Você desenha muito?

— Não. — Seu olhar foi para a pintura no canto. — Eu pinto, na verdade.

— Agora isso é legal, um talento de verdade. Eu adoraria vê-los um dia, os seus quadros.

Ela morreria mil vezes antes de deixá-lo ver o último que ela tinha feito.

— Ah, eu não sou tão boa.

— Que seja. — ele respondeu.

— Como você sabe? Você não pode julgar pelas flores.

— Ah, eu sei. Esse é o meu talento, se você está se perguntando. Eu só sei as coisas.

Ela revirou os olhos, mas ela estava sorrindo.

— Que talento único.

— Eu sei. Eu mesmo me surpreendo. — Houve uma entrada suave da respiração.

— Eu aposto que você é o tipo de cara que não tem medo de nada, né?

— Oh, não, tem coisas que me aterrorizam.

— Como o quê?

— Muppets. — Foi sua resposta solene.

— O quê? — Ela riu. — Muppets?

— Sim. Essas coisas são aterrorizantes. E você está rindo de mim.

Ela sorriu.

— Sinto muito. Você está certo. Muppets podem ser 77

assustadores. — Fechando os olhos, ela sufocou um bocejo.

— Devemos sair do telefone.

O suspiro de Dawson foi audível.

— Eu sei.

— Ok, bem, eu acho que eu vou te ver... — Ela olhou para o relógio e riu. — Em cerca de cinco horas?

— Sim, eu estarei esperando por você.

Deus, ela gostou do som disso. Ele esperando por ela.

— Tudo bem. Boa-

— Espere. — Sua voz soou urgente. — Eu não quero desligar.

Sua respiração ficou presa.

— Eu concordo.

Sua risada esquentou.

— Bom. Me conte sobre algumas das coisas favoritas que você gosta de pintar.

E ela contou. Falaram até que ambos dormiram, seus telefones grudados entre seus ombros e rosto.



Capítulo 7

ncapaz de se lembrar da última vez que tinha estado tão perto de hiperventilar, o que foi I surpreendente, já que ele não precisava respirar de verdade, ele olhou para o telefone. Novamente.

A mensagem de texto de Bethany não tinha mudado nos trinta segundos desde a última vez que ele olhou. De acordo com as palavras em seu telefone, Bethany mal podia esperar para nosso encontro no almoço às duas. Ele sabia que ela não ia faltar, especialmente já que eles estavam **79**

conversando ao telefone todas as noites desde quarta-feira.

Mas ele estava tão nervoso como um gato de cauda longa em uma sala cheia de cadeiras de balanço.

Seu olhar cintilou ao painel. Trinta minutos adiantado.

Ele deveria ir em frente e entrar? Escolher uma daquelas cabines perto da lareira? Bethany gostaria disso, pensou ele, e assim ele fez.

Enquanto esperava por ela, ele jogou uma partida de FreeCell em seu telefone. Perdeu. Jogou outra vez, e porque ele não parava de olhar a cada vez que o sino da porta tocava, ele perdeu mais duas rodadas.

Meu Deus, era como se ele nunca tivesse estado em um encontro antes. Se ele continuasse assim, ia começar a piscar como um farol. Não é bom. Quando o tilintar veio novamente

e ele olhou para cima, todos os nervos em seu corpo piscaram de uma vez só.

Era Bethany.

Seus olhos castanhos quentes procuraram pelos assentos no centro do restaurante, as mesas e, finalmente, para a cabine que ele tinha encontrado perto da lareira.

Quando seu olhar encontrou o dele, ela sorriu e, assim tirou todo o ar de seus pulmões... de um jeito totalmente bom.

Indo direto para a mesa, ela só tinha olhos para ele. Ou seja, ela não viu o olhar do cara de faculdade a seguindo.

Dawson não gostou nem um pouco do jeito que o humano estava olhando para Bethany. Como se ele nunca tivesse visto uma mulher antes, e Dawson estava mais do que pronto para se apresentar a ele. Cada instinto territorial nele **80**

disparou. Custou muito para que ele não se levantasse e batesse no cara até o chão de madeira.

— Ei — Bethany disse, encolhendo os ombros para fora de seu casaco de lã grossa. Debaixo ela usava uma camiseta preta que se encaixava em suas curvas. — Você não está esperando por muito tempo, não é?

Forçando os olhos para o norte, ele sorriu.

— Não, eu acabei de chegar aqui.

Ela deslizou para dentro da cabine, colocando o cabelo atrás das orelhas. Ele

adorava que o cabelo dela estava solto, derramando sobre os ombros. Olhando ao redor da lanchonete, ela mordeu o lábio inferior.

— É muito confortável aqui. Eu gosto. Um pouco reservado.

— É muito bom. Excelente comida. — Ele limpou a garganta, querendo chutar a si mesmo. — Estou feliz que você veio.

Seus olhos corriam de volta para ele.

— Eu também.

A garçonete apareceu, salvando-os do silêncio constrangedor, enquanto eles faziam seus pedidos de bebidas.

— Você vem sempre aqui? — Ela perguntou logo que a garçonete saiu.

Dawson assentiu.

— Nós viemos cerca de duas vezes por semana.

— Seu irmão e irmã?

— Sim, Dee e eu viemos toda quinta-feira, e nós três **81**

toda quarta-feira. — Ele riu. — É um pouco ruim o tanto de vezes que nós comemos aqui, na verdade.

— Seus pais não cozinham muito?

Ah, uma bomba em forma de questão, considerando que seus pais faleceram antes de qualquer um deles saber como eles se pareciam.

— Não, eles não cozinham.

A garçonete foi para trás, deslizando seus óculos sobre a mesa. Uma pizza assada, com pimentão verde e molho extra, foi pedida junto com alguns pães.

Bethany brincava com o canudo, dobrando-o em pequenos quadrados de

modo que parecia um acordeão quando ela terminou.

— Eu juro, minha mãe vive para cozinhar. Todo dia quando chego em casa, tem biscoitos, pão fresco, ou algum tipo de bolo.

Um desconhecido, profundo sentimento de saudade apareceu em seu peito. Qual seria a sensação de ter uma mãe e um pai em casa? Tudo o que eles tinham era Matthew, não que ele fosse ruim ou algo assim, mas ele nem sequer morava com eles. Pelo menos não desde que eles fizeram treze anos e foram considerados maduros o suficiente para sobreviver por conta própria. Matthew provavelmente teria ficado com eles para sempre, mas Daemon precisava de espaço próprio.

— Isso... deve ser bom. — disse ele.

— É. — Ela girou o canudo, batendo os cubos de gelo contra o vidro. — Ela cozinha mais agora, já que meu pai está **82**

fora a maior parte da semana e seu irmão está ficando com a gente. O alimento é o seu mecanismo de defesa.

Lembrando do que ela tinha dito sobre o homem, ele sentiu por ela. Luxen não ficavam doentes. Como, nunca.

— Como ele está indo?

— Melhor. Ele só parece... pior do que como ele se sente, eu acho. — Um meio sorriso apareceu enquanto observava os cubos de gelo dançando. — Eu me sinto mal, porque eu não sei o que dizer a ele. Eu mal o conheço, e ele está passando por essa... situação terrível, e tudo o que eu digo apenas soa ridículo.

— Tenho certeza que ele aprecia você, apenas por estar lá.

— Você acha? — Esperança brilhou em seu tom.

— Sim, eu acho. — Querendo tranquilizá-la, ele estendeu a mão sobre a mesa e segurou a mão dela.

Um choque passou por suas mãos, e Bethany soltou um suspiro assustado. Olhando para cima, a outra mão segurando o canudo estremeceu quando seus olhos se encontraram. O vidro se inclinou em direção a ela, o conteúdo pronto para cair do copo. Tirando a mão da dela, ele pegou o copo logo quando ele começou a cair. Um pouco de líquido espirrou sobre a borda quando ele colocou o copo na mesa.

— Cuidado. — ele murmurou.

Bethany olhou para ele, abrindo a boca.

— O quê?

Ela piscou.

— Eu... eu só não vi seu braço se mexendo. Um segundo você estava segurando a minha mão e no próximo você pegou meu copo.

Oh. Merda. Às vezes, Dawson só não parava para pensar. Um ser humano provavelmente não poderia ter evitado que o copo caísse em seu colo.

Forçando um sorriso, ele desconversou.

— Eu tenho reflexos rápidos.

— Eu posso ver isso — ela murmurou, pegando um guardanapo e limpando a bagunça. — Você devia praticar esportes... ou algo assim.

Ha. Sim, isso não aconteceria. Ele iria destruir os seres humanos, mesmo se ele se contivesse. Felizmente para ele, Bethany parecia aceitar sua resposta e a conversa mudou

para algo fácil que eles mantinham por horas no telefone.

Quando a pizza chegou, ambos caíram dentro.

Ele riu quando ela colocou o pedaço de pão no molho de pizza. Era algo que ele e Dee faziam.

E pensar no nome deve tê-la chamado, porque os sinos da porta tocaram e ele sentiu uma presença familiar. Olhos grudados na frente da lanchonete, ele quase caiu para fora da cabine quando suas suspeitas foram confirmadas.

Dee estava aqui. E ela não estava sozinha. Adam estava com ela.

Beth franziu as sobrancelhas quando viu sua expressão. Olhando por cima do seu ombro, ela apertou os lábios.

— Aquela tem que ser a sua irmã... com o seu, uh, bom **84**

amigo.

Por favor, não venham aqui. Por favor, não venham aqui.

— Essa é Dee, mas esse não é Andrew. Esse é o irmão dele, Adam.

Sua cabeça virou de volta para ele.

— Gêmeos?

— Trigêmeos como nós. — Seu olhar saltou para trás e para a frente do restaurante. Eeeee suas orações não foram respondidas. O olhar de Dee trancou com ele e seus olhos ficaram tão grandes que você acharia que ela estava olhando para o presidente dos Estados Unidos. Ela fez um caminho mais curto em direção a eles, Adam a reboque.

A série de maldições que ele estava soltando dentro da cabeça dele teria deixado Daemon orgulhoso.

— Eu sinto muito. Eu juro que não os convidei.

A cabeça de Beth se inclinou para o lado.

— Está tudo bem. Não se preocupe.

Ele não estava muito preocupado sobre como Dee e Adam iriam se comportar. Eles eram totalmente do lado dos humanos, mas sua irmã... Por Deus, às vezes ela era um pouco demais para suportar.

Dee parou na frente da mesa, com os olhos verde-floresta saltando de Dawson para Bethany.

— Que surpresa encontrá-lo aqui. Eu não tinha ideia de que vocês vinham. Se você tivesse dito alguma coisa, sabe, como um irmão decente teria dito, Adam e eu poderíamos ter **85**

vindo com você. Exceto que agora somos como dois perseguidores, já que você chegou aqui primeiro. — Dee respirou fundo. — E você tem companhia. Então, nós estamos estragando o seu... encontro? É um encontrou

ou apenas dois amigos almoçando?

A boca de Dawson trabalhou, mas nada saiu dele quando ele olhou para Bethany, que não parava de olhar entre os dois, seus lábios se contraindo como se ela estivesse tentando não sorrir.

— Ah, a falta de resposta significa totalmente um encontro. — Dee sorriu quando ela jogou o cabelo sobre o ombro. Então ela girou em Bethany e fez outra façanha aeróbica verbal. — Então você é a garota com quem Dawson fica acordado conversando pela metade da noite? Ele acha

que eu não sei, mas eu sei. De qualquer forma, o seu nome deve ser Bethany Williams? Nós não nos conhecemos ainda.

— Ela empurrou a mão esguia para fora. — Eu sou Dee.

Bethany apertou a mão dela.

— Prazer em conhecê-la... e sim, eu acho que eu sou aquela garota.

Sua irmã apertou a mão de Beth, que na verdade sacudiu todo o seu corpo, Bom Deus.

— Você é muito bonita. E já posso dizer que você é legal, o que é bom, porque Dawson é meu irmão favorito, e se-

— Ei, garota, calma. — Adam colocou a mão no ombro de Dee. Seu olhar simpático encontrou o de Dawson. — Nós viemos apenas pegar um pouco de comida.

Dawson deixou escapar um suspiro de alívio.

— Oh, isso é muito ruim. — Bethany pareceu sincera de verdade. Uau. A maioria das pessoas teria desabado de exaustão até agora. — Nós poderíamos compartilhar uma mesa.

O sorriso de Dee era do tamanho de um ônibus Volkswagen.

— Eu estava certa! Você é legal. — Ela se virou para o irmão, arqueando as sobrancelhas. — Na verdade, você provavelmente é boa demais para ele.

— Dee... — Adam murmurou.

Dawson sorriu.

— Eu pensei que eu era o seu irmão favorito.

— Você é. Quando eu quero que você seja. — Ela girou de volta para Bethany. — Bem, vamos deixar vocês com o seu...?

Não tinha jeito de sair dessa, e Dawson não quis esconder o que estava fazendo. Dizer a palavra não iria começar nada, mas considerando como todos já tinham suas suspeitas... oh, que inferno.

— É um encontro, — disse Dawson. E então ele queria gritar isso.

Bethany corou.

Adam agarrou a mão de Dee, puxando-a de volta para o balcão. Ele olhou por cima do ombro, falando sem som, Me desculpe.

— Bem... — Dawson soltou um suspiro alto, **87**

imaginando quem iria passar pela porta dessa vez. Daemon?

Querido Deus. — Essa foi a minha irmã.

Bethany colocou seu rosto na palma da mão e sorriu.

Seus olhos dançavam.

— Eu gosto dela.

— A boca dela... é biônica.

Ela deu uma risadinha.

— Ela parece muito doce.

— E hiperativa.

Batendo o braço levemente, ela se inclinou para trás.

— E Adam é muito mais agradável do que o irmão.

— Uma hiena raivosa é mais agradável do que Andrew.

— ele respondeu. — Quando éramos crianças, ele me trancou em um velho baú uma vez. Me deixou lá por horas.

— O quê? Nossa, isso é terrível. — Houve uma pausa.

— Então, de volta para o fato de que existem dois conjuntos de trigêmeos em uma cidade do tamanho de um mosquito.

Estranho, certo?

Ela não tinha ideia. Havia um caminho cheio de trigêmeos em volta desta cidade, mas eles permaneceram na comunidade Luxen dentro da floresta em volta das rochas do Seneca, raramente vistos pela população humana. Apenas um ou dois dos irmãos trabalhavam no mundo humano.

Havia segurança nos números e as pessoas idosas gostavam de manter tudo sob controle. Pelo menos é no que Daemon acreditava.

— Nossas famílias são amigas há anos. Quando nos mudamos para cá, eles também vieram. — Foi a coisa mais **88**

próxima da verdade.

Interesse genuíno brilhou em seus olhos. A seguir ela perguntou sobre Daemon. Descrever seu irmão mais velho a Bethany era tão fácil como uma tentativa de evitar pisar em uma mina terrestre no meio de uma guerra. Eles estavam lá por mais de duas horas, o que os fez ganhar vários olhares impacientes da equipe, que provavelmente queriam a mesa livre.

Quando finalmente chegou a hora de sair, Dawson percebeu, mais uma vez, que ele se sentiu relutante com a ideia de sua despedida. Ele ficou encostado no seu carro, girando as chaves em volta de um dedo.

— Eu me diverti hoje.

— Eu também. — Seu rosto estava corado pelo vento.

Linda. Ela encontrou seus olhos, e então seu olhar saltou de distância. — Nós devemos fazer isso de novo.

— Estou pensando sobre isso. — Dawson queria beijá-

la. Naquele momento. Bem ali. Mas ao invés disso, ele a segurou e deu-lhe um abraço ridículo como um bom rapaz.

— Vejo você amanhã?

Pergunta idiota, já que eles tinham escola amanhã.

Bethany acenou com a cabeça e, em seguida, esticou-se na ponta dos seus dedos, colocando a mão sobre o peito dele para apoio. Pisando em seu corpo, ela envolveu um braço ao redor de suas costas. Ele não se atreveu a se mexer.

Ela apertou os lábios contra sua bochecha.

— Falo com você está noite?

Ele abaixou a cabeça, inalando o aroma limpo de seus cabelos. Estar tão perto dela, ele sentiu como se estivesse em sua verdadeira forma, e ele abriu os olhos só para ter certeza que ele não tinha apertado seu botão de mudança.

— É claro — ele murmurou, passando a mão em seu braço, os dedos roçando a pequena mão pressionada contra seu peito. Um arrepio passou através de seu corpo, fazendo com que ele ficasse tenso. — O que faremos hoje à noite, de novo?

Ela riu, deslizando para fora de seu abraço.

— Você vai me ligar.

Dawson deu um passo em sua direção, abaixando o queixo. A maneira como seu rubor se aprofundou o fez querer tocá-la novamente.

— Sim, isso é certo.

— Ótimo. — Ela continuou se afastando, até que ela estava do outro lado de seu carro, abrindo a porta. — Porque eu realmente não acho que eu posso ir dormir sem ouvir a sua voz agora.

Os pensamentos de Dawson se dispersaram. Tudo o que ele podia fazer era ficar lá e vê-la ir embora. E só quando ele tinha certeza que ela não podia vê-lo, ele deixou os lábios se dividirem em um sorriso tão largo que iria deixar Dee com vergonha.

Girando nos calcanhares, ele se encaminhou para o seu Jetta e depois deu uma parada brusca. Os pequenos pelos na parte de trás do seu pescoço se levantaram, e não tinha nada a ver com o vento.

Alguém estava olhando para ele.

Dawson examinou o estacionamento à luz minguante.

O lugar estava lotado, cheio de caminhões e outros veículos obscenamente grandes. Um se sobressaia.

Um Expedition preto com janelas fortemente matizadas estava estacionado em direção à parte de trás, motor em funcionamento. A raiva subiu nele tão depressa que quase perdeu seu controle. E não seria assim com perseguidores como esses? Um Luxen fazendo um Full Monty em frente a seres humanos. O maldito DOD. Dawson estava acostumado a eles no check-in, o que realmente significava perseguir eles.

Hoje foi realmente diferente.

Só que eles tinham o visto com Bethany, e quando ele girou e voltou para o carro, precisou de tudo nele para não andar até o caminhão e acabar com eles.

...

Três dias depois e Bethany ainda estava flutuando por causa do domingo. Mais sentimental impossível, mas ela estava flutuando como se houvesse nuvens sobre seus pés.

Chegando tarde no seu armário antes do almoço, ela estava na sala vazia, trocando de livros. O sorriso no rosto estava grudado, indo a lugar nenhum. Sua felicidade maníaca tinha um nome e-

— Ei você aí. — Dawson disse, sua respiração **91**

aquecendo seu ouvido.

Rangendo, ela girou e deixou cair o livro. Apertando a mão sobre o peito,

olhou para Dawson como olhos arregalados.

— Como... como no mundo? Eu nem ouvi você.

Ele pegou o livro e entregou a ela, em seguida, se encostou ao armário ao lado dela, dando de ombros.

— Sou quieto.

Quietos não era a palavra. Um rato espirrava nessas salas e ecoava. Ela empurrou o livro em sua bolsa. Em seguida, ela percebeu.

— O que você está fazendo no corredor?

Um sorriso preguiçoso apareceu.

— Indo para o almoço.

— Espere. Você não tem aula agora?

Ele se inclinou, respirando o mesmo ar que ela, fazendo com que parasse de respirar. Esse meio sorriso maldito fazia coisas engraçadas para ela. Eles tinham ido a um jantar novamente na terça-feira, se separando sem um beijo — um beijo de verdade. Mas quando tocou a testa dela, ela realmente acreditava que ele ia beijá-la, ali no corredor.

Bethany estava totalmente bem com isso.

— Tenho aula de estudo — disse ele, inclinando a cabeça um pouco para o lado, alinhando suas bocas. — E eu consegui sair dela. Eu queria ver você.

— Você saiu da aula? — Seus olhos se fecharam. —

Como você fez isso?

— Eu nunca vou contar meus segredos. Você me **92**

conhece melhor que isso. — Dawson se afastou, capturando sua mão livre. Sentindo o que ela queria, precisava, tinha acabado de ser tirado dela, ela

olhou para ele. Seu sorriso se espalhou. — Eu queria almoçar com você.

Mais do que lisonjeada, ela o deixou puxá-la pelo corredor... longe da cafeteria, parecia.

— Ei, para onde estamos indo?

— É uma surpresa. — Ele puxou para o seu lado, colocando um braço pesado sobre os ombros dela. O

comprimento de seu corpo se encaixava contra o dela como se fosse feito para isso.

— Vamos sair do campus?

— Sim.

— Vamos ficar em apuros?

Ele parou, virando-a em seus braços. Eram quase peito a peito, com o braço ainda ao redor de seus ombros.

— Perguntas, perguntas, Bethany. Confie em mim.

Você não vai ter problemas comigo.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Por causa das suas habilidades charmosas, né?

— Exatamente. — Ele sorriu.

Dawson continuou e ela foi com ele, imaginando o que sua mãe faria se eles fossem pegos e a escola a ligasse. Testes de gravidez obrigatórios estavam em seu futuro. Ela olhou para Dawson e decidiu que valia a pena.

Quando eles saíram pelas portas traseiras, ela esperava que um alarme tocasse e um carro policial viesse correndo a uma velocidade vertiginosa. Quando isso não aconteceu e os **93**

seus pés bateram na calçada, ela começou a relaxar.

Dawson soltou sua mão, diminuindo o ritmo enquanto ele procurava as chaves no bolso.

— Onde eu quero levá-la fica a dois quarteirões daqui.

Nós podemos dirigir se quiser. — Ele olhou por cima do ombro, seus olhos começando no topo de sua cabeça e caindo por todo o caminho até os dedos dos pés.

Nossa, quando ele olhava para ela assim, esperava que ela fosse capaz de se comunicar? Ela era pamonha agora, inútil.

Seu sorriso se abriu mais largo, como se ele soubesse o que ele estava fazendo com ela.

— É frio demais para você.

— E você?

Ele ficou de frente, brincando com as chaves.

— Eu estou bem. Este é o seu mundo, apesar de tudo.

Ela sorriu para as costas.

— É tipo... — Suas palavras terminaram em um grito assustado quando seu pé bateu em um pedaço de gelo que não tinha derretido. Antes que ela percebesse, seus braços estavam debatendo quando ela procurou manter o equilíbrio.

Não vai acontecer.

Nesses pequeninos, pequenos segundos, ela se resignou a rachar seu crânio na frente de Dawson. Uma ambulância precisaria ser chamada. A sua mãe iria descobrir. Seu pai seria convocado do trabalho. Ela ficaria de castigo, com uma concussão. Ou pior.

Braços quentes a rodearam, pegando-a a meio segundo **94**

antes de ela cair no chão. E lá ela permaneceu, suspensa no ar, com o cabelo escovado o asfalto escorregadio. O rosto de Dawson estava a centímetros do dela, com os olhos fechados em concentração, o rosto tenso e sombrio.

Bethany não conseguia nem falar de tão chocada.

Dawson estava a vários metros à frente. Para ele, chegar até ela tão depressa era incompreensível. Ofegante, ela olhou para ele e engoliu em seco.

— Ok. Você tem os reflexos de um gato com esteroides.

— Sim, — ele disse, soando quase tão fora do ar como ela era. — Você está bem?

Molhando os lábios, ela assentiu com a cabeça e, em seguida, percebeu que ele não podia ver isso.

— Sim, eu estou bem.

Se endireitando lentamente, ele a levantou antes que ele a soltasse. Seus olhos se abriram, e Bethany não podia acreditar no que ela estava vendo. As íris ainda eram de um verde bonito, mas as pupilas... as pupilas eram brancas.

Sem perceber, ela deu um passo para a frente.

— Dawson...

Ele piscou e seus olhos eram normais.

— Sim?

Balançando a cabeça, ela não sabia se sua mente estava brincando com ela ou o quê. As pupilas não poderiam ser brancas. E ele era rápido — o tipo medalhista de ouro olímpico em rapidez. E quieto, também. Silencioso como um fantasma em um programa de perda de peso. E seu amigo conseguia derreter bolas de ping-pong...



Capítulo 8

urante o próximo mês, Bethany viu mais e mais Dawson. Eles ficavam juntos tanto quanto D podia na escola. Como ele conseguia sair da quarta aula sempre a assombrava. Charme? Inferno, ele precisava engarrafar esse material.

Nos dias em que eles almoçavam juntos, ele a levava para a lanchonete Mom and Pop na rua debaixo. Não houve mais experiências de quase-morte no estacionamento e não houve mais exhibições da incrível velocidade de Dawson.

E sem mais pupilas brancas. Parecia loucura agora e até mesmo ela queria rir, mas cada vez que eles se tocavam, um choque elétrico passava entre eles. Ultimamente, era mais do que isso. Após a carga estática inicial desaparecer, parecia que sua pele... cantarolava ou vibrava.

Foi a coisa mais estranha.

Andando para lá e para cá, ela estava fazendo um caminho no chão. Normalmente, ela nunca ficaria assim por um menino. Mas havia algo nele. Ele era uma sombra constante em seus pensamentos.

Eles conversavam todos os dias, entre as aulas, no almoço, no telefone durante a noite, etc, e mesmo que ela soubesse muito sobre ele, ainda havia tanto que ela não sabia. Como ela não sabia nada sobre seus pais, muito pouco

sobre seus irmãos, e ela tinha uma suspeita que ele pode estar relacionado a um dos professores da escola, porque ela sempre o viu com o cara.

Ela tinha acabado de esboçar o contorno de Dawson.

Conhecia seus gostos e desgostos e seu amor por caminhadas e estar ao ar livre, descobriu que piadas estúpidas o faziam rir e que ele não gostava muito de TV. Mas as coisas de verdade? O passado dele? Não...

Olhando para sua cama, ela olhou para Phillip. Ele queria vê-la pintar depois da escola e tinha dormido em sua cama. Agora ele estava todo enrolado como um pequeno feijão, seu polegar em sua boca e seu rosto em paz como um anjo.

Um flash de luz branca atravessou seu laptop quando a **97**

proteção de parede foi ativada. Era uma imagem em movimento de estrelas cadentes. Sentando ao lado de seu irmão, ela olhou para a tela. O branco era

intenso, consumindo. Como as pupilas de Dawson estavam. Mas ela estava vendo coisas, certo? Reação induzida pelo estresse causado por quase bater o rosto contra o pavimento gelado.

Não havia explicação lógica para o que aconteceu depois. Não que realmente importasse. Ele poderia ser uma lhama disfarçada que ela ainda estaria... fascinada por ele.

Ela estava apaixonada por Dawson, apesar do fato de que ela sabia que havia coisas que ele estava escondendo dela. Muito apaixonada. Mas ele não era o único se segurando. Se Bethany iria ser honesta consigo mesma, o

que ela era, ela tinha que admitir que estava se segurando, também.

Rolando para o lado, ela pegou o telefone. Um plano mestre formado em sua mente quando ela enviou a Dawson uma mensagem, convidando-o para vir a casa dela no sábado.

Sua resposta foi imediata.

Que horas?

Agora ela só precisava dar a notícia a seus pais.



Capítulo 9

awson não precisava de instruções para chegar à casa de Beth, mas ele perguntou por elas de D qualquer maneira. Não era totalmente coisa de perseguidor, como parecia, no entanto. Principalmente pelo fato de que realmente não era tão difícil encontrar algo perto de Petersburgo. Especialmente quando se sabia o layout da área, assim como ele sabia.

Desde o dia do lado de fora da escola, quando ele fez a coisa de velocidade do Superman, ele sentiu como se **99**

estivesse andando em alfinetes e agulhas. Bethany não tinha comentado o assunto novamente, mas ele sabia que ela estava pensando nisso. De vez em quando, ele a pegava olhando para ele como se ela estivesse realmente tentando vê-lo. Ver por trás das roupas e da pele, o que realmente existia por baixo.

Parte dele gostava disso. A outra parte estava apavorada. Se ela descobrisse...

Diminuindo a velocidade do Jetta pela estrada estreita cheia de olmos, ele

respirou fundo. Sem dúvida, ela não iria querer nada com ele se ela soubesse que mais de 90 por cento de seu DNA eram de fora deste sistema solar.

Era errado mentir para ela? Ele não tinha certeza.

Honestamente, ele nunca se perguntou isso quando ele saía com as meninas humanas antes.

Ele não tinha ideia do que isso realmente dizia sobre ele.

A antiga casa de fazenda apareceu, levantando-se contra o céu cinzento de início de abril, e ele viu três carros estacionados na frente. Um deles era um Porsche, que ele sabia que pertencia ao tio dela.

Dawson foi surpreendido quando ela lhe perguntou ontem à noite se ele queria vir. Pelo que ele sabia, seus pais iriam enlouquecer se ela trouxesse um garoto para casa. Mas ali estava ele.

Ele estacionou o carro e saiu, alisando as mãos sobre **100**

os jeans. Provavelmente deveria ter usado algo melhor. Não que ele encontrasse um monte de pais humanos, uma vez que suas interações com meninas humanas não chegavam até aqui.

Parando em frente à porta, ele deixou escapar um longo suspiro. Sair escondido para que Dee não perguntasse onde ele estava indo tinha sido a pior parte. Os pais seria fácil.

Sim, continue falando isso a si mesmo. A mãe e o pai vão ficar tão orgulhosos de que ela trouxe uma visita para casa.

Antes que ele pudesse bater na porta, ela se abriu, revelando uma mulher alta e esguia que parecia muuuito, muito jovem para ser a mãe de Bethany. Olhos que

combinavam com Bethany encontraram os seus. A mulher piscou e parecia que ela queria dar um passo para trás.

— Você deve ser Dawson. — disse ela, colocando a mão contra o peito.

Dawson sorriu.

— Sim, senhora. Estou aqui para ver Bethany.

Passos desceram as escadas, cortando a resposta da Sra. Williams. Bethany apareceu atrás de sua mãe, os olhos arregalados. Ela passou em frente a ela, agarrando a mão de Dawson. Ela o puxou para dentro.

— Mãe, conheça Dawson. Dawson, conheça minha mãe.

A mãe dela arqueou uma sobrancelha.

— Isso não é como você costuma apresenta as pessoas, **101**

Bethany.

— Funciona para mim. — ela brincou, puxando-o em direção às escadas.

Um homem saiu do que parecia ser uma sala de estar, um controle remoto na mão e uma expressão confusa no rosto.

— Uh...

— E esse é o meu pai. Bundi— Phillip está tirando uma soneca.

Sobre o ombro de seu pai estava um homem magro e frágil. Dawson quase não o reconheceu das poucas vezes que ele tinha visto o médico em volta da cidade.

— E esse é o meu tio.

Dawson deu a eles um aceno.

— É um prazer conhecê-

— Vamos lá em cima. — Ela começou a subir os degraus, atirando-lhe um olhar que o fez sorrir.

— Deixe a porta aberta. — sua mãe gritou ao fundo.

— Mãe — lamentou Bethany, bochechas coradas. —

Não é assim.

Caramba. Ele queria que fosse assim, e mais um pouco. Sua mãe repetiu a ordem de novo, e Bethany puxou-o pelo corredor.

— Eu sinto muito. Minha mãe pensa que se um garoto está no meu quarto, isso deve significar que estamos nos beijando ou algo assim. — Ela deixou cair sua mão, abrindo a porta. — É tão embaraçoso.

Dawson deu a volta por ela, olhando o quarto. Música **102**

tocava baixa de seu laptop. Não havia muita coisa diferente, apenas o básico, com exceção do cavalete colocado em frente a janela. — Você traz garotos no seu quarto com frequência?

Ela riu quando ela contornou ele. — Oh, sim, o tempo todo. É como uma estação de trem por aqui.

Suas sobrancelhas se ergueram. Ele não poderia dizer se ela estava brincando ou não.

Vendo sua expressão, ela riu novamente. Ele amava aquele som — amava que ela risse tanto.

— Estou brincando, — disse ela, sentando-se na cama.

Ela deu um tapinha no local ao lado dela. — Na verdade, você é o primeiro garoto a estar no meu quarto.

Uma onda de possessividade bateu duro. Ignorando, ele se sentou ao lado dela e recostou-se, olhando-a por trás de olhos semicerrados.

— Bem, você é nova ainda. A menos que você trabalhe rápido, eu esperei que fosse o primeiro cara.

Ela se virou, sentando-se de pernas cruzadas.

— Eu aposto que você foi no quarto de muitas, muitas das meninas.

Ele encolheu os ombros.

Seus olhos se estreitaram.

— Vamos, com alguém que se pareça com você, provavelmente há uma fila de garotas esperando para levá-lo para casa.

— Então? — Ele estendeu a mão, puxando a bainha da **103**

calça jeans. — Eu estou aqui com você, não é?

— Sim, você está. — Ela fez uma careta. — Às vezes me pergunto por quê.

Dawson olhou para ela um momento, depois riu. Ela não podia estar falando sério. Não tinha como ela não saber o quanto era bonita ou como a risada dela atraía as pessoas para ela.

Sua carranca se aprofundou.

— Você está rindo de mim?

— Sim — respondeu ele. Ele atirou para a frente, movendo-se mais rápido do que deveria, e pegou a mão dela.

— Você não pode me dizer que está surpresa que eu estou aqui. Eu fui sua sombra desde o primeiro dia em que você chegou.

Os olhos de Beth caíram para onde sua mão estava em volta dela. Depois de um momento, ela se acalmou.

— Eu sei que não sou feia, mas você é... você é...

Um sorriso puxou seus lábios.

— Eu sou o quê?

Carmesim manchou suas bochechas, e seu sorriso aumentou. Ela puxou a

mão livre, mas ele não achava que ela era louca.

— Você sabe o que você é, — disse ela, se erguendo para um grande álbum.
— De qualquer forma, eu encontrei este velho álbum de fotos. Você quer dar uma olhada?

Ele recostou-se nos cotovelos.

— Nós podemos fazer o que quiser.

Os cílios dela se levantaram e ele sentiu como se **104**

tivesse levado um soco no estômago quando seus olhos se encontraram. Não. Não é isso. Como quando ele saía de sua pele humana e assumia sua forma real. Essa onda de pura eletricidade e energia quando seu ser se tornava luz.

Isso é o que ele sentia quando Bethany olhava para ele.

Mais do que tudo, ele queria saber o que estava acontecendo na cabeça dela, que estava deixando seus olhos tão escuros que era quase difícil dizer a diferença entre suas pupilas e íris. Ela sentia? Deus, ele esperava que ele não a estivesse lendo errado, porque se fosse, tudo estava prestes a ficar muito estranho.

Mas não era como se os humanos eram tão diferentes assim dos Luxen, se você tiver deixado de lado a coisa toda de alienígena. Ela lhe mostrou fotos de sua família em Nevada,

folheando o álbum com um leve sorriso em seu rosto enquanto fazia um comentário sobre seus parentes. Mas cara, ele já estava tendo dificuldade em prestar atenção a eles.

Tudo o que ele queria ver estava sentado ao lado dele, em uma cama, nada menos.

Ele não conseguia parar de olhar para ela, as sobrancelhas finamente arqueadas, as maçãs do rosto, a forma como seus lábios se curvaram, como ela inclinava a cabeça-Bethany riu, levantando o queixo.

— Você não está nem olhando para as fotos, Dawson.

Ele pensou em mentir, mas sorriu em seu lugar.

— Sinto muito. Você está me distraindo.

— Que seja.

Ela não tinha ideia de que ele poderia literalmente olhar para ela todos os dias. Era como se ele estivesse obcecado. Amarrado é o que Daemon diria, mas o seu irmão não entenderia. Inferno, Dawson não tinha certeza de que ele entendeu o que ele estava fazendo aqui, com essa garota, esta bela garota humana.

Este era um problema.

E ele realmente não se importava.

Durante o zumbido baixo da música, ele podia ouvir seus pais falando com o médico. Seus olhos desviaram-se para a porta do quarto. Fechando a porta mentalmente com um clique suave, ele voltou sua atenção para Bethany, mas ela não pareceu notar.

— Estou feliz que você me convidou. — disse ele.

Ela virou-se ligeiramente e surpresa cintilou em seu rosto.

Seu olhar caiu sobre os lábios entreabertos. Eles estavam perigosamente perto dele, o que significava que ele estava à beira de fazer algo que ele não podia voltar atrás.

— Bethany?

— Sim... — ela murmurou, baixando os cílios.

— Nada... — Ele inclinou-se em apenas uma fração e inalou profundamente. Droga. Ela tinha um cheiro maravilhoso. Como baunilha e rosas. Cada parte dele gostava disso. Erguendo a mão lentamente, colocou a palma da mão contra sua bochecha. Bethany não se afastou.

Tranquilizado por isso, ele abriu os dedos, tocando as **106**

curvas delicadas. Cílios curvados completamente, protegendo os olhos encantadores. Calor brotou dentro dele, como uma bola enrolada. Por que, de todos, ele tinha que se sentir assim com ela, um ser humano?

Será que isso importava? Honestamente? Dawson nunca tinha olhado para os seres humanos do jeito que Daemon e a maioria dos outros Luxen faziam. Eles não eram criaturas frágeis e indefesas, ou inferiores. Então, por que ele seria surpreendido por estar atraído por um?

E então ele percebeu. Dawson só não esperava que fosse ela.

...

Vários segundos se passaram antes que Bethany pudesse engolir de novo. Convidar Dawson para a casa dela foi uma jogada ousada da parte dela. Então, ela tinha estado uma bola de nervos durante o dia todo. Quando ela contou a notícia para seus pais, ela tinha que contar a história de vida de Dawson, que não era muito. Em seguida ela estava toda nervosa com ele em seu quarto, tão perto das malditas pinturas que ela tinha feito dele e que agora estavam escondidas em seu armário.

De algum modo, com ele sentado em sua cama, as coisas mudaram.

Todo o ponto de convidá-lo foi para que ele respondesse o convite — levá-la para a casa dele. Agora ela não estava realmente pensando sobre isso. Dawson foi se aproximando, **107**

sua respiração se movendo sobre seus cílios, a ponta de seu nariz, seu rosto... Ela sentia como se tivesse perdido o equilíbrio.

— Eu já te disse como você é linda? — ele perguntou, a voz grave e rouca.

— Não. — Mas ele realmente não precisava. Ela poderia dizer pelo jeito que ele olhava para ela, e que era melhor do que quaisquer palavras bonitas. Sua respiração dançou sobre seu queixo.

— Você é linda.

Ok, ouvir as palavras realmente foi super agradável.

— Obrigado. Você não é tão ruim também.

Quando Dawson riu, seu nariz roçou o dele, e ela chupou o ar como se nunca tivesse respirado antes. Ele estava tão bem perto...

— Eu quero te beijar. — Houve uma pausa, e seu coração disparou, peito inchado. — Está tudo bem com você?

— Ele perguntou.

Estava? Oh, uau, sim, estava. Mas ela não conseguia encontrar as palavras. Então, ela balançou a cabeça. Antes que ela pudesse fechar os olhos, Dawson violou o minúsculo espaço que os separava e trouxe sua boca mais perto contra a dela.

Ele roçou os lábios nos dela, e ela sentiu o toque aveludado, macio todo o caminho até as pontas de seus dedos curvados. Então sua boca se moveu sobre a dela de **108**

novo, como se testasse o que ela pensava, à espera de sua resposta. Com o coração na garganta, ela colocou as mãos em seus ombros e se inclinou para ele.

Um tremor rolou através de Dawson, e ele segurou o rosto dela. Sua pele cantarolava quando o beijo se aprofundou. De alguma forma, uma de suas mãos terminou agarrando-se a frente da sua camiseta, puxando-o mais perto, porque ainda havia algum espaço entre eles e esse espaço era muita coisa.

A mão de Dawson deslizou até a nuca de seu pescoço, guiando-a para baixo de modo que ela estava sob ele e seus braços eram o tipo perfeito de gaiola. E ele continuou a beijá-

la, mudando o ângulo, fazendo com que seu pulso tamborilasse através de seu corpo e ao longo de suas

terminações nervosas. Então ele pressionou para baixo, montado contra ela

de joelhos até os ombros, e ela estava à deriva em emoções cruas e calor.

Um calor muito real, intenso que bateu nela, rodou com ela em ondas.

Havia algo de mágico na forma como ele a beijou, porque ela jurou que estava vendo estrelas por trás de suas pálpebras. Ele estava levando o ar para fora de seus pulmões.

Lento, o calor inebriante roubado das suas veias. Algo tocou, como um temporizador em seus ouvidos, mas cara, oh cara, ela não se importava. Não quando Dawson estava beijando ela. Não quando uma mão caiu em seu ombro, deslizou seu braço, sobre a curva de sua cintura, de seu quadril.

Nem mesmo quando a luz branca por trás de suas **109**

pálpebras cresceu para ficar tão intensa que ela teve que abrir os olhos.



Capítulo 10

Arum estava por perto. Cada célula do corpo de Daemon estava dizendo isso a ele. O

O nojento era ousado também, porque o sol estava muito alto no céu para que o Arum estivesse tão perto assim dele.

Oh, o inferno não, ele não iria voar.

Dee parou de girar o canudo em seu refrigerante quando suas feições se comprimiram. Por um momento, tudo o que ele ouvia era o crepitar das toras provenientes da **110**

lareira. Jocelyn, a gerente da Smoke Hole Diner, se endireitou enquanto seus dedos apertados ao redor do atizador.

— Um deles está por perto. — Dee sussurrou.

Jocelyn veio para a mesa deles, com a mão pálida tremulando sobre a barriga arredondada.

— Você sentiu isso? — Sua voz era baixa, enquanto seus olhos procuravam pelas janelas. — A escuridão chegou.

Daemon olhou para o meio comido bolo de carne. Mais como se uma dor na sua bunda tivesse chegado. Engraçado como ver uma obra de arte culinária ir para o lixo fazia você falar como uma cobra.

O Arum ia morrer.

Pegando um guardanapo, ele limpou as mãos enquanto se levantava. Ele só viu sua irmã.

— Ligue para Adam e Andrew, e não saia deste lugar até que eles venham te pegar.

Um rubor cobriu seu rosto.

—Mas posso ajudar você — disse ela em voz baixa. —

Eu posso lutar.

— Sobre o meu cadáver. — Ele se virou para Jocelyn.

— Se ela tenta sair daqui com os irmãos Thompson, eu dou permissão a você para lidar com ela.

Jocelyn olhou para sua barriga, como se estivesse tentando descobrir como ela faria isso quando Dee gemeu.

— Ok. Só volte vivo, tudo bem?

— Eu sempre volto. — respondeu ele.

Ele começou a contornar a mesa, mas parou e beijou o rosto de Dee.

— Eu te amo.

As lágrimas encheram seus olhos, e ele sabia que parte da razão era porque ele não estava deixando que ela se envolvesse. Seus irmãos eram as únicas coisas que ele tinha, então ela poderia chorar um rio inteiro que não iria fazê-lo mudar de ideia. Não tinha como ele deixar Dee se colocar em perigo.

Já era ruim o suficiente Dawson fazer a patrulha algumas vezes. Se Daemon fizesse do seu jeito, nenhum de seus irmãos estaria lá fora, procurado pelos Arum. Assumir a responsabilidade de protegê-los não era algo que ele não gostasse ou se arrependeu. De certa forma, dava a ele um pouco de controle quando o DOD controlava todo o resto.

Fora da lanchonete, ele casualmente atravessou o estacionamento, acenando para um casal de idosos que sorriu para ele. Olhe para eles, tendo todos os direitos civis e etc. Quando suas botas rangeram sobre galhos caídos, as suas mãos flexionaram. Ele continuou andando, longe o suficiente para que ninguém o visse fazer seu poder de super-herói. Dentro da floresta, ele fechou os olhos e deixou que seus sentidos se espalhassem.

Esquilos e algumas outras criaturas minúsculas da floresta deslizaram pelo chão da floresta. Os pássaros cantavam. A primavera estava a caminho... assim como um grande e puto alienígena do mal.

Mudar de sua forma humana levou um segundo. O

poder surgiu de dentro dele, e a sensação estranha de um **112**

Arum por perto voltou. Eles deixavam uma mancha escura ao redor da consciência dos Luxen, uma mancha de tinta que era como uma impressão digital. Funcionava da mesma maneira para o Arum fora do alcance do quartzo beta que compunham as rochas do Seneca. Foi por isso que viver aqui era tão pacífico. A raça de Daemon estava protegida, mas de vez em quando, um Arum tropeçava muito perto. O contato foi feito, e então o Arum

trazia seus amigos.

Três deles já haviam sido derrotados. Este deve ser o último.

Quando Daemon viajou por entre as árvores a uma velocidade ofuscante, ele se perguntou o que diabos seu irmão estava fazendo. Aos sábados, eles normalmente

passava o dia assistindo a todos os episódios do Ghost Investigador TiVoed da semana.

Mas Dawson tinha dado bolo nele.

Oh, sim, ele tinha uma ideia de onde estava. Passando o tempo livre com a humana.

A explosão de energia escura bateu no peito dele, fazendo-o voar para trás, como uma bola que tinha acabado de ser jogada no parque. Ele bateu em uma árvore dura o suficiente para que ele gemesse e tremesse quando ele deslizou para baixo da cama de musgo da floresta.

Deus. Caramba.

Cascalho puro o atingiu no chão. Estupidez imensurável o pegou quando viu a sombra espessa correndo na direção dele como um trator envenenado.

O Arum trocou para sua forma humana, no último momento, perdendo a vulnerabilidade. Todo vestido com calças de couro... e nada mais.

Ótimo. Justo o que Daemon queria fazer — lutar com um cara seminu.

Ok, então o Arum queria jogar duro? Bem, era o seu dia de sorte. Trocando para sua forma humana, Daemon girou o braço para a frente, batendo no Arum, com um bom soco de direita. A coisa grunhiu e jogou um braço de carne na cabeça de Daemon.

Ele abaixou-se sob o braço, atirando-se por trás do Arum. Inclinando-se para trás, Daemon plantou seu pé na coluna do Arum. A Coisa engraçada sobre assumir sua forma humana era que a pele sangrava e os ossos quebravam.

Ambas as raças teriam que voltar para sua verdadeira forma para curar, e então eles estariam vulneráveis.

Esperemos que este Arum seja estúpido o suficiente para cair nessa. Daemon tinha uma adaga morrendo de vontade de fazer amigos.

Mas o Arum não era.

Ele virou, se levantando para trás com uma das mãos.

A energia escura lançava, quase atingindo Daemon quando ele correu para o lado.

Você vai ser gostoooso, o Arum provocou.

— Se eu tivesse ganhado um dólar cada vez que eu ouvi isso. — Daemon jogou sua mão para frente. Um raio de luz atingiu um galho grosso, quebrando-o. Correu para frente, pegando o membro enorme e segurando-o como um **114**

morcego. Ele sorriu. — Pode vir, filho da puta.

O Arum uivou — literalmente assobiou para ele. Mas.

Que. Diabos.

Ele veio para Daemon como um trem, e Daemon virou.

O impacto sacudiu todo o seu corpo, e o baque nauseante o agradou tanto que ele deveria se preocupar sobre isso.

Mas o Arum não caiu.

Abraçando a si mesmo como se alguém tivesse feito um buraco em suas costas, o Arum recuou em uma pequena bola preta e disparou através das árvores, correndo como um maricas.

Daemon começou a persegui-lo, mas ele sabia, por experiência, quando um Arum corria, não havia como capturá-lo. Jogando o galho lascado de lado, ele girou,

ignorando a dor pulsando em seu quadril. Logo que ele estivesse em casa, ele iria mudar e se curar. Até então, ele lidaria com as contusões e dores.

Mas logo que ele voltou para sua casa e cuidou disso, tudo que ele queria fazer era descansar. Como toda a gente neste mundo maldito fazia.

...

Deus, Dawson nunca tinha se sentido assim antes.

Cada parte de seu corpo queimou quando ele provou seu beijo e se familiarizou com a forma como ela se sentia abaixo dele. Luz branca intensa queimava seus olhos. Os sons femininos sussurrados, eram música para seus ouvidos, uma **115**

bela melodia de suspiros.

E, em seguida, sua melodia parou.

A mão de Beth se afastou em seu ombro, e ela suspirou contra sua boca.

— Oh, meu Deus...

Ele levantou a cabeça e abriu os olhos. Oh, inferno...

Tudo o que ele viu foi um brilho branco que banhava o rosto de Beth, refletido nas paredes, cobrindo a cama toda...

Oh, puta merda.

Dawson saltou para fora da cama, mas os seus pés nunca tocaram o chão ao lado dele. Ele pairou, olhando para si mesmo. Ele estava brilhando.

Tipo em um maldito modo alienígena completo na casa dela, no quarto dela. Bethany deslizou sobre a cama e se

apertou contra a cabeceira. Seus olhos estavam arregalados enquanto ela olhava para ele, sua boca se mexia, mas palavras não saiam.

O Choque suspendeu o tempo. Tudo parecia surreal para ele. Ele não estava no quarto de Bethany. Ele não tinha exposto o que ele realmente era. E esta garota — esta bela humana por quem ele estava se apaixonando não estava olhando para ele como se ele fosse o rei das aberrações.

Segurando a borda de seu cobertor, ela balançou a cabeça para trás e para frente. Ela estava tendo problemas para processar o que estava vendo, o que era compreensível.

Dawson estava brilhando como uma estrela.

Seu coração batia tão rápido que ele podia senti-lo em seus dedos. Em parte devido a toda essa coisa de beijar e em **116**

parte porque ele ainda estava em sua verdadeira forma. E ela estava brilhando fracamente, como se alguém tivesse mergulhado um pincel de tinta branca e sombreada suas bordas. Claro, Bethany não podia vê-lo. Nenhum ser humano poderia. O traço em volta dela foi uma reação do que estava em volta dele quando ele voltou ao normal.

Merda, ela estava brilhando.

Bethany piscou lentamente, os dedos soltando o cobertor.

— Dawson?

Faça alguma coisa, ele ordenou a si mesmo. Mas seu controle tinha escorregado, e ele não poderia retirá-lo de volta. Luz irradiava dele, preenchendo cada centímetro do quarto.

Ela ficou de joelhos, pouco a pouco. Ele tinha certeza de que ele poderia ver seu coração batendo através de sua camiseta, podia cheirar seu medo. Ela estava a segundos de correr do quarto, gritando. Bethany avançou sobre a cama, fazendo o seu caminho em direção a ele.

Dawson se afastou, querendo dizer alguma coisa, mas em sua forma verdadeira, ele não falava como um ser humano. Luxen usavam... caminhos diferentes.

Na beira da cama, ela olhou para ele. Em seus olhos castanhos, ele podia ver seu reflexo, e ele odiava o que ele via.

— Dawson, — ela sussurrou, apertando as mãos sob o queixo. — É você?

Sim, disse ele. Mas ela não podia ouvi-lo.

Quando o silêncio se estendeu, tornou-se insuportável, **117**

ela jogou as pernas para fora da cama e se levantou. Em vez de correr para a porta como qualquer pessoa em sã consciência faria, ela estendeu a mão, levando os dedos a poucos centímetros de tocar sua luz.

Dawson se afastou para trás.

Bethany puxou a mão ao peito.

— O que... o que é você?

Deus, não era uma pergunta capciosa? A coisa toda de dizer a verdade

parecia um ponto discutível agora, mas como ele poderia explicar o que aconteceu? Ei, querida, eu sou um alienígena e, aparentemente, eu acabei de encharcar você com um pouco de amor radioativo! Quer ver um filme? Sim, não é legal.

Tantas

coisas

estavam

passando

pelos

seus

pensamentos. Ele expôs sua espécie — sua família, colocando-os em perigo, arriscando Beth. Não havia como pará-la se ela decidisse gritar *alienígena* ou *gigante bug de luz*.

Mas ele precisava se controlar. Os pais dela estavam lá embaixo, e ele tinha a sensação de quanto mais ele ficava nesta forma, o rastro nela ficaria mais forte. Se movendo para o outro lado da sala, longe da Beth, ele quis que suas emoções fora de controle se estabilizassem. Foi difícil pra caramba, mas, eventualmente, ele conseguiu tomar a forma humana, e o quarto foi lançado nas sombras novamente.

Tudo, exceto Beth — havia um halo suave ao redor dela.

— Sinto muito. — ele resmungou.

As pernas de Bethany parecia ruir sob seus pés. Ela se sentou na cama, sacudindo a cabeça novamente.

— O que é você?

Encostado na parede, ele fechou os olhos. Não havia nenhum ponto em mentir agora ou guardar segredos. O

estrago estava feito. Tudo o que ele podia esperar era que ele pudesse convencê-la a não ir a público com isso.

— Eu sou um alienígena. — As palavras soaram grossas e estranhas aos seus ouvidos, e ele soltou uma gargalhada. — Eu sou um Luxen.

Ela puxou os joelhos, colocando-os contra o peito.

— Um alienígena? Como em Contatos Imediatos do Terceiro Grau? — Ela riu, e carregava um pouco de histeria

em sua voz. Quando o som escorria fora, sua cabeça virou na direção dele. — É por isso que você gosta tanto daquele filme Cocoon. Isso... isso não é real. Não pode ser. Oh meu Deus, eu sou louca... Esquizofrênica.

Dawson engoliu.

— Você não é louca, Bethany. Sinto muito. Você não deveria saber, e eu nem sei como... como isso aconteceu.

— O quê? Você normalmente não se acende quando você beija garotas? Porque isso poderia ficar estranho de verdade, né? — Ela bateu a mão sobre a boca. — Sinto muito.

Oh, Deus, eu não sei... alienígena?

Ouvir a confusão em sua voz o pegou, e ele queria de alguma forma torná-lo melhor, mas como? Pelo menos ele não sentia mais qualquer tipo de medo nela. Incrível.

Ele deu um passo hesitante para frente, e quando ela não se moveu, ele se tranquilizou. — Talvez ajude se eu começar de novo?

Ela assentiu com a cabeça lentamente.

Respirando fundo, ele sentou-se diante dela e inclinou a cabeça para trás, encontrando seus olhos. O que ele estava prestes a fazer era algo inédito. As regras que ele estava prestes a quebrar eram astronômicas. Uma imagem de seu irmão e irmã se formou em sua cabeça e seu peito apertou.

Ele sabia que se isso acabasse de forma ruim, seria mal para eles também.

E também seria ruim para Bethany.



Capítulo 11

udo que Bethany poderia fazer era encarar Dawson. Isso era tudo que ela era capaz de fazer. Alienígena? A parte lógica de seu cérebro continuou vomitando coisas como, isso é apenas uma alucinação ou um sonho. Ou, este é o início de uma doença mental. Talvez Dawson nunca existiu, mas,

novamente, isso não fazia sentido. Certeza de que ela tinha visto outras pessoas interagindo com ele. A menos que suas alucinações estavam em um nível tão épico que acreditava que ela tinha **120**

visto essas pessoas.

— Bethany. — Sua voz calma intrometeu.

Seu coração virou pesadamente.

— Isto é real, certo?

Seu rosto se contorceu como se ele estivesse com dor.

— Sim, é real.

Pessoas loucas provavelmente faziam coisas como está o tempo todo. Se questionado sobre seus amigos alienígenas imaginários serem reais e, claro, eles diziam que sim.

Ela colocou as mãos contra o rosto e, em seguida, as correu pelos cabelos emaranhados. Será que as pessoas loucas também beijavam suas alucinações? Porque essa foi provavelmente a única vantagem de tudo isso.

Dawson colocou a mão em seu joelho.

— Eu não posso nem começar a entender o que você está passando. Eu realmente não posso, mas eu prometo a você que isso é real e você não está louca. — Ele apertou-lhe a perna. — E eu sinto muito por fazer você se sentir desta forma e por você descobrir desse jeito.

— Não se desculpe. — Sua voz soava rouca. — É só que... é muita coisa para compreender. Quer dizer, eu realmente nunca pensei sobre alienígenas. Tipo, ok, talvez eles existam em algum lugar lá fora, mas... sim, eu não sei se eu realmente acreditava. E você não pode ser um alien.

Ela riu de novo e, em seguida, fez uma careta. Parecia loucura. "Eu só vi você... brilhar, mas era mais do que apenas brilhar. Você era luz, certo? Uma forma humana de luz — braços e pernas feitos de luz."

121

Dawson assentiu.

— Nós somos chamados Luxen. Em nossas verdadeiras formas nós não somos nada mais do que a luz, mas... não é como você pensa. Você pode nos tocar, nós temos forma.

— Forma... — ela murmurou.

— Sim. — Ele baixou seus olhos, e naquele instante, ele parecia terrivelmente jovem e vulnerável. — Nós somos de um planeta chamado Lux. Bem, foi chamado assim uma vez.

Ele não existe mais. Destruído. Mas não é só isso. Nós estamos aqui há centenas, se não milhares de anos.

Seu estômago fez um movimento sinuoso.

— Você tem... quantos anos?

— Não. Não! — Dawson riu, levantando os olhos. —

Tenho dezesseis anos. Nós, minha família viemos para cá

quando éramos crianças, muito jovens, e nós envelhecemos da mesma maneira que você.

— Em uma nave espacial?

Ela quase riu novamente, mas conseguiu manter o controle. Uma nave espacial — uma maldita nave espacial.

Querido Deus, essa era uma palavra que ela pensou que nunca fosse proferir. Isso era... uau.

Dawson se mexeu, juntando as mãos em seu colo.

— Nós não temos naves espaciais. Nós viajamos na nossa verdadeira forma. Uh, viajamos como a luz. E nessa forma, não respiramos, como você faria. São atmosferas diferentes, sim... — Ele encolheu os ombros. — Quando chegamos aqui, nós... escolhemos nossas formas humanas, fundindo o nosso DNA de um jeito, mas podemos parecer **122**

como qualquer um.

Bethany sentou reto. Isso tinha acabado de sair do bizarro para o território do Além da Imaginação.

— Você pode parecer como qualquer um?

Ele acenou com a cabeça.

— Nós não fazemos muito isso, só quando é preciso.

Tentando entender tudo isso, ela puxou seu cabelo com as duas mãos.

— Ok, então com o que você parece agora, não é real?

— Não, isso — ele bateu no peito — isto é real. Como eu disse, o nosso DNA se adapta rapidamente ao nosso meio ambiente. E sempre nascemos em trios-

— Andrew e seus irmãos, eles são Luxen, também? —

Quando ele assentiu, ela estava quase aliviada. — Andrew derreteu a bola de ping-pong!

— Sim, veja, nós controlamos as coisas relacionadas à luz, que é o calor e, às vezes fogo. — Ele ainda não tinha olhado para ela, não diretamente. — Eu não sei por que ele fez isso. A população em geral não pode saber sobre nós.

Então, é importante que não façamos nada estúpido. E isso era estúpido. Inferno, o que eu acabei de fazer foi colossalmente estúpido.

Ela o observava. Agora que o choque foi desaparecendo, sua mente estava começando a juntar as peças. Pelo menos agora ela sabia como uma cidade

pequena poderia ter seis pessoas incrivelmente lindas. É de se **123**

imaginar que eles não fossem humanos de verdade. Em seguida, ela percebeu — todo o episódio do gelo no estacionamento.

— O que mais você pode fazer?

Suas feições se comprimiram.

— Eu realmente não deveria-

— Mas eu já sei, certo? — Ela deslizou na cama, sentada na frente dele para que os joelhos dela estivessem pressionados nos dele. Ele empurrou como se surpreso com o contato, mas não se mexeu. — Que mal pode causar agora?

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Isso pode causar uma série de problemas.

Medo subiu na sua espinha, provocando arrepios sobre os ombros dela.

— Como o quê?

Ele abriu a boca, mas balançou a cabeça.

— Não é nada. Ah, você quer saber o que mais podemos fazer? Podemos nos mover rapidamente. Foi assim que eu peguei você no estacionamento. Nós também podemos aproveitar a energia: a nossa luz. É muito forte. Um ser humano não sobreviveria a uma luta conosco.

Seus olhos se arregalaram. Isso não era uma boa notícia, mas ela não podia imaginar Dawson machucando ninguém. Talvez seja por isso que ela não estava com medo.

Ou ela era apenas ingênua.

— O que mais?

— Isso cobre basicamente o lado das coisas.

Ela sabia que havia muito mais do que isso, e ela **124**

queria forçar o tema, mas haviam tantas perguntas.

— Quantos estão aqui?

— Muitos — disse ele, observando suas mãos. — A maioria de nossa espécie vivem em colônias. O governo está ciente de nós, o Departamento de Defesa. Eles monitoram a gente.

Ok, agora ela estava recebendo visões dos Homens de Preto. Se sentando, ela esperou um pouco para cair a ficha.

Um novo mundo inteiro acabou de se abrir para ela.

Um que ela não suspeitava de que um monte de pessoas estavam cientes, mesmo se o governo tivesse algo a ver com isso. Loucura como parecia, ela se sentiu...

privilegiada de alguma forma.

— Você está bem? — Ele perguntou.

— Sim, eu estou apenas tentando entender tudo isso.

— Ela fez uma pausa. — Por que a Terra?

O sorriso de Dawson foi fraco. — Nossa espécie tem vindo aqui desde que os humanos caminharam na Terra, ou talvez mais do que isso. De certa forma, é familiar para nós, eu acho.

— E seus pais?

— Meus pais estão mortos — disse ele em um tom monótono. — Assim como os pais dos Thompsons.

Seu peito se apertou.

— Oh, eu sinto muito. Eu não sabia. — Ela queria chegar mais perto,

confortá-lo, mas agora, ele agia como se ele estivesse com medo dela, o que era estranho, considerando tudo. — Eu realmente sinto muito.

— Está tudo bem. — Seu peito subia de forma irregular. — Eles morreram quando eramos bebês.

— Como... mas como vocês conseguem sem os pais? As pessoas não suspeitam de algo?

— É quando a mudança de forma é útil. Um de nós finge ser o pai — explicou. — E o DOD mantém um teto sobre nossas cabeças e outras coisas.

Fascinada, ela começou a fazer mais e mais perguntas.

Horas se passaram enquanto ela praticamente o interrogou

— sua mãe indo checar eles as vezes. E quanto à colônia? Ele não quis falar sobre o assunto, então ela seguiu em frente.

Será que todos os outros seres humanos por aqui sabiam? A resposta foi não. Quanto o DOD estava envolvido? Pelo que ela podia perceber de Dawson, muito envolvidos. Eles

monitoravam todos os aspectos da vida dos Luxen, de onde eles escolheram para viver, para que faculdades eles iriam, até quando eles se aplicariam para a carteira de motorista.

Outro fato divertido é que eles não ficavam doentes.

Nenhuma gripe. Sem resfriados comuns. Sem cânceros ou doenças nervosas. Não havia necessidade de um médico. Se eles estivessem feridos em sua forma humana, só precisavam mudar para sua verdadeira forma e curar os ferimentos "a maior parte."

— Deixe-me entender isso direito — Bethany disse, inclinando-se na direção dele. — Você não pode ser ferido, então? Não de verdade?

Dawson abanou a cabeça.

— Nós podemos ser feridos. Os Arum são os nossos **126**

maiores inimigos.

— Quem?

Ele esfregou a palma da mão contra a testa.

— Eles são como nós, mais ou menos. Em vez de três ao mesmo tempo, são quatro. Eles são do nosso planeta irmão. E eles são na sua maioria composta por sombras, mas o seu DNA se adapta como o nosso. Eles parecem como humanos a maior parte do tempo.

— E eles são perigosos?

— Eles nos caçaram até sermos quase extintos, destruíram nosso planeta. Eles nos seguiram até aqui.

Sua garganta estava seca.

— Por que eles caçam você?

— Pelas nossas habilidades. — explicou. — Sem elas, eles são fracos. Quanto mais Luxen eles matam, mais habilidades eles absorvem.

— Isso... isso é confuso.

Ele olhou para cima, em seguida, encontrando seus olhos.

— Eles são apenas uma das razões pelas quais temos que ter cuidado perto de seres humanos.

Nós se formaram em seu estômago. Ela pensou na luz e na intensidade do calor.

— Você pode prejudicar as pessoas em sua verdadeira forma?

— Não, quero dizer, nós distorcemos campos eletromagnéticos quando usamos nossas habilidades. Isso **127**

aumenta a deles. Tanto que pode deixar um humano doente ou deixá-lo com náuseas ou nervoso, mas nada permanente.

E às vezes nós vibramos... ou zumbimos.

— Eu senti isso antes. — Ela sorriu um pouco, lembrando a maneira como sua mão tinha vibrado debaixo dela.

Os olhos de Dawson brilharam.

— Mas sempre que usamos nossas habilidades ou entramos em nossa verdadeira forma, deixamos para trás um rastro no humano. Como logo agora, você tem um leve brilho ao seu redor.

— Um rastro?

— Sim — disse ele. — Nós ficamos aqui e em lugares como Petersburgo, porque há uma grande concentração de

quartzo beta nas rochas. Ele perturba os campos em volta de nós, bloqueando nossa detecção pelos Arum, mas não bloqueia os vestígios.

Sua respiração ficou presa, de alguma forma sabendo onde isso estava levando.

— Logo, esses Arum podem ver o rastro em volta de mim e... e me encontrar através dele?

— Sim.

— Oh, Deus. — Ela colocou a mão sobre o coração.

— Seu rastro é muito fraco. Eu não acho que haverá qualquer problema. — Alívio inundou, e ele parecia tentar sorrir. — Eu me sinto estúpido por ainda dizer isso, mas você não pode contar a ninguém sobre isso, Bethany. Ninguém pode saber.

Ela riu, então, sabendo que ela o surpreendeu.

— Dawson, ninguém iria acreditar em mim.

— Isso não impede as pessoas, apesar de tudo. Houve alguns que descobriram a verdade. Quem já viu um Luxen em sua forma verdadeira e tentou dizer a outras pessoas. —

Seus olhos estavam fazendo aquela coisa brilhante novamente, como se houvesse uma luz branca por trás das pupilas. Ela sabia que havia. — Essas pessoas desapareceram.

O gelo cobriu os nós em seu estômago.

— O que você quer dizer?

— O DOD cuida deles. Como? Eu não sei. Mas a sua principal tarefa é a de encobrir nosso segredo e certificar-se de que ninguém ameace esse objetivo.

Um pouco assustador pensar nisso, mas ela também entendeu o motivo. Os seres humanos se assustariam se eles soubessem que alienígenas estavam vivendo junto deles. Os aliens podiam mudar de identidades, se mover tão rápido como a luz, e explorar qualquer tipo de energia.

E, por outro lado, um ser humano com aquele tipo de conhecimento também teria muito poder, não é? O dinheiro provavelmente estaria envolvido, se isso viesse a público com detalhes.

Bethany sacudiu a cabeça. Não seria certo, no entanto, por várias razões.

— Eu não vou dizer nada, Dawson. Eu sei que prometer não significa muito, mas... Eu realmente não quero desaparecer, e eu não quero trazer problemas para vocês.

Ele exalou alto.

— Eu acredito em você. Obrigado.

Batidas do coração passaram em silêncio enquanto ela estudou seu rosto voltado para baixo. Deus, ele era bonito.

Seus traços perfeitamente unidos. Deveria saber que algum tipo de DNA alienígena estava envolvido de alguma forma.

Então se lembrou de seu primeiro telefonema e como ele disse que vinha de longe. O engraçado era que ele não tinha mentido para ela naquela vez.

Bethany realmente não sabia o que dizer ou pensar.

Obviamente, ela não era louca. Dawson era... um alienígena, mas tinha dificuldade em vê-lo desse jeito. Não que ela não aceitasse o que ele era, mas quando ela olhava para ele, tudo o que ela via era Dawson.

Dawson, que falou com ela no primeiro dia, que a seguiu para o corredor, e que matava aula para passar o almoço com ela. Dawson, que dedicou horas no telefone com ela, falando até que ambos adormeciam. Tudo o que ela realmente via era Dawson, um menino por quem ela estava apaixonada.

Ele ficou imóvel, enquanto ela estava olhando para ele, mas ele desviou o olhar, flexionando o músculo em sua mandíbula. Bethany ficou de joelhos de repente.

— Posso tocar em você? Quando você está em sua...

verdadeira forma?

Seus olhos se viraram para os dela, a agitação verde com uma mistura de esperança e de pânico, alívio e tristeza.

Houve também um olhar estranhamente terno em seu rosto **130**

que bateu fundo em seu coração, fazendo um baque duro.

— Por que você iria querer?

Ela mordeu o lábio, se perguntando se ela de alguma forma o tinha insultado. Tocá-lo em sua verdadeira forma era rude? Ele saltou para longe dela terrivelmente rápido.

— Eu não sei. Eu só quero.

Choque estampou em seu rosto.

— Você realmente quer?

Prendendo a respiração, ela balançou a cabeça.

— Não se for deixar o rastro pior, mas... — Ele ficou de joelhos de qualquer maneira, e fechou os olhos. Um segundo depois, ele desapareceu. Suas roupas, a forma sob eles, tudo simplesmente desapareceu, mas foi rapidamente substituído por uma luz branca afiada. Ele estendeu um braço e dedos se

formaram. Cinco deles. Assim como os dela. O olhar de Beth correu para cima e com a cabeça inclinada para o lado, esperando.

Sua luz iluminou o quarto inteiro. O calor irradiava dele. Por mais estranho que era isso, ele era bonito. Tão bonito que havia lágrimas em seus olhos, que não tinham nada a ver com a intensidade da luz.

Com o coração na garganta, ela estendeu a mão.

Quando seus dedos tocaram a luz, um choque fraco de eletricidade enrolou em seu braço, e então ela sentiu a vibração diminuir. Seus dedos apertaram os seus e ele sentia o mesmo. Quente. Suave. Forte. Era a mão de Dawson.

Ele apenas parecia diferente.

Bethany se aproximou, com cuidado para não assustá-

131

lo.

— Posso tocar mais de você?

Depois de uma pausa, ele acenou com a cabeça.

Em seguida, ela percebeu.

— Você não pode falar comigo nesta forma, você pode?

Dawson abanou a cabeça.

— Isso é triste. — Mas então ela colocou a mão onde ela assumiu que seu peito era e sua luz pulsante. Houve um estalo distinto na sala, como uma tomada de sopro. A sensação de zumbido passou pelo seu braço, lembrando-a de como era empurrar um cortador de grama.

Sua mão escorregou, e a luz ficou ainda mais poderosa.

Ela começou a sorrir, mas então ela percebeu que ela estava sentindo ele, e, bem, isso foi estranho. Puxando a mão para

trás, ela esperava que ele não percebesse que ela estava corando.

Dawson baixou o braço, e a luz esmaeceu. Como antes, ele desapareceu e tomou a forma que ela já estava familiarizada, jeans e tudo mais.

— Ei. — ele disse.

— Lindo — ela deixou escapar. — Você é lindo.

Seus olhos se arregalaram, e ela se sentiu uma espécie de idiota. — Quero dizer, você não é algo ruim...

— Obrigado.

Ela assentiu com a cabeça.

— Seu segredo está seguro comigo. Eu prometo a você.

Você não tem nada com que se preocupar.

— Você está bem, então?

— Está tudo bem, — ela sussurrou, ainda impressionada com a beleza de sua verdadeira forma.

— Bom. — Ele sorriu, mas a voz foi sumindo enquanto ele se levantava, passando a mão para baixo em suas coxas.

— Você não pode imaginar o quanto eu sou grato que você compreenda, e não se preocupe, eu também entendo.

Ela franziu a testa.

— Entende o quê?

— Que você não queira mais... me ver. — Houve uma pausa enquanto ele se retraiu. — Eu sei que você provavelmente me odeia por fingir ser humano e, em seguida, beijar você. Foi errado. E provavelmente você repugna. Após os rastros desaparecerem, vou deixá-la sozinha. Eu juro. Mas eu preciso ficar perto de você agora, basta ter cuidado. Eu não

quero que você se preocupe. A probabilidade de um Arum encontrar você é pequena.

— Whoa. Espere. — Bethany se levantou, seu coração batendo em seu peito novamente. — Dawson, por que eu iria ficar com nojo de você ou odiá-lo?

Ele deu-lhe um olhar brando.

— O quê? — Ela balançou a cabeça.

— Eu sou um alien. — Ele disse devagar.

— Mas você ainda é o Dawson, certo? Quer dizer, eu entendo que você é o que você é, mas você ainda é Dawson.

— Ela fez uma pausa, trabalhando na coragem para dizer tudo. — Você

ainda é o cara que eu gosto. E se, se você ainda gosta de mim, então eu não vejo qual é o grande problema.

Ele fez uma pausa, e ela tinha certeza que ele parou de **133**

respirar. E ela tentou não perceber ou ficar assustada com isso, porque isso não ajudaria em nada agora.

Dawson apenas olhou para ela.

Ah, talvez ela tivesse lido errado? O beijo também?

— Quero dizer, se você ainda gosta de mim? Eu não sei que tipo de regras ou- Ele cruzou a distância entre eles tão rapidamente que ela ainda não tinha visto ele se mover. Um segundo ele estava lá longe, e no outro ela estava em seus braços, a cabeça dele enterrada em seu cabelo. Braços fortes tremiam ao redor dela.

Ela colocou os braços ao redor do pescoço e segurou.

Um nó se formou em sua garganta. Lágrimas queimaram seus olhos. Ocorreu-lhe como incrivelmente solitário deve ser,

viver entre os humanos, mas nunca realmente ser uma parte deles.

— Bethany — ele murmurou, inalando profundamente.

— Você não tem ideia do que isso significa para mim...

Aconchegando-se mais perto e respirando seu aroma fresco, ela o segurou mais apertado. Realmente não havia nenhuma palavra.

— Estou pensando... — ele disse, a voz áspera.

— Sobre...?

— Você. Eu. Juntos. Tipo sair juntos, estar juntos. —

Houve uma pausa, e então ele riu. — Uau. Essa foi provavelmente a pior

tentativa de pedir alguém para ser minha namorada.

O coração de Beth acelerou. Tentativa ruim ou não, ela **134**

estava a segundos de desmaiar.

— Você quer ser meu namorado? — Ele acenou com a cabeça, e sua respiração saiu em um pequeno suspiro. —

Bem, você meio que tem que estar comigo agora. —

Levantando a cabeça, ela sorriu para ele. — Eu sei o seu grande e mau segredo.

Dawson riu, e seus olhos iluminaram.

— Oh, chantagem, né?

Quando ela assentiu, ele se inclinou para baixo, pressionando sua cabeça contra sua testa.

— Falando sério, eu quero isso, eu quero você. — O

constrangimento de antes desapareceu de sua voz. Ele era toda intenção e propósito agora. — Mais do que eu já quis algo. Então, sim, eu quero estar com você.

Nada neste mundo poderia parar o seu sorriso.

— Eu realmente gosto do som disso.

Bethany sabia a verdade, sabia o quanto ele arriscou, mas em seus braços, ele era e sempre seria Dawson.



Capítulo 12

volta para casa foi um borrão para Dawson. Ele nem sequer se lembrou de estacionar o carro e ir A para cima. Deitado na cama, ele olhou para o teto, seus pensamentos correndo e derramando um em cima do outro.

Ele mudou para sua verdadeira forma. Merda. Ele realmente mudou na frente dela. Não tinha palavras. Nunca em sua vida isso tinha acontecido. Mas ela não tinha se assustado. Deus, não, ela realmente aceitou. Além de **136**

fanáticos, Dawson não esperava isso de qualquer ser humano.

Puxando o celular do bolso, ele enviou a ela uma mensagem de texto rápido, perguntando se ela estava bem.

Sua resposta veio imediatamente. Então seu telefone buzinou novamente.

Nos vemos amanhã?

O sorriso que se espalhou pelo seu rosto, provavelmente, o fez parecer como

um idiota, mas ele não se importou. Respondendo, ele disse que sim e em seguida, jogou o celular em seu criado-mudo. Nem um segundo depois, a porta do quarto se abriu, e Dee colocou a cabeça para dentro.

— Ei, — ela disse. — Posso entrar?

— Claro. — Dawson se sentou. — O que foi?

Dee se sentou na cadeira de sua mesa, cruzando os braços delgados.

— Daemon foi atrás de um Arum hoje. Ele estava perto da lanchonete.

O peito de Dawson se apertou. Bethany. Ela pode ter aceitado, mas porra, como ele pode esquecer do rastro?

— Daemon está bem?

— Um pouco machucado, mas ele vai ficar bem. —

Houve uma pausa e, em seguida, um suspiro. — Ele sempre vai ficar bem. Você sabe como ele é.

Sim, Daemon era uma máquina.

— Deixe-me adivinhar, ele está lá fora caçando o Arum novamente agora.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você estava com Bethany?

— Eu estava na casa dela, conheci os pais dela.

— Parece sério... — ela sussurrou.

Sério como uma invasão alienígena, ele pensou.

Cruzando seus tornozelos, ele estreitou os olhos.

— Você está bem?

Dee piscou para fora da cadeira e apareceu no pé da cama, com os joelhos dobrados contra o peito.

— Eu estou bem. Eu só sinto sua falta. Daemon é um chato.

Ele riu.

— Daemon é mais emocionante do que eu sou.

Ela franziu o nariz.

— Que seja. Então, Bethany, é sério, né? Conhecer os pais? Você nunca fez isso antes.

Eles tinham uma relação próxima, ele e Dee. Apesar de um monte de faltar detalhes sobre os relacionamentos dele, Dee sabia tudo sobre ele. E ele confiava nela implicitamente.

— Eu realmente gosto dela, — disse ele, finalmente, fechando os olhos. — Ela é incrível.

Dee não respondeu imediatamente, e ele sabia o que ela estava pensando. Bethany poderia ser incrível, perfeita mesmo, e isso não importa. Aliens e os seres humanos não se misturavam.

— Dawson...

— Ela sabe.

Ele disse em voz baixa, mas as duas palavras foram **138**

como uma bomba nuclear.

— O quê? — Dee gritou.

Dawson fez uma careta. Quando ele abriu os olhos, ela estava de pé em cima na cama, os olhos arregalados e as mãos tremendo. Ele se sentou. — Dee, está tudo bem.

— Como é que pode estar bem? Os seres humanos não podem saber sobre nós! E o DOD e-

— Dee, se sente e se acalme. Ok? — Ele esperou até que ela se sentasse. Seu corpo inteiro estava vibrando.

Acontecia sempre que ela estava animada ou triste. — Eu não contei a ela de propósito.

A cabeça dela se inclinou para o lado.

— Como é que você acidentalmente deixou escapar?

“Oh, a propósito, eu sou um alien. Vamos nos beijar”?

Huh, ela entendeu tudo.

— O que aconteceu? — Ela exigiu.

— Eu não tenho certeza que você quer saber os detalhes.

— Vocês fizeram sexo? Porque essa é praticamente a única coisa que você não vai me contar o que eu aprecio, e pensando bem, não responda a essa pergunta. É nojento.

— Não. Nós não fizemos sexo. — Ele se engasgou com seu riso. — Nossa, Dee...

Ela revirou os olhos.

— Então o que aconteceu?

Esfregando as têmporas, ele olhou para a porta.

— Bethany e eu estávamos nos beijando e aconteceu algo que nunca aconteceu antes.

Dee se inclinou para trás. Um olhar de supremo desprezo nublou seu rosto bonito.

— Uh, eca, se se trata de qualquer tipo de-

— Oh meu Deus, cale a boca e escute, ok? — Ele passou a mão pelo cabelo.

— Nós estávamos nos beijando, e eu perdi meu controle sobre a minha forma humana. Eu fiquei iluminado como uma maldita árvore de Natal.

A boca de sua irmã caiu aberta.

— Não me diga...

— Sim, e ela me viu. Eu tive que contar a ela, porque não é como se eu pudesse me esconder depois disso.

Dee piscou várias vezes.

— Espere. Rebobine. Você perdeu o controle, porque vocês estavam se beijando?

— Sim.

— Uau.

Outra emoção levou a repugnância. Algo que ele não poderia fazer e provavelmente não queria.

— Você deve realmente, realmente gostar dela.

— Eu gosto. — Dawson sorriu, incapaz de evitar. Ele era um idiota.

— Eu nunca fui beijada desse jeito.

Lá se foi o seu sorriso.

— É melhor você não ser beijada assim. E eu não quero ouvir sobre isso, se você for.

— Ei, é hora de se importar e compartilhar, certo?

— Não.

Ela acenou com a mão, descartando a ideia.

— O que ela fez?

Dawson explicou como Bethany lidou bem com isso, já que foi um choque para ela. Respeito encheu os olhos de sua irmã. Qualquer Luxen iria apreciar a compreensão do ser humano de manter em segredo, e se ele acreditava que Bethany iria, Dee parecia confiar nisso.

— Espere. Ela está brilhando? — Ela sussurrou isso, como se dizer isso em voz alta era algum tipo de pecado.

Dawson assentiu.

— Um pouco.

— Oh, cara. Daemon vai matar você.

— Obrigado. Isso ajuda, Dee.

— Sinto muito. — Ela levantou as mãos. — Mas logo que ele vê-la, sim, não vai ser bom.

Dawson encostou-se à cabeceira da cama, passando as mãos pelo rosto. Droga, não era bom. Nem perto. Quem se importava com Daemon matando ele? Bethany estava brilhando. Ele deixou sua marca proverbial sobre ela.

E isso iria levar um Arum direito para ela.

...

Olhando para uma tela em branco no domingo, Bethany segurou um pincel em uma mão e a sua outra estava ocupada sentindo os lábios — lábios que foram tocados por Dawson. Puxa, ele a beijou como se estivesse morrendo de fome, deixando-a tonta e sem fôlego.

Ele tinha saído há pouco tempo, pouco antes do jantar.

Eles não se beijaram novamente. Explicando que ele queria esperar até que o rastro desaparecesse antes que ele tentasse isso, seu tempo juntos tinha sido do tipo aprovado pelo Disney Channel. Mas eles tinham se abraçado muito, o que tinha sido tão bom quanto beijar, em sua opinião. Só de estar ao lado dele, com os braços ao seu redor, fazia seu coração pular, suas terminações nervosas disparando a torto e a direito.

Surpreendentemente, toda a vez que ela esteve com ele, ela realmente não tinha pensado sobre o que ele era. Claro, agora que ele se foi, ela não podia parar de pensar nisso.

Dawson era um alienígena.

Toda

a

cidade

estava

povoada

com

eles,

aparentemente. Era tudo tão... fora deste mundo.

Bethany sorriu.

Ela colocou o pincel de volta na mesinha pressionada contra a cômoda e se levantou. Indo até a janela, ela abriu a espessa cortina de lado. O pôr do sol tinha deixado as árvores nuas de uma cor cinza. Apoiando a testa avermelhada contra a vidraça fria, ela fechou os olhos.

O quarto — tudo, parecia frio sem ele lá. Tinha que ser o calor que ele emitia. Ou era apenas ele e como ele a fazia se sentir. Melodrama de adolescente, mas era verdade. Se afastando da janela, ela resistiu ao impulso de enviar mensagem ou ligar para ele. Mas ela estava preocupada com ele. Hoje à noite ele diria a Daemon que ela sabia. Se ele não contasse, Daemon aparentemente veria o rastro em torno dela no futuro. Melhor ver o irmão dele pirar na privacidade **142**

de sua casa, em vez de no meio da aula de Inglês.

Ela esperava seriamente que Daemon não matasse Dawson. Ela tinha se afeiçoado ao menino. Tentando não ficar obcecada sobre ele, ela se forçou para fora do quarto, para longe do telefone. No andar de baixo, a mãe estava na cozinha. Grande surpresa. Papai estava sentado à mesa, olhando documentos, enquanto Phillip revirava o queijo de seu hambúrguer com o dedo. Ela o evitou e entrou na sala de estar.

O pai retirou uma porção de documentos.

— Olha quem finalmente saiu de seu quarto para se juntar aos vivos.

Bethany fez uma careta.

— Ha. Há.

No fogão, a mãe dela se virou, uma assadeira cheia de biscoitos na mão.

— Querida, você pode verificar seu tio e ver se ele quer algo para comer ou beber?

— Claro. — Ela se virou e se dirigiu à sala de estar.

Tio Will estava sentado no sofá com firmeza, parecendo exausto. Os dias que antecederam o seu tratamento sempre eram os piores. Do que Bethany sabia, os esteroides dados junto com o remédio funcionavam mais rápido.

— Ouvi a sua mãe — disse ele antes que ela pudesse pronunciar uma palavra. Sua voz era fraca e rouca. — Se eu ficar com sede, eu sei onde a geladeira está.

Bethany olhou a TV. Um dos filmes O Poderoso Chefão estava passando.

— Eu posso pe-

— Eu estou bem. — Ele acenou com a mão. Parecia papel fino e branco. — Sente-se. Eu nunca conversei de verdade com você.

Conversar com seu tio era a última coisa que ela queria fazer, e ela se sentia muito mal por isso. Mas ela nunca sabia o que dizer. Tio Will gostava de fingir que ele não estava batendo na porta da morte, e Bethany era horrível em conversar à toa. Evitar sua doença era como ignorar um macaco gigante subindo pelas paredes e atirando bananas.

Ela se sentou na cadeira, dobrando as pernas sob ela procurando freneticamente algo para dizer. Felizmente, Tio Will começou a conversa.

— Então, há quanto tempo você está vendo esse menino?

Sua boca se abriu. Ok, então talvez ela não tivesse essa sorte. Depois que Dawson saiu, seus pais haviam interrogado ela a respeito dele.

Novamente.

— Somos apenas amigos...

— É isso mesmo? Eu não tenho... — Suas palavras terminaram com uma tosse que tremeu todo o corpo dele. Por mais impossível que fosse, ele estava ainda mais branco.

Quando a tosse terminou, ele fechou os olhos e limpou a garganta. — Eu realmente não tenho visto ele com outras meninas. A família... a família dele sempre fica junta.

Oh, cara, Tio Will não tinha nem ideia.

— Sim, eles parecem bem unidos.

— Boas crianças, eu acho. Nunca entram em problemas de verdade. — Ele brincava com a colcha de retalhos estendida sobre suas pernas. Seu contorno era magro. — Não é possível distingui-los, no entanto. Qual deles estava aqui?

Era engraçado para ela, como ninguém conseguia dizer quem era Dawson e quem era Daemon.

— Era Dawson.

Ele acenou com a cabeça.

— Ah, Dawson... boa escolha.

Ela franziu a testa.

— Você o conhece?

Ele balançou a cabeça.

— Não de verdade, mas ele parece ser o mais amigável dos dois... quando eu os vejo na cidade. Você já foi na casa dele? Conheceu os pais?

Sua carranca se aprofundou quando ela olhou para a tela. Claro, seu tio estava sendo protetor, mas a incomodava ser questionada sobre Dawson. Um, desejo quase irracional e imediato para protegê-lo e a seu segredo surgiu nela.

— Eles trabalham muito fora da cidade, mas eu ouvi ao telefone algumas vezes.

— Hmm. — Will pegou o controle remoto, sinalizando o final da conversa. Graças a Deus.

Um abençoado silêncio se seguiu, e quando ela não podia ficar lá por mais tempo, ela se desculpou e voltou para cima.

E, é claro, foi direto para o telefone.

Ela não era o tipo de rezar, e rezando para que um irmão não matasse o outro parecia errado em muitos níveis, mas não fazia mal fazer uma pequena oração.

...

Dawson sentiu como se estivesse se preparando para ir à frente de um pelotão de fuzilamento. E ele meio que estava.

Se afastando da casa de fazenda, ele enfiou as mãos nos bolsos. Sem o conhecimento de Bethany, ele realmente não tinha ido embora ainda. Apenas estacionou o carro na casa dele e voltou. A luz acendeu no quarto de Bethany. Ele queria esperar para ver se ele tinha um vislumbre dela, mas

isso o transformava de apenas ficar de olho nela para um perseguidor completo.

Bethany estava segura em sua casa agora. Não havia nenhum Arum à espreita nas sombras e o brilho era tão fraco que ele não podia nem mesmo senti-lo. Portanto, não havia razão para que ele ficasse acampado do lado de fora de sua casa.

E ele precisava ir para casa falar com o Daemon.

Se virando, ele entrou mais profundamente na floresta, e quando ele tinha certeza de que ninguém pudesse ver a sua luz, ele mudou em sua forma verdadeira e decolou, temendo o que estava prestes a acontecer.

Dois minutos depois, ele estava descendo em sua garagem, deixando sua luz desvanecer até que ele se **146**

parecesse com qualquer outro ser humano. Arrastando os pés, ele abriu a

porta da frente.

A sala estava escura e, quando ele parou, franziu a testa. Música tocava pela casa. A letra Whoomp, there it is!

Explodia nos alto-falantes. Ele sabia que antes de entrar na sala de estar que Daemon estava ouvindo um desses canais de TV que não passavam nada, além de música.

Esparramado no sofá, com os braços atrás da cabeça, Daemon movia os pés descalços em perfeita sincronia com a música.

As sobrancelhas de Dawson se arquearam.

— 'Whoomp There It Is'?

— O quê? — Ele inclinou a cabeça para Dawson, sorrindo. — Eu gosto da música.

— Você tem um gosto musical duvidoso.

— Não me aborreça. — Sentou-se em um movimento fluido, deixando os pés no chão. — Onde você esteve o dia todo?

— Onde está Dee? — Perguntou ele, em vez de responder à pergunta.

Daemon acenou com a mão, e os canais mudaram rapidamente.

— Em seu quarto.

— Ah. — A probabilidade de Daemon matá-lo com a sua irmã em casa era pequena. Boas notícias.

— Sim.

Suspirando, ele se sentou no braço da cadeira.

— Eu preciso te contar uma coisa, mas você tem que **147**

me prometer que não vai enlouquecer.

Daemon lentamente virou a cabeça para ele, estreitando os olhos. A TV parou em uma estação de músicas antigas. "Chantilly Lace" começou a tocar.

— Sempre que alguém começa uma conversa desse jeito, eu tenho certeza que eu vou enlouquecer.

Ah, bom ponto.

— Tem a ver com Beth.

O rosto de seu irmão ficou branco.

— Eu fui vê-la ontem, na casa dela, — continuou ele.

— E algo aconteceu.

Ainda não havia resposta de seu irmão. Um Daemon tranquilo era um Daemon prestes a explodir.

— Eu não sei como isso aconteceu ou porque, mas aconteceu. Nós estávamos nos beijando... e eu perdi o controle da minha forma humana.

Daemon chupou uma respiração afiada e começou a se levantar, mas parou.

— Jesus...

— Eu deixei um leve rastro sobre ela. — E aqui vem a parte ruim. — E ela sabe a verdade.

Como um interruptor sendo jogado, Daemon foi para cima de seu rosto, em uma fração de segundo.

— Você está falando sério?

Dawson encontrou o olhar duro de seu irmão.

— Eu não acho que eu iria brincar com algo assim.

— E eu não acho que você seja tão descuidado, **148**

Dawson! — Daemon apagou e reapareceu do outro lado da sala, sua coluna vertebral rígida e os ombros tensos. —

Droga!

— Eu não queria que isso acontecesse. — Dawson tomou posse total para seu erro, mas sempre havia algo sobre Daemon que o fazia se sentir como uma criança diante de um pai furioso. — Iluminá-la com um rastro era a última coisa que eu queria fazer, mas não era como se eu não pudesse contar a ela depois disso. Ela completamente entende que ninguém pode saber. Ela não vai contar-

— E você acredita nela?

— Sim. Eu acredito.

Os olhos de Daemon queimaram.

— E só porque você acredita nela, o resto de nós deve ficar bem com isso?

— Eu sei que é pedir muito, mas Bethany nunca diria a ninguém.

Daemon soltou uma gargalhada fria.

— Deus, você é estúpido, mano, muito estúpido.

Uma onda quente viajou até sua espinha.

— Eu não sou estúpido.

— Eu discordo! — seu irmão rosnou.

As mãos de Dawson se abriram e fecharam em seus lados.

— Eu entendo que você está decepcionado comigo marcando Bethany, e que ela saber a verdade é uma atrocidade brutal para você, mas não foi como se eu quisesse **149**

fazer isso.

— Eu sei que você não queria, mas isso não muda o fato de que aconteceu.

— Daemon encostou-se à parede, inclinando seu queixo para cima.

Tensão irradiava dele, e Dawson sabia que ele estava tentando pensar em uma maneira de corrigir isso. Isso é o que Daemon fazia. Ele consertava as coisas. Daemon fez um som baixo na parte de trás de sua garganta.

— Então, você a beijou e isso aconteceu?

— Sim, estranho, eu sei.

Um lado de seus lábios tremeu.

— E o rastro é fraco? — Quando Dawson garantiu a ele, Daemon baixou o queixo. — Ok. Você precisa ficar longe dela.

— O quê?

— Talvez você não entendeu o Inglês que eu estava falando. — Os olhos de Daemon explodiram de raiva. — Você precisa ficar longe dela.

Essa era a coisa mais inteligente a fazer, o que ele devia fazer. Deixar Bethany sozinho. Mas um gosto amargo encheu a boca. Se imaginando nunca mais falando com ela novamente, ou tocá-la de novo fazia se sentir como se sua pele fosse muito apertada.

— E se eu não puder? — Ele perguntou, olhando para longe quando Daemon fez uma careta.

Seu irmão amaldiçoou.

— Você está brincando comigo? Não é difícil. Você. Vai.

Ficar. Longe. Dela.

Como se fosse assim tão fácil. Daemon não entendia.

— Mas ela está brilhando agora. Nada de grave, mas se houver um Arum por perto, ela não estará segura.

— Você provavelmente deveria ter pensado nisso antes de acender ela toda.

Dawson se voltou para seu irmão, estreitando os olhos.

A raiva fez o calor do seu corpo aumentar.

— Então? É isso? Você simplesmente não se importa se ela se machucar?

— Eu me importo se você se machucar. — Daemon deu um passo para frente, com as mãos em punhos. — Eu me importo se Dee se machucar. Essa menina, por mais ignorante que pareça, não significa nada para mim.

Dawson olhou para seu irmão, os olhos afiados e idênticos aos dele. Engraçado como às vezes Daemon aparecia um perfeito desconhecido para ele.

— Você parece tão ruim quanto Andrew.

— Que seja, cara. — Daemon caminhou pelo quarto, pegando um travesseiro. — Eu não estou contra os humanos aqui. Eu estou constatando um fato. — Ele afofou o travesseiro antes de jogá-lo contra o sofá. — Obviamente, você sente alguma coisa para ela. Algo mais do que o que você sentia antes.

Bem, sem dúvida. Ele nunca perdeu a sua forma perto de uma garota humana antes. E, quando ele pensou em Beth, sim, ele nunca se sentiu assim antes.

— E por causa disso, você precisa ficar longe dela —

disse Daemon, como se sua palavra fosse lei. Ele parou na frente de Dawson, dobrando seus braços. — Eu vou ao Matthew explicar o que aconteceu.

As costas de Dawson se endireitaram.

— Não.

Daemon respirou afiado.

— Matthew precisa saber o que você fez.

— Se você contar ao Matthew, ele vai para o DOD, e eles vão levar Bethany para longe. — Quando Daemon abriu a boca, Dawson pisou para frente. — E não se atreva a dizer que não se importa.

— Você está pedindo muito! — Daemon explodiu. — Eu tenho que avisar os outros apenas no caso de sua namorada decidir ir e contar ao National Enquirer sobre nós.

— Ela não vai. — A voz calma de Dee se intrometeu do topo da escada. Os irmãos se viraram para ela. — Se Dawson acredita que Bethany permanecerá calma, então eu acredito nele.

— Você não está ajudando aqui! — retrucou Daemon.

Ela o ignorou.

— Nós ainda temos que contar aos outros, Dawson, porque eles têm o direito de estarem preparados. Eles vão saber, especialmente quando virem o rastro, mas Daemon pode convencer Matthew a não ir para o DOD ou para os Anciões.

— Isso não é problema de Daemon. — argumentou. —

É meu. Eu deveria estar-

— Se se trata de você, é problema meu. — Impaciência **152**

estava gravada no discurso de Daemon.

A vergonha aumentou dentro de Dawson, como um punhado feio de fumaça.

— Eu não sou uma criança, caramba. Você é apenas mais velho por alguns minutos! Isso não dá a você-

— Eu sei. — Daemon esfregou a testa como se sua cabeça doesse. — Eu não quero tratá-lo como uma criança, mas caramba, Dawson, você sabe o que tem que fazer aqui.

Dee apareceu entre eles, com as mãos nos quadris enquanto ela se contorcia para Daemon.

— Você tem que confiar em Dawson sobre isso.

O olhar no rosto de Daemon disse que preferia colocar a cabeça em um moedor de carne.

— Isso é loucura.

Daemon deu um passo atrás, colocando as palmas das mãos na testa.

— Ok. Eu entendo sua... necessidade em saber que ela está segura, enquanto ela estiver com o rastro, e sim, talvez ela não vá dizer besteira, mas depois disso, você não pode correr o risco de que algo como isso aconteça novamente.

— Eu consigo me controlar. — disse Dawson.

— Oh, que m-

— Não me peça para desistir dela antes mesmo de eu conhecê-la de verdade.

— Logo que as palavras saíram de sua boca, seu testamento foi forjado com cimento em abrigo de bombas nucleares. — Porque você não vai gostar da minha resposta.

Daemon piscou como se estivesse atordado. E Dawson **153**

percebeu, então, que mesmo fazendo suas próprias coisas na maioria das vezes, ele nunca tinha enfrentado seu irmão. Até Dee pareceu surpresa.

— Você não quer dizer isso. — Daemon disse, com voz firme.

— Eu quero.

— Oh, pelo amor de todo os bebês humanos, você é um idiota. — Daemon se atirou pela sala, indo de igual para igual com ele. — Então, você começa a conhecê-la, e você se apaixona por ela. — Ele cuspiu a última palavra, como se ele tivesse engolido unhas. — Então o quê? Você vai tentar ficar com ela? Se casar? Ter uma pequena casa com uma cerca branca, e alguns filhos?

Deus, ele não tinha pensado tão longe.

— Talvez sim. Talvez não.

— Sim, me avise quando isso funcionar com o DOD.

Havia uma boa chance de Dawson rachar o corrimão.

— Não é impossível. Nada é.

Mais uma vez, o choque apareceu no rosto de Daemon, e então sua expressão endureceu.

— Você corre o risco de ser um pária! Pior ainda, você arrisca a sua irmã se isso acontecer de novo.

— Daemon, — Dee protestou, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. — Não coloque isso em cima dele.

A raiva transformou a pele de Daemon em escura. Seus olhos começaram a brilhar.

— Não. Ele precisa entender o que ele fez. Bethany poderia trazer um Arum até aqui. E Deus sabe o que o DOD

vai fazer se descobrir que ela sabe. Então me diga, Bethany vale isso?

Dawson odiava o que ele estava prestes a dizer a seguir, e cara, fazia dele um egoísta de merda, mas era a verdade.

— Sim, ela vale a pena.



Capítulo 13

Quando Bethany entrou na aula de Inglês na segunda-feira, ela estava a um passo de Q enlouquecer, especialmente quando seus olhos foram direto para a mesa atrás dela e trancou nos de Dawson.

Ontem à noite, ele ligou e disse que ele tinha explicado tudo para Daemon. Embora ele tenha dito tudo correu bem, a tensão em sua voz disse o contrário.

Tomando seu lugar, ela deixou cair sua bolsa no chão e **155**

se atreveu a olhar para ele.

— Ei.

Ele balançou a cabeça, em contrapartida, o seu olhar se moveu em volta.

— Tudo vai ficar bem.

E isso a deixava mais nervosa. Enquanto ela se virava de volta, ela viu que tinha razão. Quando Daemon entrou na sala de aula, o olhar em seu rosto prometia todo o tipo de coisas ruins. Bethany encolheu quando seus olhos encontraram os de Daemon. Parecia como esmagada por um vento gelado.

Dawson se inclinou para frente, envolvendo seus dedos ao redor de seu braço.

— Ignore-o — ele sussurrou. — Ele está bem.

Se "bem" era ostentar um brilho de serial killer, então ela odiaria ver o que "não estar bem" era. Ela ousou outra olhada rápida sobre o ombro de Dawson.

Os lábios de Daemon deslizaram em um sorriso de um lado que faltava humor ou afeto. Engolindo o aperto súbito em sua garganta, ela falou baixo.

— Ok. Ele está me assustando.

Dawson esfregou o braço.

— Ele ladra, mas não morde.

— Essa é a sua opinião. — respondeu Daemon.

Bethany ficou tensa quando seus olhos se arregalaram.

A campainha tocou e ela balançou para a frente da classe.

Ah, isso ia ser um longo período. A parte de trás de seu pescoço queimou do olhar de Daemon que Dawson não podia

bloquear.

Ela sentiu os dedos de Dawson em suas costas, e ela relaxou. A discussão em sala de aula se centrou em Orgulho e Preconceito. O amor era o principal tópico.

— O que vocês podem aprender do amor em Orgulho e Preconceito? — perguntou o Sr. Patterson, sentado na beira da mesa. — Lesa?

— Além do fato de que namoros levavam uma eternidade antigamente? — Jogando os cachos grossos de seus ombros, ela encolheu os ombros. — Eu acho que o amor é apenas possível se não for influenciado pela sociedade.

— Mas Charlotte casou por dinheiro. — Kimmy argumentou, como se isso fosse algo para se orgulhar.

— Sim, mas o senhor Collins era um idiota. — disse Lesa.

— Um idiota rico. — alguém disse.

Lesa revirou os olhos.

— Mas isso não é amar — se casar com alguém por dinheiro.

— Todos são argumentos válidos. — Patterson disse, sorrindo. — Você acha que Austen estava sendo realista ou cínica sobre o tema amor?

E então a voz profunda do Daemon, suave disse:

— Eu acho que ela estava apontando que, por vezes, a tomada de decisões com base no coração é estúpida.

Bethany fechou os olhos.

— Ou ela está mostrando que a tomada de decisões **157**

com base em qualquer outra coisa acaba mal, — Dawson respondeu, a voz nivelada. — E que o amor verdadeiro pode conquistar qualquer coisa.

Seu coração acelerou quando ela olhou por cima do ombro, encontrando o olhar de Dawson. Ele sorriu, e ela voltou a olhar para frente.

— Amor verdadeiro? — Daemon zombou. — Todo o conceito de amor verdadeiro é estúpido.

A classe explodiu em um debate que foi para muito longe do tópico principal, mas Bethany e Dawson ainda estavam olhando para o outro. O amor verdadeiro? Era isso que isso era? Antes de conhecer Dawson, ela teria pensado o mesmo que Daemon. Agora ela acreditava nisso.

Os olhos de

Dawson se

aprofundaram, se

transformando em um mosaico de ver.

Oh, sim, ela acreditava nisso.

Quando a aula terminou, Dawson esperou ela recolher seu material e, em seguida, estendeu a mão.

— Pronta?

Ciente de todos os olhos sobre eles, ela balançou a cabeça.

Daemon pisou entre eles, batendo no ombro de seu irmão.

— Você fez minha cabeça doer. — disse ele, franzindo o cenho.

— E você me deixou todo quente e confuso por dentro.

— Dawson respondeu, entrelaçando seus dedos com os dela.

Seu irmão gêmeo olhou para Beth.

— Tenha muito cuidado, menina. — E então ele saiu pela porta.

A boca de Beth caiu aberta.

— Uau.

— Acredite ou não, essa é uma versão calma de Daemon. — Ele a levou até porta. No corredor, ele apertou a mão dela quando sussurrou. — Temos que contar para o resto... o resto de nós que vive fora do, bem, você sabe.

Medo tropeçou pelo seu coração.

— Eles vão ficar bem com isso?

— Daemon irá se certificar que sim.

— Sério? — Perguntou ela, balançando a cabeça. — Ele não parecia muito favorável.

Ele tranquilizou-a, mas ela não estava caindo nessa.

À medida que se aproximavam da escada, um dos gêmeos loiros saiu das portas duplas e olhou para eles.

Gêmeo alien bom ou ruim? Sua pele de cor dourada empalideceu, e enquanto ele continuava olhando para eles, ela tropeçou em seus próprios pés.

— Ele, uh, vê o meu rastro? — ela sussurrou.

Dawson assentiu.

— Você pode conseguir alguns olhares estranhos... ao longo do dia. Finja que você não tem ideia do motivo.

Alguns olhares estranhos? Dawson não estava brincando. Um professor na sala durante a mudança de classe a olhou estranho. Uma das senhoras da administração engasgou. E durante a ginástica, o treinador parecia que ele
159

estava a um segundo de sofrer um acidente vascular cerebral.

Ela estava cercada por alienígenas.

Ou ela estava ficando paranoica, porque quando Carissa acenou para ela com a raquete, ela estava meio com medo que a menina fosse lançá-la em sua cabeça.

Uma bola de ping-pong passou zunindo por ela. Kimmy virou.

— Eu não estou entendendo.

— Claro que não... — Bethany murmurou.

Enquanto se abaixava para pegar sua bola, ela ouviu o som de sussurro abafado. Olhando para cima, ela olhou através

das

pequenas

rachaduras

em

uma

das

arquibancadas. Ela viu duas formas — Dawson e o idiota do Andrew.

— Que diabos você está pensando? — Andrew perguntou, inclinando-se para o rosto de Dawson.

— Não é da sua conta.

Andrew riu asperamente.

— Oh, sim, você realmente vai por esse caminho? Me explique como isto não tem algo a ver comigo ou com o resto de nós.

— Eu não lhe devo uma explicação.

Andrew olhou pasmo.

— Você precisa ficar longe dessa humana. Ela não é boa para você, para qualquer um de nós.

Resistindo ao impulso de bater em Andrew e se defender, ela se afastou da arquibancada. Espere. Foda-se.

Obviamente, todos os Luxen sabiam sobre ela. Ela não ia **160**

deixar Dawson lidar com isso sozinho.

Uma bola de ping-pong bateu na parte de trás de sua cabeça antes que ela desse mais um passo para frente. Se voltando, ela esfregou seu crânio.

— Ouch!

Kimmy inclinou a cabeça para o lado.

— Eu estive chamando seu nome durante os últimos dois minutos. Deus. Você viajou ou você é apenas muito idiota?

Uma sensação quente escorregou por suas veias, uma combinação da conversa que ouviu e da maldade pura de Kimmy. Ela pegou a bola e lançou-a de volta. O pequeno pedaço redondo de plástico era como uma flecha de calor procurando, encontrando o rosto de Kimmy. Um muito

gratificante baque mais tarde, Bethany foi atrás de uma Kimmy em espasmos.

— Eu não posso acreditar que você jogou isso no meu-

— Minha vez de jogar. — advertiu Bethany, com a raquete na mão.

Carissa riu de sua mesa sem parceiro.

— Isso foi hilário.

Kimmy se virou para a garota, prestes a virar a Linda Blair, sem dúvida.

— Você está rindo de mim?

— Hum. — Carissa empurrando para cima de seus óculos. — Eu acho que sim.

— Oh, você-

O treinador Anderson decidiu interromper.

— Tudo bem, garotas, olhos sobre a mesa, no jogo.

Beth apertou a raquete e respirou fundo. O treinador deve ter percebido então que Carissa estava sozinha e foi em direção a ela, logo que Dawson e Andrew reapareceram, parecendo como se estivesse a poucos segundos de começaram uma briga ali no meio da aula.

— A menos que haja uma mesa por trás dessas arquibancadas, estou curioso para saber o que vocês estavam fazendo lá atrás, — disse o treinador. — Voltem para suas mesas agora.

Kimmy sorriu.

Dawson foi para o seu lado da mesa, pegando a raqueta.

— Você está pronta? — Ele perguntou a Carissa.

Ela assentiu com a cabeça, pegando a bola, mas a mão de Andrew bateu por cima da mesa, pegando-a.

— Aqui — ele disse, sorrindo. — Me deixe dá-la a você.

Bethany tinha um mau pressentimento sobre isso.

Um sorriso frio e lento rastejou no rosto de Dawson, e de repente ela viu o irmão gêmeo dele nessa expressão. Era estranho.

— Sim, faça isso.

Andrew levantou o braço para trás tão rápido, era um borrão para Beth. Ele a soltou e aquela bolinha tinha que ter quebrado a barreira do som. Meu Deus, passou pela mesa como uma bala.

Sem tirar os olhos da loira, Dawson agarrou a mão e pegou a bola. Houve um baque forte que fez Bethany **162**

estremecer, mas ele não vacilou.

— Obrigado, amigo.

— Jesus Cristo. — Carissa murmurou.

Dawson sorriu quando ele levantou os braços e cruzou as mãos atrás das costas. A camisa que ele usava subia, expondo um flash dos músculos de sua barriga. Uau. Sem dúvida, ele fazia sucesso no jardim de infância. Ele parecia alheio ao fato de que as três garotas estavam olhando para ele.

Dizer que o resto da aula foi estranho era um grande eufemismo. Depois de se trocar, ela socou a porta e viu Dawson esperando por ela.

As sobrancelhas dela se juntaram.

— Você está bem aí?

— Eu acho que eu deveria estar te perguntando isso.

Ele pegou a mão dela, puxando-a para ele. Bethany pressionou sua bochecha contra seu peito.

— Não foi ruim. Eu consegui ver você.

Ela sorriu e ergueu o queixo. Seus olhares se encontraram. Calor inundado por ela.

— Você sempre diz as coisas certas. Uma boa habilidade para se ter.

Seu nariz roçou ao longo do dela.

— Só com você.

Um nó se formou em sua garganta ao mesmo tempo em que um caminhão inteiro de borboletas levantaram voo em seu estômago.

— Viu. Lá vai você de novo.

— Hmm — ele murmurou, passando o braço em volta da cintura dela. Nunca antes ela tinha gostado de quem ficava desse jeito pelos corredores. Normalmente, ela revirava os olhos e fazia algum tipo de comentário sarcástico para si mesma sempre que ela via algo assim, mas ela estava descobrindo que gostava de ser aquela garota com Dawson.

— Posso ir até sua casa depois da escola? — ele perguntou.

— Eu estava esperando que você quisesse.

— Eu vou parar lá depois do jantar, ok? — Ele beijou a bochecha dela e puxou-a de volta. Tomando-lhe a mão, ele a levou para o estacionamento. Em seu carro, ele levantou a mão e apertou seus lábios contra a palma da mão. — Eu tenho a sensação de que vai ser uma confusão quando eu chegar em casa, então eu posso me atrasar um pouco.

Ela fez uma careta.

— Eu gostaria de poder estar lá com você. Não é certo que você tenha que se defender e a mim sozinho.

Ternura encheu seus olhos verdes brilhantes.

— Eu tenho tudo sob controle.

— Mas-

Dawson beijou a palma da mão dela novamente, e o gesto doce simplesmente a derreteu.

— Não se preocupe com eles. Eu não quero que você se preocupe de jeito nenhum. — Ele soltou sua mão e começou a recuar. — Eu vou estar lá assim que eu puder.

— Eu estarei esperando.



Capítulo 14

segunda rodada da intervenção aconteceu como o esperado.

A Em outras palavras, consistia em todos se revezando para reclamar dele — e às vezes mais de um ao mesmo tempo. Dee e Adam eram os únicos que não participaram. Sentados lado a lado no sofá, eles tinham expressões sombrias idênticas.

Matthew queria ir para o DOD, como eles deveriam fazer nos casos de exposição, mas Daemon e Dawson **165**

conseguiram convencê-lo que o risco não era tanto. Após uma hora inteira discutindo, ele cedeu com relutância.

— Isso é tão arriscado — disse Matthew, andando pela sala. — Se disser uma única-

— Ela não vai contar a ninguém. Eu juro para você.

Ash sacudiu a cabeça.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Olha. Isso é um acordo, — disse Daemon, cortando-a. — Nós não iremos ao DOD ou para os Anciãos. Fim da história.

— Isso não é o sigaemfrente.org, Daemon, — ela retrucou. — Isso afeta a todos nós. E com ela brilhante-

— Eu vou protegê-la. Além disso, vou ter certeza de que nenhum Arum chegue perto o suficiente para sequer vê-la. —

Dawson cruzou os braços.

Ash ficou boquiaberta.

— Isso vai explodir na sua cara e em todos os nossos rostos. Há uma razão pela qual os seres humanos não sabem sobre nós. Eles são inconstantes e insanos!

Até mesmo as sobrancelhas de Dee subiram com isso.

Ash era muito ruim quando queria ser. Então Ash se virou para Daemon, as bochechas coradas.

— Eu não consigo acreditar que você está permitindo que ele faça isso. A próxima que saberemos, é que você estará namorando uma humana.

Daemon explodiu em gargalhadas.

— Sim, não vai acontecer.

A reunião continuou por mais uma hora depois que os Thompsons saíram. Na saída, Adam puxou Dawson de lado enquanto seus irmãos iam até o carro.

— Olha, eu não me importo se você está apaixonado pela garota-

— Eu não-

— Nem diga que você não está apaixonado, — Adam disse, olhando para a casa vazia ao lado. — Eu não me importo se você está ou não. Não é realmente importante, mas você tem que ser cuidadoso.

Dawson cruzou os braços.

— Eu estou tendo cuidado.

— Cara, isso não é cuidado. Todo mundo está chateado. Isso vai afetar Bethany. — Ele respirou. — Eu vou tentar falar com os dois, mas seus problemas não são apenas o Arum ou o DOD, se você me entende.

Ah cara, o tipo de raiva que subiu na sua espinha foi suficiente para causar furor.

— Se eles fizerem alguma coisa, eu vou-

— Eu sei, mas você tem que esperar isso. Mesmo com Daemon e Matthew apoiando seu... estilo de vida, isso não vai ser fácil.

Agora, ele estava começando a perder a paciência. Seu

"estilo de vida" era ele querer estar com a pessoa com quem ele se preocupava. Como se isso foi uma má escolha ou algo assim.

— Adam-

— Você é meu amigo. — Adam apertou sua mão no ombro de Dawson, encontrando seus olhos. — Eu apoio você, mas você precisa ter certeza de verdade sobre a estrada que você está pegando.

Dawson exalou bruscamente.

— Eu... não sei... merda. Eu não sei o que você quer que eu diga. — Principalmente porque ele nem sabia como começar a descrever o que sentia por Bethany em palavras.

Talvez Adam estivesse certo. Talvez fosse a grande palavra com A.

Um forte senso de compreensão marcada com tristeza penetrou no rosto de Adam.

— Olha, que tipo de futuro você terá com ela? Ela vale a pena chatear e alienar todo mundo?

— Eu acho que a resposta para isso é bastante óbvia.

— É verdade — disse ele, soltando a mão dele. — Mas isto é enorme. Conhece algum Luxen e humano que fizeram isso funcionar? Que viveu para falar sobre isso?

Sim, agora entrando em Downersville, população: um.

Adam deu um pequeno sorriso.

— Eu não invejo você, porque eu realmente não acho que podemos evitar nos sentirmos assim. Deus sabe que eu estou bem familiarizado com isso.

Ele fez uma careta, e Dawson se perguntou se ele estava falando sobre Dee.

— Eu só me preocupo, porque eu não acho que Dee e **168**

Daemon poderiam aguentar se algo ruim acontecer. E eu não acho que você poderia se algo acontecesse com Bethany.

Dawson viu o amigo sair. Adam lhe tinha dado muito alimento no que pensar. Comida barata, restos de comida, lixo para o pensamento. Mas, principalmente, ele foi consumido pela forma como ele se sentia por Bethany.

Porque ele estava arriscando tudo e todos, e isso era egoísta.

Deus, só havia uma coisa que poderia fazer alguém ficar tão egoísta.

...

Não demorou muito para que Bethany percebesse que não havia muitos fãs no time Dawson-e-Bethany. Durante o

próximo par de dias, Daemon passou a maior parte da aula de Inglês olhando para seu irmão e a ignorando, mesmo quando ela tentou ser gentil.

Também tornou fácil para ela dizer quem era Andrew e Adam. O bom era distante sempre que eles se cruzavam ou quando ele conversava com Dawson, mas ele sorria para ela.

O outro gêmeo alienígena, a assustava até a vida dentro dela.

O brilho nos olhos de Daemon não era nada parecido com os de Andrew. Ele era alguém com quem ela não queria cruzar sozinha. Felizmente, Dawson ficava perto dela e até sexta-feira, uma boa notícia. Seu rastro tinha desbotado. Seis dias foi o suficiente.

Ela e Dawson passaram o fim de semana juntos, escondidos em seu quarto. A porta ficava aberta, é claro.

Mamãe aparecia as vezes, mas cada vez, ela trazia cookies.

Havia uma boa chance de que Dawson estava caindo de amor por sua mãe.

O garoto conseguia comer.

Ele explicou uma vez, depois de seu terceiro Big Mac, que tinha a ver com o seu metabolismo e da quantidade de energia que eles usavam. Tentando não ser ciumenta, Bethany havia cutucado seu cheeseburger, que ela sabia que iria direto para a bunda dela.

O garoto também sabia abraçar.

Quando eles se sentiam relativamente certos de que sua mãe não iria aparecer no seu quarto ou na sala de estar, Dawson a abraçava, como se ele precisasse estar tocando alguma parte dela. Às vezes, todo o seu corpo vibrava.

Ela não chegou a vê-lo em sua verdadeira forma de novo, por causa do rastro que deixaria, mas a cada dia que passa, Dawson se aproximava mais dela. Seu novo passatempo favorito era pular do lado de fora e aparecer bem na frente dela, dando-lhe um pequeno derrame cada vez que ele fazia isso. Ele também mexia em um monte de coisas sem tocá-las. Essas pequenas ações não gastavam uma grande quantidade de energia, mas era muito legal de ver.

As coisas estavam indo bem. E então ela conheceu Ash, formalmente, na segunda-feira.

Ela tinha visto a loira nos corredores de vez em quando. Inferno, não era como se você pudesse perder ela.

Como Dee, ela era linda, quase linda demais para se estar andando pelos corredores da escola. Ash parecia mais **170**

adequada para as passarelas de Milão.

Bethany estava saindo da aula de química, surpreendida quando a loira ágil se virou, olhos de safira brilhantes bloqueados nos dela.

— Bethany?

Ela assentiu com a cabeça enquanto ela evitou um grupo de estudantes.

O olhar de Ash escorregou do dela, flutuando pelo cardigan simples e calça jeans desgastados. As sobrancelhas de Ash finalmente se apertaram como se ela estivesse procurando por algo que Bethany claramente não tinha.

— Devo admitir. Estou um pouco confusa.

Assim como Bethany.

— Importa-se de explicar?

Os olhos azuis de Ash se agarraram aos dela.

— Eu não tenho certeza do que Dawson vê em você.

Uau. Que jeito de ser franca. Bethany teve que forçar a mandíbula fechada.

— Me desculpe?

Ash sorriu com força e esperou até que outro grupo de alunos se arrastasse por eles.

— Eu não entendo o que ele vê em você, mas eu acho que você ouviu e me entendeu na primeira vez. — Então, sua voz abaixou. — Ele pode fazer melhor. E ele vai.

Eventualmente, ele vai se cansar da grama mais verde e vai seguir em frente.

Bethany estava quase atordoada demais para responder.

— Sinto muito que você se sinta assim, mas-

— O que você tem a oferecer a ele além de riscos? —

Ash se aproximou, e Bethany teve que lutar contra o impulso de se afastar. — Vocês não vão durar. De uma forma ou de outra. Então, por que você não faz a si mesma e a Dawson um favor, e o deixa sozinho.

Bethany sentiu-se como um refrigerante sacudido prestes a ser aberto. Sim, ela sabia que não seguraria uma vela para uma garota como Ash, mas caramba, ela não era como sobras de comida de ontem, também. Mas antes que pudesse soltar a raiva para fora, a menina mais alta girou graciosamente e saiu para longe, se movendo entre os outros alunos sem esforço.

Bethany ficou ali, boquiaberta. Que isso não tinha acontecido. Ela entendia toda a infelicidade com ela sabendo o segredo deles, mas isso parecia pessoal. Ela era uma ex-namorada de Dawson? Deus, isso não seria muita sorte? Ela estava competindo contra a lembrança de uma modelo alienígena da Victoria's Secret.

Dawson estava no fim do corredor. Ele se virou, como se sentisse ela.

— Ei... — O sorriso sumiu de seu rosto bonito. — O

que aconteceu?

Ela parou ao lado dele, olhando em volta.

— Então, eu acabei de ter uma pequena conversa com Ash.

E lá se foi o resto do sorriso.

— Oh, Deus, o que ela disse?

— Vocês namoraram ou algo assim? — No momento que essas palavras saíram de sua boca, ela se arrependeu delas.

— O quê? Oh, claro que não.

Bethany cruzou os braços.

— Sêrio?

Para sua surpresa, ele riu e segurou seu cotovelo, guiando-a em direção à janela com vista para o estacionamento atrás.

— Ela e meu irmão estão namorando, bem, não agora, mas voltam e terminam a tanto tempo quanto posso me lembrar.

Irritada com o fato de que ela ficou aliviada ao ouvir isso, ela franziu a testa.

— O quê? Desde que eles tinham dez ou algo assim?

Dawson deu de ombros.

— O que ela disse para você?

Bethany lhe deu a versão rápida e suja. Na hora em que ela terminou, Dawson parecia que ele queria socar alguma coisa.

— Eles realmente me veem como uma ameaça tão grande? — ela perguntou.

Sua mandíbula cerrou.

— Sim, eles veem. — Ele manteve sua voz baixa. —

Veja, eles não te conhecem. E eles não conhecem nenhum outro humano fora

do DOD que esteja ciente deles. Isso é **173**

novo para eles, mas é indesculpável.

Parte dela estava contente de que ele estava tão chateado, mas ela não queria ficar entre eles mais do que ela já tinha. Forçando um sorriso, ela se esticou nas pontas dos pés e beijou o canto do lábio dele.

Um tremor rolou por todo seu corpo.

Bethany sorriu, amando o efeito que ela tinha sobre ele. Claro, ele era um alienígena com poder ilimitado, mas ela o fazia tremer. Um ponto para a raça humana!

— Sabe, eu tenho uma idéia. — disse ela.

— Você tem? — Ele serpenteou um braço ao redor da cintura dela quando sua cabeça caiu, passando a mandíbula até o lado de seu pescoço. Por um momento, ela totalmente se esqueceu do que ela estava dizendo. — Bethany?

— Ah. — Ela corou, puxando para trás. Os alunos estavam praticamente boquiabertos com eles. — Eu estava pensando que talvez as coisas fossem mais fáceis se não agíssemos como se fosse grande coisa. Se não tentarmos...

ficar longe deles. Talvez se eles me conhecerem...

Bethany parou porque ele estava olhando para ela como se ela tivesse chutado um bebê na rua.

— Ok. Não se preocupe.

— Não. — Ele piscou e sorriu. — É uma ótima ideia. Eu deveria ter pensado nisso.

Ela sorriu.

— Sim pra mim.

Ele baixou o braço por cima do ombro.

— Bem, vamos acabar logo com isso, então.

Espere — o quê? Ela desacelerou seus passos.

— Huh?

— Que tal fazer uma aparição na hora do almoço? A maioria deles compartilha nosso horário.

A grande ideia parecia boa na teoria, mas agora que eles estavam colocando em prática, ela meio que desejou ter mantido a boca fechada. Mas ela engoliu o choro e se preparou para, provavelmente, um dos almoços mais difíceis de sua vida.

O refeitório do PHS era como de todas as escolas.

Mesas brancas quadradas amontoadas em uma sala que cheirava a produto de limpeza e comida queimada. O

zumbido de conversa foi realmente muito reconfortante para ela. Normal. A fila para pegar comida se movia rapidamente.

Dawson empilhou seu prato com o que deveria ter sido um bolo, e ela pegou uma garrafa de água. Ela sempre trazia seu almoço — manteiga de amendoim e geleia. Seu dia não seria completo sem isso.

Bethany não precisava saber onde seus amigos estariam. Ela sentiu seus olhares e se perguntou se isso era um poder alienígena — fazer buracos dentro dela apenas com o poder de seus olhos.

Ao lado dela, Dawson era a imagem de facilidade. O

meio sorriso fácil estava estampado em seu rosto marcante, e ele parecia alheio aos olhares que estávamos conseguindo enquanto íamos para o meio do refeitório.

Dee e Daemon estavam à mesa, sentados ao lado de quem ela suspeitava ser Andrew pelo olhar de boca aberta **175**

que ele estava dando a eles. Ela assumiu que o resto dos alunos sentados à mesa eram humanos, pois Dawson disse que a maioria dos Luxen eram mais jovens ou mais velhos.

— Ei, pessoal, se importam de nos juntarmos a vocês hoje? — Dawson sentou em frente a seu irmão, antes que alguém pudesse responder, puxando Bethany para o banco ao lado de Dee. — Obrigado.

Bethany colocou a sacola de papel sobre a mesa, prendendo a respiração.

— Jogada ousada... — Daemon murmurou, os lábios torcidos em um sorriso.

Dawson deu de ombros.

— Não, nós só sentimos falta de vocês.

Daemon pegou um garfo, e Bethany realmente esperava que não fosse se transformar em uma arma.

— Tenho certeza de que sente. — Seu olhos verdes familiares, ainda assim alienígenas, deslizaram para ela. —

Como você está indo, Bethany?

— Eu estou bem. — Ela pegou o sanduíche, odiando o fato de que ela podia sentir o rosto em chamas. — E você?

— Ótimo. — Ele esfaqueou o bolo. — Não vejo você aqui muitas vezes. Você está matando tempo junto com meu irmão responsável?

— Costumo comer na sala de arte. — Ela fez uma pausa, puxando o sanduíche em pedaços. Um estranho hábito dela que Dawson ridicularizava.

— Na sala de arte? — Dee perguntou.

Ela assentiu com a cabeça, levantando o olhar. Não havia um olhar sincero de desprezo ou qualquer coisa no rosto da bela moça. Principalmente curiosidade.

— Eu pinto. Então, eu vou comer lá para trabalhar em projetos.

— Ela é muito boa, — Dawson falou. Seu almoço metade devorado. — Minha garota tem habilidades.

Andrew se inclinou e disse em voz baixa:

— Sua garota vai se transformar em uma grande filha-

— Termine essa frase e eu vou te apunhalar no olho com o colharfo que Bethany está prestes a tirar de sua bolsa junto com o molho de maçã. — Ele sorriu corajosamente. —

E ela ficaria muito chateada se eu sujasse o colharfo dela. Ela é muito apegada com ele.

Sim, ela ficaria chateada com isso... por muitas razões.

Andrew se sentou, sua mandíbula apertada. Por outro lado, Daemon fez a coisa mais estranha. Ele riu — muito alto.

Era um som agradável, mais profundo do que o de Dawson.

— Um garfo — Dee disse, pegando sua bolsa. — O que é um colharfo?

A boca de Bethany caiu aberta.

— Você nunca viu um?

— Dee não sai muito. — Dawson respondeu, sorrindo.

— Cale a boca. — Dee puxou o garfo e colher em um só talher e sorriu. — Eu nunca vi um desses! Ha. Isto é tão útil.

— Ela olhou para Daemon, os olhos dançando. — Nós poderíamos nos livrar de mais da metade de nossa prataria e comprar uns dez desses e nós não precisaríamos de mais **177**

nada.

Daemon abanou a cabeça, mas o olhar em seu rosto era de carinho absoluto. E Bethany entendeu então. Que não importa o quanto os três ficassem chateados um com o outro, havia um vínculo profundo e amoroso entre eles. Ver isso a fez relaxar. Tanto quanto Daemon estava chateado com Dawson ou Dee estava preocupada, eles sempre ficariam juntos. A fazia querer correr para casa, abraçar Phillip, e ser uma irmã melhor.

O almoço não foi tão ruim depois disso. A única desvantagem foi Andrew, mas ele saiu depois de um tempo, e ela ficou muito grata que Ash não apareceu.

Eles saíram com alguns minutos de sobra antes da aula.

Fora do refeitório, Bethany sorriu para Dawson, motivada pela experiência.

— Isso não foi tão ruim, foi?

O sorriso que ele usava esquentou.

— Sim, foi tudo bem. Acho que devemos fazer isso novamente.

Ela riu, e então ele se aproximou e pegou a mão dela.

Ele puxou-a para uma sala vazia cheia de computadores.

Sem dizer uma palavra, ele deslizou a alça de sua bolsa do ombro e colocou-a no chão. Bethany estremeceu, sem saber se era por causa do ar frio ou do olhar determinado em seu rosto.

Ela deu um passo para trás, molhando o lábio inferior nervosamente. Seus

olhos verdes queimavam.

— O que... o que você está fazendo?

— Eu vou te beijar de novo.

Antecipação subiu rapidamente, deixando-a tonta.

— Uh, você acha que esse é um ótimo lugar para testar isso de novo?

— Eu não sei, mas eu não posso mais esperar. — Ele parecia determinado quando ele deu um passo na direção dela. Tão determinado que ela avançou para trás e continuou até que estava contra a parede.

Estendendo ambas as mãos lentamente, ele segurou seu rosto e inclinou o queixo para cima. Por vontade própria, suas pestanas se fecharam. Como a primeira vez que eles se beijaram, seus lábios eram suaves como uma respiração.

Houve uma pausa, como se estivesse esperando alguma coisa acontecer, e então ele a beijou — mais profundamente.

Oh... oh, meu Deus, ela se derreteu naquele beijo, para ele, e seu peito se expandiu, cheio de ar, até que ela sentiu como se estivesse flutuando até o teto. Deslizando os braços ao redor de seu pescoço, os dedos se enroscaram nas ondas suaves da sua nuca. Suas mãos, bem, elas estavam em movimento também, deslizando para baixo de sua cintura, por cima do quadril até a coxa. Dawson fez um som no fundo da garganta, um barulho como um rosnado, que fez subir seu sangue tão rápido que poderia causar um ataque cardíaco. E

este calor foi soprando, forte o suficiente para derreter o gelo.

Ele a deixou em uma inebriante e agradável névoa enquanto sua mão voltou a segurar seu quadril.

Dawson se afastou um pouco e seus lábios se espalharam em um sorriso preguiçoso contra os dela.

— Isso... isso foi bom. Ótimo. Perfeito.

— Sim — ela admitiu, sem fôlego. — Todas essas coisas e muito mais.

Seus polegares se moviam sobre o rosto, as mãos fortes, mas suaves quando ele a segurou ali, mergulhando a cabeça para ela novamente. Ele a beijou profundamente, segurando-a contra ele. Quando eles se separaram pela segunda vez, seus olhos eram luminosos e cheios de uma emoção que deixou seu coração trovejando contra as costelas.

Porque ela tinha certeza de que ela viu em seus olhos o que ela sentia.

Amor.



Capítulo 15

epois da escola na terça-feira, Dawson foi para casa em vez de ir direto para a

casa de Bethany, onde ele queria estar. Bethany havia ido comprar mantimentos depois do jantar como parte de suas tarefas naquela semana, então ela estaria muito ocupada naquela noite.

Era essa época do mês.

Uma vez por mês, eles tinham que ir ao DOD. Cada Luxen era requerido, ainda mais os que viviam fora da **180**

colônia. E poderia ser pior. Ser convocado pelos Anciões geralmente consistia de um, se não os dois irmãos ter que ouvir reclamações por algum motivo ou outro, se sentirem culpados por "viver como um ser humano", e serem importunados sobre quando eles vão namorar outro Luxen.

Em outras palavras, Daemon teria que se casar com Ash aos dezoito anos e Dawson teria que encontrar outra Luxen fêmea de mesma idade?

O DOD apenas faria as mesmas velhas perguntas.

Sim, seria muito divertido para todos. Ele não queria fazer isso agora.

Um Ford Expedition preto já estava estacionado na frente de sua casa quando ele entrou na garagem. Contando

as maneiras de como isso ia ser horrível, ele saiu de seu Jetta e se dirigiu para dentro da casa.

Os agentes — dois deles, estavam na sala, sentados no sofá. Ambos eram homens de meia-idade e tinham à luz a mesma expressão vazia. Suas posturas eram rígidas, porém, provavelmente porque Daemon se encostou à parede, olhando para eles como se quisesse fazer algo terrível aos seus corpos.

Dawson reconheceu um deles — ele vinha visitá-los desde que eles se mudaram para Virginia Ocidental, mas o outro era novo. Dee olhou para cima de onde estava sentada na beirada da cadeira. Alívio brilhou em seus olhos brilhantes. Normalmente, isso significava que as coisas não estavam indo bem entre Daemon e o DOD, e Dawson iria servir como pacificador.

Cruzando os braços, Dawson disse:

— Bem, isto parece um feliz encontro de mentes.

O olhar aguçado de Daemon deslizou em direção a ele.

— Parece certo.

Agente Lane pigarreou.

— Como tem passado, Dawson? — Uma onda de repulsa e desconfiança acompanhou sua saudação. Lane fingia, muito mal, gostar dos Luxen. Todos eles sabiam a verdade.

— Bem — disse Dawson. — E você?

— Agente Vaughn e eu estamos indo muito bem. —

Lane bateu palmas, enquanto o outro as mantinha em seu quadril, perto da arma que Dawson sabia que carregavam.

Engraçado. Como se uma bala fosse mais rápida do que eles.

— Nós estivemos conversando com Daemon aqui, e ele tem sido... muito útil.

Dawson quase riu. Improvável, e se a posição de Daemon fosse levada em conta, qualquer pergunta que tinha sido feita a ele não foi muito boa.

Desconforto escorreu pelas veias de Dawson. Se eles tivessem descoberto sobre Bethany e seu leve rastro? Esse não pode ser o caso. O DOD não sabia que poderia ser deixado em seres humanos, e ninguém, nem mesmo Andrew, iria soltar esse tipo de informação.

Vaughn olhou para o parceiro antes que ele falasse.

— Tem havido algumas atividades incomuns no último mês ou mais, um

aumento nos campos eletromagnéticos nesta área. Seu irmão parece não ter conhecimento de como isso poderia estar acontecendo.

Já que o governo pensava que os Arum eram apenas Luxen psicopatas, não era como se eles pudessem dizer a eles que eles os estavam caçando ou lutando. Se o DOD

descobrisse que os Arum caçavam os Luxen por suas habilidades, então seria fim de jogo. Voltar para o Novo México, voltar a viver no subterrâneo, tratados como aberrações e ratos de laboratório.

Dawson deu de ombros.

— Bem, nós temos corrido bastante em nossas verdadeiras formas. Talvez seja isso?

Os lábios de Vaughn se torceram.

— Tanto quanto nossos registros indicam, estar na sua forma alienígena não causaria tal perturbação. — O homem disse alienígena, como se ele tivesse engolido alguma coisa

desagradável. — Nós achamos difícil de acreditar, depois de olhar ao longo dos últimos seis meses os relatórios de campo daqui.

O DOD precisava de um passatempo, algo diferente de monitorá-los.

Dee cruzou as pernas.

— Agentes, meus irmãos gostam de atividade física. Às vezes eles exageram um pouco. Veja, eles gostam de uma forma Luxen de jogar futebol.

— E o que seria isso? — Lane sorriu, porque todo mundo sorria para Dee.

Ela sorriu.

— Imagine o futebol sendo mais como uma bola de pura energia. Eles gostam de jogar isso um no outro. Talvez **183**

seja isso o que esteja nos registros.

— Sério? — Lane sacudiu a cabeça, os olhos arregalados. — Isso seria interessante de se ver.

— Você é sempre bem-vindo a participar, — Daemon disse com um sorriso.
— Embora eu duvido que você vá gostar.

O rosto de Vaughn corou.

— Você tem uma boca inteligente, Daemon.

— Melhor do que uma muda. Dawson respondeu. —

Pelo menos, é isso que eu gosto de dizer.

Daemon riu baixinho.

— Bem, meninos, isso tem sido divertido, mas se não houver mais nada, vocês sabem onde está a porta.

Acostumado a Daemon, o agente Lane ficou de pé, mas Vaughn permaneceu sentado e disse:

— Por que a sua família... escolheu ficar fora da colônia?

— Nós gostamos de fazer parte do mundo humano, —

Dee disse alegremente, rápida em responder. Só Deus sabe como Daemon teria respondido. — Sabe, sendo membros contribuintes da sociedade e etc. É a mesma razão pela qual qualquer Luxen escolhe namorar por aí.

Dawson teve problemas para manter sua expressão limpa. De verdade. A verdade é que a vida na colônia não era melhor do que viver em uma das Instalações do DOD que eles usavam para "preparar" o Luxen para o mundo. Se não pior, sério.

Vaughn parecia duvidoso, mas o agente Lane conseguiu fazê-lo se levantar e seguir em direção à porta.

Antes de partirem, porém, lembrou que os três precisavam fazer check-in obrigatório até o final de abril. O DOD

mantinha religiosamente a conta de quantos viviam dentro e fora da colônia.

Dee caiu em sua cadeira quando Dawson fechou a porta.

— Eu odeio quando eles fazem essas visitas, — ela disse, franzindo o rosto.

— Eles agem como se tivéssemos feito algo errado.

— Aquele novo agente é realmente um fã, não é? —

Dawson se sentou no braço da poltrona de sua irmã. — Deus, que idiota.

— Ele não foi o pior, — disse Daemon. E Deus, não era a verdade. Pelo menos Vaughn tentou esconder sua animosidade. — Boa tirada, Dee. Futebol? — Ele riu. —

Quase me fez querer experimentar isso.

Dawson fez uma careta.

— Sim, chame Andrew para fazer isso com você. Eu passo.

— Você acha que eles nunca vão descobrir sobre o Arum? — Dee se sentou, deixando os cotovelos sobre os joelhos. — Perceber que não somos a mesma coisa?

Medo enchia a voz dela.

Dawson se inclinou para baixo, passando o braço em volta dos ombros delgados de sua irmã, e piscou.

— Não, eles não são tão brilhantes como nós somos.

— Não é ignorância, — disse Daemon, olhos fixos na janela. — Eles são muito orgulhosos para considerar que eles não sabem tudo o que tem para saber sobre nós. Enquanto os seres humanos acreditarem que são a forma de vida mais inteligente neste planeta, melhor para nós.

...

Bethany queria chutar a si mesma por ter concordado em fazer as compras como parte de suas tarefas. Lavar pratos na mão teria sido melhor do que pegar cada último item da lista da mamãe, especialmente as que ela não poderia sequer pronunciar da seção de produtos orgânicos.

Empurrando o carrinho sobrecarregado para o caixa, ela se perguntou como a reunião de Dawson foi. Um filete de desconforto deslizou por suas veias. Ela odiava a ideia do DOD checá-los assim, as perguntas intrusivas que tinham que responder e a injustiça de como eles eram monitorados.

Para ela, um Luxen não era diferente. E ela duvidava seriamente que a maioria dos humanos teria medo deles. Os Luxen eram como eles. Logo que passou as compras e se assustou com o preço de tudo, ela foi com sua carga até o estacionamento.

Quando chegou, o estacionamento estava cheio, por isso ela tinha ficado presa nas piores vagas na parte de trás.

Árvores pesadas e grossas enchiam o estacionamento, e ela ficava à espera de que um cervo se arremessasse para fora e **186**

a enfrentasse enquanto ela carregava os mantimentos.

— Bethany.

Ela se virou, e seu coração caiu cambaleando. Um dos gêmeos Thompson estava atrás dela, tão perto que ela sentia o cheiro de sua loção pós-barba

cítrica. Dando um passo para trás, ela bateu no para-choque.

— Eu... eu não sabia que você estava aí.

A expressão do gêmeo estava em branco quando ele inclinou a cabeça.

— Nós podemos ser muito quietos quando queremos.

Não diga. Alcançando por trás dela, ela puxou o tronco para baixo, ainda sem saber quem estava diante dela.

Normalmente, ela sabia pela forma como eles agiam. Mas agora... ela não tinha ideia.

— Você está fazendo compras? — Ela perguntou, apertando as chaves do carro. O céu já estava escurecendo e tão perto do bosque, pouca luz passava. Ela se sentiu ameaçada.

— Ah, eu não sou muito de fazer compras.

Seus olhos corriam ao redor do estacionamento.

— Eu realmente-

Um segundo ele estava lá, e então ele estava perto de seu rosto, elevando-se sobre ela. Em um instante, ela sabia quem estava à sua frente.

Andrew sorriu friamente.

— Mas eu tenho uma lista. E você está nela.

Sem brincadeira, seu coração estava batendo forte.

Medo revestiu sua boca, formando um nó na garganta, o que **187**

tornava difícil para ela respirar. Mas ela se recusou encolher para longe, correr ou gritar. Essencialmente, ela sabia o que ele queria. Assustá-la.

O sorriso dele aumentou.

— Sabe, minha irmã e eu não conseguimos entender o que Dawson vê em você. Você é apenas uma pequena humana boba. — Seu braço atirou para fora tão rápido que foi um borrão, pegando uma mecha de seu cabelo. — E você nem é tão bonita.

Oh... oh, isso doeu mais do que deveria. Lágrimas queimaram seus olhos enquanto ela lutava para manter seu nível de voz.

— Eu acho que é uma coisa boa, então. Uma relação entre nós nunca iria funcionar.

Seus olhos se estreitaram.

— E por que isso?

— Porque eu sou alérgica a idiotas.

Andrew deu uma tosse/risada quando ele olhou para o lado.

— Você acha que é engraçada. Quer saber o que é engraçado?

— Não. Não de verdade. — Ela começou a se virar, mas suas mãos bateram no tronco. O som de metal triturando foi ouvido. Ela estava presa.

— É engraçado que você acha que qualquer coisa vai dar certo ou durar com você e Dawson. — Ele riu de novo, o som frio e ralo. — Então o quê? Você sabe o nosso segredo.

Parabéns. Aqui está um biscoito. Mas você sabe o quê? Só é **188**

preciso um telefonema anônimo para o DOD e, em seguida, bye-bye Beth.

Ela engasgou.

— Você não faria isso...?

Ele se afastou do carro e deu um passo atrás.

— Sim, nem mesmo eu sou tão ruim. Dawson me irrita, mas eu nunca faria

isso com ele. Mas se nós sabemos, então o resto eventualmente vai descobrir, Bethany. E eles quase não têm quaisquer laços com a gente. — Ele balançou para trás em seus calcanhares. — Se vocês continuarem assim, um de vocês ou os dois, vão se machucar.

Em um piscar de olhos, ele tinha ido embora. Bethany virou-se lentamente, vendo o estacionamento vazio.

Atordoadada, ela entrou no carro. Seu celular tocou, a tela piscando o nome de Dawson.

— Ei. — ela resmungou.

— Você está bem?

Seu instinto imediato foi em contar o que tinha acontecido, mas Deus sabia que ele ia pirar. Então, ela se forçou a fingir que estava calma.

— Como foi a reunião?

Enquanto Dawson contava um breve resumo, ela voltou para casa, com as mãos tremendo por todo o caminho.

...

Era perto das oito horas quando Dawson saiu do **189**

telefone com Bethany. Ele vagou pelo seu quarto, inquieto.

Alguma coisa tinha estado estranha nela. Ele tinha perguntado, ao ponto de irritar, se ela estava bem. Cada vez ela disse que sim, mas ele sentiu algo. Meia hora depois, o telefone tocou. Esperando que fosse Bethany, ele pulou da cama, mas franziu a testa quando olhou para o identificador de chamadas.

— Adam?

— Ei, tem um segundo?

Ele se sentou.

— Claro.

Houve uma pausa.

— Cara, eu odeio dizer isso, mas Andrew voltou para casa mais cedo, e eu ouvi ele falando com Ash.

Um mal-estar apareceu dentro de Dawson.

— Sobre o quê?

— Aparentemente, ele se deparou com a sua garota. Eu acho que ele pode ter dito algo para ela, — disse Adam, suspirando. — Eu apenas pensei que você deveria saber.

Dawson estava de pé, sem perceber, lutando para não trocar para sua verdadeira forma e fritar o telefone.

Novamente. Tão zangado que mal podia falar, ele agradeceu a Adam pelo aviso e ligou para Beth. Demorou algumas tentativas para conseguir que ela confessasse e quando ele conseguiu, ele viu vermelho.

Andrew tinha basicamente a ameaçado.

Dawson garantiu para Bethany que estava tudo bem, mas quando ele desligou o telefone, ele nem se incomodou em **190**

pegar as chaves do carro.

Ele estava prestes a perder o controle.

Se lançando em sua verdadeira forma, ele saiu pela porta da frente e para a floresta, pegando o caminho para a casa dos Thompsons. Eles viviam no outro lado de Petersburgo, que era uma dúzia ou mais de milhas distante o que levava cerca de trinta segundos para atravessar. Ele parou na calçada pavimentada, um luxo raro para as casas tão longe do centro.

Dawson sempre odiou a casa dos Thompson. Ficava no meio do nada, tão grande quanto uma maldita mansão, e tinha o calor de um mausoléu. Adam

abriu a porta, se encolhendo quando viu a expressão dura de Dawson.

— Uh, isso não vai ser uma visita feliz, não é?

— Seus irmãos intrometidos estão em casa?

Adam balançou a cabeça e se afastou.

— Eles estão na sala de cinema.

Conhecendo o caminho, ele deslizou por Adam e passou pelo saguão enorme, a sala de jantar que ninguém no seu perfeito juízo usava, e então a sala. Adam estava bem atrás dele, sem dizer uma palavra.

Dawson acenou com a mão, abrindo a porta para a sala de cinema. Luz derramava no quarto escuro, lançando luz amarelada entre as poltronas. Eles estavam assistindo a um episódio antigo de 90210. Vergonhoso não seria nem a palavra certa.

Andrew se virou, franzindo o cenho quando viu Dawson.

— A menos que você veio pedir desculpas por ser um idiota para mim, eu não quero nada com você.

Sua irmã segurava uma lixa de unha sobre os dedos.

— De alguma forma eu duvido que seja por isso que ele está aqui, Andy.

— Sim, você está certa sobre isso. — As mãos de Dawson formaram punhos em seus lados. — Eu quero que vocês dois ouçam, porque eu juro que será a última vez que eu digo isso. Eu quero que vocês dois deixem Bethany em paz. Não falem com ela. Não se aproximem dela. Inferno, nem sequer considerem pensar nela.

Andrew se levantou com fluidez, seus olhos azuis começando a brilhar como diamantes.

— Ou o quê?

A parte de trás do pescoço de Dawson começou a queimar. Foda-se a coisa toda. Ele trocou de sua forma humana em um instante e correu pelo corredor estreito, batendo em um Andrew ainda humano. Sobre o rugido em seus ouvidos, ele ouviu o grito de surpresa de Ash. A força de seu impacto levou ambos por todo o caminho para a tela e quando bateu, ela caiu direto sobre o rosto do idiota.

Envolvendo sua mão ao redor da garganta de Andrew, ele se levantou do chão, arrastando o menino lutando com ele. Andrew tinha mudado de forma, mas ele não conseguia quebrar o domínio de Dawson. Dawson o levou por todo o caminho até o teto abobadado, prendendo-o lá.

Ou o quê? Dawson falou diretamente nos pensamentos de Andrew. *Você ameaça Bethany de novo, de qualquer jeito, e* **192**

eu vou garantir que você não possa falar de novo. Com ninguém. Você me

entende?

— Dawson! — Ash gritou abaixo. — O que você está fazendo? Pare! Faça alguma coisa, Adam!

A risada de Adam seguiu.

— Alguém precisava colocar Andrew em seu lugar. Eu sempre imaginei que seria Daemon. Quem imaginaria.

Energia estalou no braço de Dawson. Ele estava tão perto de deixá-lo ir e bater em Andrew na próxima semana. O

brilho de sua luz fez com que Andrew se encolhesse para longe dele. *Você me entende?*

Andrew hesitou, mas em seguida, ele assentiu.

Bom, porque isso não vai acontecer novamente. Então ele jogou Andrew.

Andrew bateu no chão da sala, voltando para sua forma humana. Ele levantou a cabeça, atirando a Dawson um olhar assassino, mas, surpreendentemente, ele manteve sua boca fechada.

Se voltando para o chão, ele virou para Ash. *E isso inclui você. Fique longe dela. Melhor ainda, eu adoraria se você se afastasse do meu irmão.*

Sua boca se abriu.

— Por quê?

Quer saber por quê? Ele pode arranjar alguém muito melhor do que você. Ainda furioso, ele se esforçou para mudar de volta para a sua forma humana, e quando o fez, sua voz era frígida.

— Se algum de vocês quer tratar os seres humanos **193**

como se eles não sejam bons o suficiente para estarmos por perto, então voltem para a maldita colônia. Vocês vão se encaixar perfeitamente lá.

Se virando de uma Ash atordoada para Adam, ele respirou fundo.

— Sinto muito, cara. Você é legal.

Adam encolheu os ombros.

— Não se preocupe. Estamos bem.

Dawson assentiu com a cabeça e foi em direção ao escritório.

— Eu vou embora.

O problema era, cada Luxen temia o temperamento notório de Daemon. Seu irmão era como um pavio aceso, prestes a explodir a qualquer minuto, mas o que eles não

sabiam era que essa era outra coisa que Dawson compartilhava com Daemon. Quando a situação ficava crítica, e envolvia alguém com quem se preocupava, ele poderia ser tão ruim quanto.



Capítulo 16

epois disso, Adam e Ash recuaram, ficaram longe. E as coisas... ah, elas estavam ótimas. A escola estava quase acabando, e ele e Bethany D honestamente não podiam se cansar um do outro. Daemon disse a poucos dias que ele foi pego no laço, mas Dawson não se importava. Pensar sobre ela trazia um sorriso ao seu rosto. E estar com ela o completava de uma maneira que ele nunca pensou ser possível. Com Bethany, ele não pensava em si mesmo como algo separado das milhares **195**

de pessoas ao seu redor.

Ele só era... ele mesmo.

Dee até mesmo começou a sair com eles às vezes, quando ele trazia Bethany para a sua casa. Daemon nunca estava lá quando ela estava, e ele realmente não a tinha aceitado ainda, mas quando eles se juntaram a ele para o almoço, ele ficou calmo.

O matava que Daemon ainda não aceitasse seu relacionamento. E ele sabia

que incomodava Bethany também, porque ela não queria ser a causa de qualquer um dos seus problemas, mas não era como se eles não estivessem tentando. Era Daemon. Ele estava por perto só quando ele queria.

E agora, ele sabia onde Daemon estava. Com Ash. Eles estavam juntos novamente. Mesmo que isso o incomodasse demais, ele manteve sua boca fechada. Toda a coisa de jogar pedras em teto de vidro era horrível. Houve uma batida na porta da frente. Sorrindo, Dawson balançou as pernas para fora do sofá e foi atender.

Bethany estava ali, cabelo puxado para trás em um rabo de cavalo alto. Seu olhar flutuou sobre ela, e caramba, ele tinha mais razões para amar o tempo quente. Ela estava vestindo shorts que mostravam suas pernas e um top com a blusa com capuz na parte de cima. Ela estendeu um pé.

— Estes são os únicos tênis que eu tenho. Você acha que eles vão servir?

Sem dizer uma palavra, ele passou os braços ao redor **196**

da cintura dela, levantando-a do chão com facilidade.

— Você está linda.

Ela riu.

— Dawson!

Baixando-a lentamente contra o peito dele, ele sorriu enquanto suas bochechas coravam. Seus olhos cor de uísque se aqueceram segundos antes que ele a beijasse. Quando ele a colocou de pé novamente, ela balançou um pouco.

— Esse é o tipo de saudação que eu gosto. — disse ela, tocando seus lábios.

Seus olhos seguiram seus movimentos para os lábios rosados. Havia tinta verde em seu dedo mindinho, e vendo isso, seu coração expandiu. Quando ele envolvia sua mão ao redor da boca dela, ele percebeu que era absolutamente louco

por ela. Puxando-a para a sala, ele continuou indo de costas até que suas pernas batessem no sofá e eles estivessem sentados. Bethany subiu em seu colo e colocou os braços ao redor de seu pescoço.

Dawson parou de respirar quando ele inclinou a cabeça para trás, e ela baixou a boca para a dele. O beijo foi profundo e ardente, infinito. Sem quebrar o contato, ela abriu o zíper da blusa e ele empurrou pelos ombros. Correndo os dedos por seus braços nus, ele sorriu contra a boca dela quando ela estremeceu.

Ele podia sentir as células de seu corpo se esforçando para mudar quando ele deslizou os dedos sob a bainha de sua camisa, indo para cima e para cima até que ela estava fazendo pequenos sons suaves. A corrida de sensações **197**

disparando nele abafava tudo. Quando ela começou a se mover contra ele, suas mãos caíram para os quadris, seus dedos cavando para a calça dela.

Graças a Deus não havia ninguém em casa, porque eles teriam muito o que explicar. E isso tirou-o para fora da névoa. Ele apertou suas bochechas, seu polegar acariciando ao longo de sua mandíbula.

— ... Nós temos que parar... ou eu não serei capaz disso.

Por um segundo, parecia que Bethany não entendeu, e, em seguida, seu rosto ficou vermelho-cereja.

— Oh.

— Sim... — ele murmurou, seus olhos caindo para os lábios inchados. Deus, ela era linda para ele, perfeita.

Bethany estremeceu.

— Nós não temos de parar, sabe? Eu estou... Eu estou pronta.

Ele quase perdeu sua firmeza em seguida. As imagens de suas palavras testaram o autocontrole que ele tinha.

Querendo nada mais do que levá-la ao andar de cima e mostrar a ela o quanto

ele a queria, ele queria que sua primeira vez fosse especial. Um jantar, um filme, talvez algumas flores e velas, e não fazê-lo no sofá ou na cama desfeita de seu quarto bagunçado que tinha meias e só Deus sabe mais o quê espalhado pelo chão.

— Mais tarde... — ele prometeu, o que significava isto.

Ela se aconchegou nele, descansando o rosto em seu ombro.

— Logo?

— Muito em breve...

Vários minutos se passaram e então ela disse:

— Então... de volta para os tênis. Eles vão servir, né?

— Eles são perfeitos para onde eu vou te levar. — Eles estavam novamente indo fazer caminhadas. Dois fins de semana atrás, ele a levou nas trilhas, mas hoje, ele queria mostrar-lhe um dos seus pontos de observação favoritos. Eles deveriam ter ido na semana passada, mas tinha chovido durante dias, encharcando o chão.

Bethany saiu de cima dele. Era hora de começar o show na estrada, porque se ele não o fizesse, suas melhores intenções iam voar direto para fora da janela. Ele pegou duas

garrafas de água na geladeira, e eles se dirigiram para o carro.

Eles dirigiram cerca de um quilômetro abaixo da estrada, voltando para uma estrada de acesso pouco conhecida para as rochas do Seneca. Os guardas-florestais do parque evitavam esta parte. Principalmente porque ela levava para a colônia no fundo das florestas cercadas de rochas. E

os turistas eram proibidos. Sinais de alerta contra invasão estavam por toda parte.

Estacionando cerca de dois quilômetros da entrada, eles andaram por cerca de 40 minutos. Bethany riu e conversou durante todo o caminho. Várias vezes eles pararam para que ela pudesse tirar fotos da paisagem que ela queria pintar mais tarde.

Quando chegaram à base das montanhas, Bethany engoliu em seco. A inclinação que corria ao lado tinha pequenas saliências e dava uma vista decente para iniciantes, com nenhum equipamento necessário, então Dawson não estava preocupado.

— Você tem certeza que posso subir isso sem me matar? — ela perguntou, protegendo os olhos com a mão.

— Você vai se sair bem. — Ele se inclinou, beijando a bochecha dela. — Isso realmente não é tão difícil, e eu não vou deixar nada acontecer com você. Eu prometo.

Ela sorriu e passou os próximos dez minutos tirando fotos das pedras brilhantes. Em seguida, eles começaram a subir a colina rochosa banhada de luz solar, movendo-se lentamente para que Bethany pudesse se acostumar ao terreno. Pedras e terra solta escorriam por trás deles, quando eles fizeram o seu caminho para cima.

— Isso realmente não é ruim, — disse ela, parando e olhando para trás. — Uau. Ok. Me lembre de não olhar para trás.

Ele se virou. A espinha de Beth ficou ereta.

— Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça.

Voltando para ela, ele deslizou um pouco quando ele colocou a mão em seu ombro. Com o rosto pálido, ela agarrou seu braço.

— Você tem certeza? — Ele perguntou, preocupado.

— Sim, eu não acho que eu já estive em um lugar tão alto antes.

200

Dawson sorriu.

— Nós não estamos assim tão alto, Bethany.

Sua garganta trabalhou.

— Não me sinto assim.

Ela tinha medo de altura? Oh merda, se fosse esse o caso, esta foi uma má ideia.

— Você quer voltar para baixo? Nós podemos.

— Não. — Ela balançou a cabeça, dando-lhe um sorriso vacilante quando ela tirou os dedos de seu braço. — Eu quero fazer isso com você. Apenas... apenas vá devagar, ok?

Parte dele queria pegá-la e levá-la de volta para a campina abaixo, mas ela insistiu e ele confiava nela para contar a ele quando ela tiver o suficiente.

Vinte minutos depois, ele escalou a rocha plana e estendeu a mão para ela.

— Dê-me sua mão. Eu vou puxá-la para cima.

Estreitando os olhos com determinação, ela colocou a mão na dele. Calor em cascata atravessou seu peito em resposta a sua confiança. Puxando-a, ele a segurou até que ela estava pronta para ficar de pé. E quando o fez, ele percebeu que suas pernas tremiam um pouco quando ela se virou.

Bethany agarrou a câmera pendurada no pescoço.

— É lindo.

Ele se levantou, colocando as mãos nos quadris enquanto ele olhava tudo. O céu era de um tipo raro, perfeito de azul. As nuvens eram macias, parecendo

como se fossem **201**

pintadas. Algumas

árvores

antigas se levantavam,

escondendo o solo abaixo.

— Sim — ele disse lentamente. — É incrível. Um mundo diferente aqui em cima.

Ela olhou por cima do ombro dele.

— Seria muito legal poder sentar aqui e pintar.

— Nós poderíamos fazer isso.

Bethany riu.

— Eu não acho que eu seria capaz de trazer minhas coisas aqui em cima.

— Você tem muito pouca fé — ele brincou. — Eu posso trazer as suas coisas aqui e deixar tudo pronto em três segundos.

Ela sorriu.

— É tão estranho. Às vezes eu simplesmente esqueço...

o que você é.

A maioria das pessoas não sabe como lidar com isso, mas ele reconhecia isso como era. E foi por isso que ele... por isso que ele a amava. Olhando para longe, ele deixou a boca fechada. As palavras tinham estado no seu peito por semanas, talvez meses, exigindo que fossem ditas, mas toda vez que ele tentava forçá-las para fora de sua boca, ele se trancava. Bethany não tinha dito essas palavras também, e se ela não sentisse o mesmo, ele tinha medo de que fosse assustá-la.

Com o canto do olho, ele a viu pisar cuidadosamente em direção à borda.

— Cuidado. — disse ele.

— Estou sempre tendo cuidado.

Dawson girou e atravessou para o outro lado da rocha.

De onde estava, ele estava quase em perfeito alinhamento com o local onde a colônia existia. Ele suspirou, fechando os olhos. Nem ele nem Daemon tinham ouvido falar deles desde o início deste ano. Logo, ele percebeu, logo ele teria que enfrentá-los, e eles fariam sobre o acasalamento. O que ele diria? Não havia jeito de ele sequer pensar na ideia de estar com outra pessoa. Mas ele não podia contar a eles sobre Bethany. Ele não seria capaz de contar qualquer coisa. E isso iria causar um—Um senso de pavor atravessou ele, forçando os olhos abertos. Ele olhou para as rochas de arenito abaixo de seus pés. Os cristais incorporado profundamente no sedimento

piscaram. A superfície estava brilhante, ainda úmido da chuva recente. Escorregadia—Um suspiro quebrado no seu núcleo, quase inaudível, mas tão alto como um trovão. O grito que veio em seguida refrigerou todo o seu corpo.

Não tinha nem mesmo sido um segundo e o tempo parecia ter parado, no entanto. Seu coração batia em seu peito quando ele se virou, pegando o contorno borrado dos braços agitados de Beth.

Chumbo se assentou em seu estômago, mas ele se atirou para frente, deslizando para fora de sua forma, sem pensar nisso. Ele foi rápido, mas bastou um segundo — um segundo para a gravidade fazer o que geralmente fazia. Para alcançar e pegar Bethany para baixo no nada além de espaço.

Mas foi pior do que apenas ar vazio, porque então ele teria tido tempo para pegá-la.

Ele passou por cima da borda cega, sabendo que o lado que ela escorregou tinha várias saliências irregulares que poderia quebrar os ossos dela. E um deles, um pico de cerca de três metros de altura e 2 metros de largura, tinha parado a queda de cerca de trinta metros de profundidade.



Capítulo 17

awson não estava pensando.

Dois segundos se passaram. Dois malditos segundos para ele trocar de sua forma D humana e alcançar o corpo dela, que estava em um ângulo estranho, uma perna sob a outra, um braço pendurado para o lado.

Bethany não estava se mexendo.

Algo vermelho estava do lado esquerdo da cabeça dela.

Não era sangue não podia ser sangue. O que quer que fosse **204**

— porque não poderia ser o que era — vazava de suas orelhas. A câmera tinha sumido, caindo muito mais longe.

Ele não conseguia pensar.

Uma parte de seu cérebro, o lado humano, desligou.

Alcançando Beth, ele embalou seu peito, engolindo-a na luz azul-esbranquiçada. Bethany. Bethany. Bethany. Seu nome estava em uma repetição. Ele balançou para trás contra a parede lisa, e ele gritou e gritou. Todo seu mundo estava despedaçado. Abra os olhos. Por favor, abra seus olhos.

Ela não se mexeu.

Ela não se mexia. Uma parte dele reconheceu que um ser humano não poderia ter sobrevivido a essa queda dependendo de como eles caíssem, mas Beth ... não a sua Bethany.

Isso... isso não podia estar acontecendo.

Sua luz brilhou ao seu redor, até que ele já não podia ver o rosto pálido, mas apenas um esboço.

Ele prometeu que não deixaria que nada acontecesse com ela. Um segundo — um maldito segundo que ele se afastou dela. Isso foi culpa dele. Ele não deveria tê-la trazido até aqui depois que tanta chuva havia encharcado o solo, molhando a parte debaixo de seus tênis. Ele não deveria ter deixado ela continuar subindo o morro quando ele viu como ela estava nervosa, trêmula como suas pernas estavam.

Ele deveria ter sido capaz de parar isso — de salvá-la.

Que tipo de poder que ele tinha, se ele não poderia tê-la salvo?

Dawson gritou novamente, o som em seus ouvidos **205**

cheio de tristeza e raiva. Mas Bethany não conseguia ouvi-lo.

Ninguém podia ouvi-lo. Algo molhava seu rosto. Lágrimas, talvez. Ele não tinha certeza. Ele não conseguia ver além da luz pulsante.

Ele descansou a cabeça contra a dela, com a boca a centímetros de seus lábios entreabertos. Seu corpo tremia.

Ele inalou e exalou... e o mundo pareceu parar novamente.

Acorde. Acorde. Por favor, acorde.

Um instinto desconhecido o levou para a frente, um sussurro de idades antes dele. Uma imagem encheu sua mente, de Bethany se aquecendo por dentro e fora, luz sua luz. Ele derramou através de seu corpo, uma parte dele anexando a sua pele, músculos e ossos. Ele invadiu o seu sangue, se enrolou em volta dela em um nível celular,

reparando e reparando, cicatrização da pele rasgada e músculos, costurando ossos quebrados. Ele continuou e continuou, segundo em minutos, os minutos em horas. Ou talvez não fosse nem um minuto que tinha passado. Dawson não sabia. Mas ele não estava respirando, ele não perdia a imagem ou a ladainha suplicante em sua cabeça.

Acorde. Acorde. Por favor, acorde.

De primeira, ele não tinha certeza do que estava acontecendo. Ele pensou que sentia ela se mexer em seus braços. Então ele pensou ter ouvido uma respiração — um gole fraco de ar.

Acorde. Acorde. Por favor, acorde.

Ele estava tremendo, sua luz pulsando erratically.

— Dawson?

O som de sua voz, oh, sua doce voz destruiu seu mundo pela terceira vez. Seus olhos se abriram, mas ele ainda não podia vê-la além de sua própria luz.

Bethany? Você está...? Ele não conseguia dizer as palavras, não podia acreditar que de alguma forma ela estava viva em seus braços. E como poderia estar? Juntamente com perdê-la, ele perdeu a cabeça. Uma onda de dor crua caiu através dele. *Bethany, eu te amo. Me desculpe, eu nunca te disse. Eu te amo. Eu gostaria de ter dito antes. Eu te amo. E eu não posso...*

Eu amo você, também.

Não foram ditas em voz alta essas palavras sussurradas. Elas estavam dentro dele, reverberando através

de seu corpo e a parte dele que tinha desenvolvido algo humano — uma alma.

Ele puxou a luz de volta para si mesmo. Ele não podia acreditar no que via.

Bethany olhou para ele, seus olhos castanhos brilhando com lágrimas. Seu rosto ainda estava pálido, mas a cor infundida nas suas bochechas. Havia manchas de sangue ao redor das orelhas e no canto de sua boca, mas ela estava olhando para ele.

— Bethany... — ele resmungou.

Ela assentiu com a cabeça e sussurrou:

— Sim.

Mãos trêmulas, ele tocou o rosto dela, e quando ela fechou os olhos, ele entrou em pânico.

— Bethany!

Seus olhos se abriram.

— Eu estou aqui. Eu estou bem.

Não podia ser, mas ela estava viva e respirando em seus braços. Ele passou os dedos pelo rosto, alisando longe o cabelo coberto de sangue. Seu peito estava fazendo aquela coisa de inchaço louco novamente.

— Oh, Deus, eu pensei... eu pensei que tinha perdido você.

— Eu acho que você pode ter perdido. — Ela deu uma risada trêmula. — Eu sinto muito, muito mesmo. Eu deveria ter prestado mais-



— Não. Não se desculpe. Isso não foi culpa sua. — Ele beijou sua testa, em seguida, o rosto e a ponta do nariz. —

Como você está se sentindo?

— Bem. Estou cansada... um pouco tonta, mas me sinto bem.

Ele estava exausto. Como se tivesse lutado com uma centena de Arum tudo de uma vez. Pressionando a testa contra a dela, ele respirou seu aroma limpo. Ele não poderia fechar os olhos, com medo que ela pudesse desaparecer.

Bethany tremeu.

— O que você fez, Dawson?

— Eu não sei. Eu honestamente não sei.

Ela soltou sua mão e acariciou sua bochecha.

— Tudo o que você fez, salvou... me salvou.

Bethany estava viva! Ela estava aqui em seus braços, tocando-o. Suas bochechas estavam molhadas novamente, mas ele não se importava. Nada mais importava, exceto a garota que ele embalava.

Bethany ficou em seus braços no maldito penhasco pelo que pareceram horas, e ela não queria nunca deixar o seu abraço. Ela estava quente envolta em seus braços. Mas eles não tinham para onde ir. Ela se levantou, surpresa que ela ainda podia. Não havia nenhuma dúvida em sua mente de que pelo menos uma de suas pernas haviam sido quebrada.

E pela quantidade de sangue que tinha secado no cabelo

dela, ela tinha certeza de que seu crânio tinha sido rachado como um ovo.

Ela pausou esses pensamentos.

Agora, ela não podia sequer começar a pensar sobre o que tinha acontecido.

Dawson parecia cansado enquanto subia, mas ele levantou-a do chão, segurando-a contra seu peito. Havia apenas uma maneira de voltar.

— Se segura e feche os olhos. — disse ele.

Bethany fez como ele instruiu e sentiu a mudança nele.

Seu corpo zumbia, e ela podia ver sua luz brilhante por trás de suas pálpebras. O vento corria em seu rosto, soprando o cabelo para trás. Segundos depois, seus lábios roçaram a testa. Quando ela percebeu que ele estava andando, ela lutou **209**

em seus braços. Ele estava obviamente mais fraco agora e não devia estar levando-a.

— Você está bem?

— Sim — ela disse, olhando para ele. Manchas escuras já floresciam sob seus olhos. O que ele tinha feito tinha acabado com ele. — E eu posso andar.

— Eu prefiro levar você.

Ela sorriu.

— Eu não vou cair de novo. Eu prometo.

Dawson não achou a piada engraçada, não que ela o culpasse. Demorou um pouco para convencê-lo de que ela podia andar, antes que ele a colocasse no chão, mas ele não soltou de sua mão ou tirou os olhos dela por todo o caminho de volta para o carro.

A caminhada para a casa dele foi rápida e tranquila.

Quando ele desligou o motor na frente da casa, ele enfrentou.

— Bethany...

Naquele instante, ela lembrava o que tinha ouvido. Ele dizendo que a amava uma e outra vez. Um nó se formou em sua garganta, e seus olhos ardiam.

— Obrigada — ela sussurrou com voz rouca. — Por tudo o que você fez. Obrigada e eu amo você.

Dawson se recostou na cadeira, sorrindo fracamente.

— Eu quero-

— Eu sei. Eu ouvi você. E isso é tudo que importa.

Ele a beijou suavemente, como se ele estivesse com medo que ele a machucasse.

— Eu vou levar você e seu carro para casa, e depois **210**

voltar para a minha casa.

— Estou muito bem. — Ela olhou para si mesma. Seus shorts foram rasgados e sua blusa estava cheia de sangue.

Ela estava uma bagunça. Graças a Deus que seus pais tinham levado Phillip para um show de marionetes em Cumberland e seu Tio Will provavelmente estaria na cama quando ela chegasse.

Fora do carro, ele a puxou para um abraço forte que ela não queria que terminasse. Ele alisou o cabelo para trás, beijou-a até que ela pensou que ela iria parar de respirar de novo.

— Você está brilhando. — ele murmurou contra sua têmpora.

— Muito?



— Você está brilhando, mas é linda. — Houve uma pausa quando ele a beijou na testa. — Mais brilhante do que eu já vi. Vou me sentir melhor se você ficar em casa e eu verificar a área primeiro, ok?

Oh, não. Seu coração se afundou. Tudo o que eles tinham conquistado com os outros estaria perdido.

— Sua família e amigos-

— Eu vou cuidar disso. Não se preocupe.

Era difícil não se preocupar, mas agora, seu cérebro estava girando com tudo. Uma vez dentro de seu carro, ele ficou atrás do volante e sorriu para ela. Ele parecia tão cansado, seu cabelo estava uma bagunça de ondas em preto e sua camisa estava coberto por... sangue dela. Ela engoliu em seco, forçando o olhar para frente.

De pé na varanda estava Daemon. Pelo olhar brutal em seu rosto, não havia dúvida de que ele tinha visto — visto o rastro dela.

A casa de Bethany estava escura e silenciosa quando ela entrou. Tudo o que ela queria fazer era tomar banho, tirar todo o sangue e sujeira e dormir por um ano. Dawson iria voltar, e ela iria deixá-lo ficar. Primeira vez para ela, mas ela sabia que ele honestamente precisava estar perto dela agora.

Dawson estava abalado, ainda abalado com o que aconteceu.

Assim como ela.

Na cozinha, ela pegou uma garrafa de água e bebeu de um só gole. A memória de cair assombrava seus passos quando ela jogou o plástico no lixo. Ela tinha caído e o impacto — oh, Deus, a dor foi tão intensa, mas breve. Fatal.

E então não havia nada.

Bethany não tinha certeza de quanto tempo isso durou, mas a próxima coisa que ela ouviu foi Dawson dizendo para ela por favor acordar e que ele a amava. No início, ela estava confusa. Ela tinha dormido? Mas em seguida, ela percebeu.

E ela ainda estava sofrendo com isso.

Ela tinha desmaiado. Se o sangue era qualquer indicação, ela tinha estado gravemente ferida. A grande questão era, ela tinha quase morrido ou ela tinha morrido de verdade?

Bethany estremeceu.

De alguma forma, Dawson tinha curado tudo o que tinha sido danificado na queda. O que ele tinha feito era inspirador e além da compreensão. E seus corações, eles haviam batido em perfeita sincronia. Ela não sabia como sabia disso, mas ela sabia. Tinha que ser alguma reação do que ele tinha feito. Muito estranho, mas nada que ela temesse. Como poderia?

Dawson a amava.

E esse tipo de amor... Era incrível.

Ainda com sede, ela pegou uma garrafa de água e se dirigiu para as escadas. Sem qualquer aviso, a luz da cozinha se acendeu.

Tio Will estava na porta, com os olhos piscando contra a luz.

— Bethany, que, oh meu Deus, você está bem?

Merda.

— Sim, eu estou bem.

Ele se arrastou para ela o mais rápido que pode. Ao longo do último par de semanas, ele foi ficando melhor, mais forte. Cabelo castanho salpicado de cinza cobria a cabeça agora. Logo, ele estaria morando de novo em sua própria casa.

— Meu Deus, Beth, você está coberta de sangue. — Ele colocou a mão trêmula em seu ombro, olhando para ela como qualquer médico iria, em busca de lesões visíveis.

— O que diabos aconteceu?

Pense rápido, Beth, pense rápido.

— Dawson e fomos caminhar, e ele se cortou em uma pedra irregular. Ele sangrou... muito.

Os olhos do tio se arregalaram.

— Ele sangrou em cima de você?

— Muito, mas ele está bem. — Ela passou por ele, o coração batendo. — Está tudo bem, entretanto, por isso não há nada com que se preocupar.

— Beth-

— Estou muito cansada, apesar de tudo. — Deus, ela precisava sair e se limpar. — Vejo você pela manhã.

Sem esperar por uma resposta, ela correu até as escadas e fechou a porta atrás dela. Merda, seu tio provavelmente diria algo para os pais dela. Mas não havia

nenhum ferimento visível. Talvez ela fosse capaz de convencê-

los de que não era tão ruim quanto pareceu para o tio Will.

Talvez não. Ela conseguiria.

O segredo de Dawson dependia de Bethany convencer sua família que estava tudo bem.



Capítulo 18

awson estava tão apagado que ele mal podia suportar. Ele se sentou à mesa da cozinha, descansando a cabeça na mão. A pulsação D constante encontrou residência entre as suas têmporas. Ele precisava tomar banho e, em seguida, ir até a casa de Bethany. O que ele queria era abraçá-la, assegurar-se de que ela estava muito viva.

Mas, primeiro, ele teria que entrar em uma grande sessão de reclamação.

Daemon olhou para ele do outro lado da mesa.

— O que diabos aconteceu? E não se atreva a dizer nada. Ela está brilhando como um sol em pânico.

O que ele poderia dizer? Ele não tem a menor ideia. De jeito nenhum ele poderia explicar o que tinha feito, e até que ele entendesse melhor, ele não ia contar a ninguém. Nem mesmo para Dee.

— Eu ainda estou esperando. — disse Daemon.

Dawson arrancou um olho aberto.

— Eu estava me exibindo, sendo estúpido. Eu não estava pensando.

A boca de seu irmão caiu aberta. Descrença enchia sua expressão.

— Você tem que ser o-

— Cara mais estúpido por perto, eu sei.

— Isso não explica por que os dois parecem que pularam de uma montanha.

Dawson se encolheu.

— Bethany caiu... e esfolou até as mãos. Parece pior do que é.

O olhar de Daemon examinou-o.

— Sem dúvida.

Dawson suspirou.

— Eu sinto muito.

— Desculpas — Daemon rosnou. — Desculpas realmente não vão corrigir isso, mano. Aquele outro Arum ainda está lá fora. E agora você foi e iluminou a bunda da garota como se fosse o maldito quatro de julho. De novo. Você **216**

vai fazer aquela garota ser morta.

Uau, isso ardia para caramba.

— O outro Arum realmente está lá fora, Daemon? —

Ele levantou a cabeça, cansado. — Nós não o vimos ou qualquer outro Arum em meses. Ele se foi.

— Nós não sabemos isso.

É verdade, mas ele estava cansado demais para discutir.

— Eu vou mantê-la longe daqui até que desapareça. —

Se desaparecesse algum dia, porque ele não tinha certeza de que iria. — Eu vou cuidar disso.

A raiva explodiu em Daemon.

— Sabe, eu fui louco em permitir que você continuasse brincando com essa humana, na esperança de que você

eventualmente recobrasse o maldito sentido, mas, obviamente, eu devia ter interferido nisso muito mais cedo.

— Eu não estou brincando com ela. — Dawson recostou-se na cadeira, encontrando o olhar furioso de seu irmão. — Eu a amo. E eu não vou deixá-la porque você não aprova. Então supere.

— Dawson...

— Não. Você não entende. Minha vida não é sua — não pertence aos Luxen e não pertence ao Departamento de Defesa. — Fúria alimentava sua energia

agora. — E desistir dela é como desistir de um pedaço de mim. É isso que você quer?

Os punhos de Daemon bateram na mesa.

— Dawson, eu-

— Ela me faz feliz. E isso não deveria deixar você feliz?

Por mim? E sem ela... sim, eu não preciso terminar esse pensamento.

Daemon olhou para longe, lábios finos.

— Claro que eu quero ver você feliz. Eu não quero além de que você e Dee sejam felizes, mas mano, ela é uma garota humana.

— Ela sabe a verdade sobre nós.

— Eu queria que você parasse de dizer isso.

— Por quê? — Dawson passou os dedos pelo cabelo. —

Eu posso parar de dizer isso, mas isso não muda nada.

Um riso amargo seco veio de seu irmão. E então o que veio a seguir começa com F e termina com I, de me fodi.

— E o que acontece quando vocês terminarem?

— Nós não iremos terminar.

— Oh, Jesus, Dawson, vocês dois tem dezesseis.

Vamos.

Dawson voou para seus pés.

— Você não entende. Você sabe o que mais — não importa. Eu a amo e isso não vai mudar. Ou você me apoia como um irmão deve fazer ou pode ficar fora do meu caminho.

Daemon levantou a cabeça, os olhos arregalados e as pupilas brancas.

Choque roubou muito da cor de sua pele, e Dawson nunca tinha visto esse olhar no rosto de seu irmão.

Como se Dawson tivesse andado para cima dele e empurrado uma lâmina profundamente nas costas de seu próprio irmão.

— Então, vai ser assim? — perguntou Daemon.

Dawson odiava suas próximas palavras, mas ele tinha que dizê-las.

— Sim, vai ser assim.

De pé, Daemon afastou a cadeira e foi até a janela.

Vários minutos se passaram em silêncio, e então ele riu asperamente.

— Deus, eu espero nunca me apaixonar.

Um pouco surpreso com essa declaração, Dawson observou seu irmão gêmeo.

— Você realmente quer isso?

— Claro que sim! — respondeu Daemon. — Olhe o quão estúpido você ficou.

Dawson sorriu, apesar de tudo.



— Eu sei que isso provavelmente é um insulto, mas eu vou tomar isso como um elogio.

— Você deveria. — Daemon olhou para ele e se encostou ao balcão. — Eu não gosto disso. Eu nunca gostei disso, mas... mas você está certo. Você tem estado certo esse tempo todo.

O inferno acabou de congelar.

Um pequeno sorriso irônico apareceu no rosto de Daemon.

— Eu não posso te obrigar a namorar com alguém.

Inferno, ninguém pode dizer a nenhum de nós a quem amar.

Cara, ele parou de respirar.

— O que você está dizendo?

— Não que você precisa da minha permissão, porque **219**

você praticamente faz o que quiser, mas eu vou apoiar você.

— Ele esfregou os olhos. — E você vai precisar disso quando o resto ver o quão brilhante ela está.

Mudo pela submissão de Daemon, Dawson cruzou a sala e fez algo que não tinha feito em um longo tempo. Ele o abraçou.

— Obrigado, Daemon. Eu quero dizer, muito obrigado.

— Você é meu irmão. O único que eu tenho, então eu estou preso com você.

— Ele abraçou Dawson de volta. — Eu quero ver você feliz. E se Bethany faz você feliz, então que assim seja. Eu não vou perder você por uma garota.

Três dias depois, e o rastro de Bethany ainda estava tão brilhante como no dia do penhasco. E eles tinham a mesma quantidade de respostas para o que aconteceu como tinham naquele dia. Um grande nada. Eles tinham pensado e pensado, tentando descobrir o que aconteceu. Mesmo se confiasse em Daemon ou Matthew, Dawson não sabia se eles iriam encontrar a resposta um dia. A coisa toda de não-saber e a constante discussão — estava os deixando loucos.

Portanto, esta noite, eles fariam algo normal. Ir ao cinema, como qualquer outro casal de adolescentes normalmente faria. Eles até mesmo sairiam para jantar. E em casa, em seu armário, estava um novo buquê de rosas com que ele planejava surpreendê-la. Talvez até algumas velas...

Mas Bethany tinha escolhido o lugar para jantar.

Ele olhou para ela quando ele entrou no estacionamento. Suas bochechas estavam vermelhas, olhos brilhantes quando eles estavam abertos. Agora, porém, ela os tinha fechados enquanto ela descansava no banco.

— Ei, — ele disse, acariciando sua perna. — Você está bem aí?

As pestanas se agitaram.

— Sim, eu estou cansada.

Dawson estacionou o carro e virou na direção dela.

— Podemos terminar a noite, se quiser.

— Não. Eu estou pronta para ir. — Ela estendeu a mão, colocando-a em seu rosto.

Ele a olhou e as palavras borbulharam antes que ele pudesse detê-los.

— Eu mal posso acreditar o quão sortudo eu sou. Você tem sido tão compreensiva com tudo. Eu quase não consigo acreditar.

— Eu te amo, Dawson. Eu amo quem você é, o que você é. E eu não acho que o amor reconhece diferenças. Ele simplesmente é. E nós realmente não somos tão diferentes.

Porra se ele não começasse a sentir os olhos ardendo.

Se ele começasse a chorar, ele chutaria a si mesmo, mas ele nunca se cansava de ouvir essas três palavras, por meio de suas carícias ou falado em voz alta.

— Temos DNA diferente. Eu nem tenho que respirar se eu não me forçar a isso, Bethany. Eu sou um ET, alienígena.

Isso é definitivamente diferente. — Mas ele colocou a mão sobre a dela de

qualquer maneira.

221

Um leve sorriso apareceu em seus lábios. Todos os seus sorrisos eram bonitos.

— E? Isso não muda o fato de que eu te amo. E eu sei que não muda que você me ama.

— Você está certa.

— E, sim, nós somos diferentes em um nível superficial. — Bethany se inclinou, beijando seus lábios.

Seus dedos curvados em torno dela com força. — Mas nós somos iguais. Nós rimos das mesmas piadas estúpidas.

Nenhum de nós tem ideia do que queremos fazer depois da escola. Nós dois achamos que Hugh Laurie é um gênio, embora odiemos TV. E nós assistimos muito Dirty Dancing, pelo menos treze vezes, embora você nunca vá admitir isso.

— Ela piscou.

Ele tirou a mão do rosto, pressionando os lábios contra o centro de sua palma.

— E nós dois vamos reprovar em ginástica.

Ela riu, porque era verdade.

— E nós temos um amor por todas as coisas açucaradas.

— E apelidos estúpidos que ninguém mais tem.

Balançando a cabeça, ela colocou a outra mão em seu peito.

— E os nossos corações batem ao mesmo tempo. Não é?

Deus, eles batiam. Como duas metades que foram divididas, mas de alguma forma ainda estavam juntas. Ele abaixou a cabeça, roçando seus lábios ao longo dela. Ele a **222**

adorava — estava encantado por ela. Ela era dele. Ele era dela.

Dawson encontrou os lábios, sentindo o seu coração bater forte e correr, combinando com a batida do de Bethany.

Ele tremia quando uma pressa agradável floresceu sobre sua pele.

— Eu te amo.

Bethany sorriu contra sua boca.

— Idem. Nós vamos perder o filme.

Ele preferia ficar no carro e ver o quanto eles conseguiam embaçar as janelas, mas ele balançou a cabeça e abriu a porta. O doce e picante ar de primavera o engoliu. O

verão não estava muito longe. Engraçado. Três meses tinham mudado sua vida.

Se movendo para o lado dela, ele passou o braço sobre os ombros dela, conduzindo-a em frente ao estacionamento.

Ela sorriu para ele.

— Tudo está meio perfeito, sabe?

Porra, se não estava. Ele a puxou para mais perto e um calafrio serpenteava por sua espinha, explodindo sobre suas terminações nervosas. O sentimento era reconhecível. Arum.

Girando, ele passou o braço em volta da cintura de Beth e a puxou contra ele.

— Quando eu disser para você correr, você corre.

— O quê? — Ela lutou em suas mãos e, em seguida, parou. — São eles, não são? Oh meu Deus...

Eles estavam à beira da proteção do quartzo beta, mas o rastro dela era definitivamente visível por qualquer Arum.

Seus olhos percorreram o céu escuro e em seguida, caíram sobre as matas circundantes. Tudo foi lançado nas sombras.

Ele queria mandá-la para o cinema, mas isso exigiria que eles se separassem, e ele não a deixaria ir a lugar nenhum.

— Nós iremos voltar para o carro, — ele disse rapidamente. — E então...

As sombras se reuniram na frente deles, tomando forma.

Sem dizer uma palavra, ele mergulhou com Bethany e se dirigiu para a linha de árvore grossas. Parte dele esperava que não estivesse cometendo um grande erro, mas eles nunca iriam conseguir passar pelo estacionamento. E ele precisava estar onde ele pudesse se defender e manter um olho nela.

Correndo pela floresta, ele jurou que podia ouvir sua voz em sua cabeça, dizendo o seu nome, mas isso não poderia ser possível. Aconteceu quando ele a curou, mas em sua forma humana, ele não deve poder. Mas ele tinha que pensar nisso.

Logo que eles estavam suficientemente profundos na floresta, ele a colocou no chão. Seus olhos estavam arregalados e entraram em pânico quando ele se afastou.

— Tudo vai ficar bem

O Arum veio do céu, deslizando através de ramos como uma nuvem escura. Agarrando Bethany pelos ombros, ele a empurrou para o chão e depois passou em sua verdadeira forma. Seu suspiro assustado impulsionou Dawson para frente. Ele morreria antes de deixar algo acontecer com ela.

Ele saltou no ar, colidindo com o Arum. O impacto estrondoso sacudiu as árvores, e eles atravessaram os galhos frondosos. A vários metros de distância, ele deslizou pelo chão, grama e sujeira pelo ar e caiu em uma vala áspera atrás.

A risada sombria do Arum deslizou através de Dawson.

Não se preocupe, disse ele. Eu não vou te matar ainda. Eu vou deixar você vivo para que possa assistir a vida saindo de sua humanaaaa.

Fúria passou por ele, e ele se levantou, sentindo o crepitar de energia ao longo de seus braços. Reunindo a energia em uma bola de raiva até que ele estava tenso com a pressão, ele soltou uma corrente de luz branco azulada explodindo para o centro do Arum.

Com um rugido, o Arum empinou-se e expandiu, lançando Dawson no ar como se não fosse nada além de uma criança. *Se você desistir, vai ser menooos doloroso.*

Os ombros de Dawson bateram no chão. Ele rolou de costas e apareceu em sua forma humana antes que o Arum o alcançasse. Girando fora de seu alcance, ele evitou as mechas grossas perto nele.

Porra, ele tinha sido drenado uma vez antes, e ele não iria passar por isso de novo.

O Arum mudou em sua forma humana, deixando soltar uma série de explosões que Dawson mal conseguiu evitar enquanto ele corria em direção ao bastardo. O que importa é que o Arum deixava crateras no solo, destruindo os antigos carvalhos que entravam em contato com ele.

Ele não tinha ouvido Bethany fazer um som por tanto tempo, o pensamento de que algo tinha acontecido com ela o fez vacilar, mesmo sem querer. Ele tirou os olhos do Arum, procurando por ela. A distração custou caro. Soltando outra gargalhada arrepiante, o Arum jogou sua mão para fora.

No último momento possível, Dawson mudou a sua verdadeira forma. A matéria escura atingiu-o no peito, e ele absorveu o melhor que podia. A explosão ainda bateu para fora de seus pés, mas teria incinerado um ser humano. Por sobre a dor cortante que queimava através de seu corpo e zumbia em seus ouvidos, ele ouviu o grito horrorizado de Bethany.

Uma fração de segundo depois, ele se ergueu e olhou o Arum. O Arum não era nada mais do que uma sombra, mas

ele estava indo direto para Beth. Era como se todos os seus pesadelos estivessem se tornando realidade. O terror foi pior do que quando ele viu Beth cair da borda.

Tudo o que ele podia ver era o rosto pálido de Beth, com os olhos arregalados. Ela tornou-se todo o seu mundo.

Uma parte dele, provavelmente aquela que era a sua humanidade, se desligou. Sua visão se aguçou e ele se encheu de propósito. Beth foi ameaçada.

E o Arum ia morrer.

Mudando para sua forma verdadeira, ele correu para o Arum e o atacou por trás. Ele ouviu um suspiro suave, mas ele rolou o Arum de costas. O ar em torno deles se tornou carregado. Se inclinando, ele desembainhou a lâmina de obsidiana de sua perna.

O Arum lutou descontroladamente debaixo dele, mas Dawson fechou a mão ao redor da garganta dele e o colocou lá. Sem dizer uma palavra, ele mergulhou a lâmina profundamente no centro do Arum.

Houve um flash de luz dourada e, em seguida, o Arum quebrou em pedaços que pairavam no ar por alguns segundos, como uma forma irregular de quebra cabeças. E

então ele simplesmente desapareceu.

Dawson levantou e balançou para a direita. Dor arqueava sua perna. Ele olhou para baixo e percebeu que parecia estranho. Como se sua perna esquerda estivesse indo pro caminho errado, inclinada em um ângulo estranho.

Quebrada. Deslizando a obsidiana no bolso de trás, ele suspirou e mudou para sua forma Luxen para que ele

pudesse se curar. Levaria um par de minutos para reparar o dano, mas pelo menos ele não iria sentir isso agora. E de qualquer maneira, ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

Ele enfrentou Beth.

Ela estava de pé sob uma das árvores chamuscadas, os braços em volta da cintura. Tremor corria através de seu corpo, e ele odiava que ela o tivesse visto — matando.

Bethany?

A cabeça inclinada para o lado e ela piscou. *Você... você está bem?*

Ouvir sua voz novamente em seus pensamentos era um sentimento inexplicavelmente inebriante. Voltando para ela, ele se ajoelhou e segurou

suas bochechas. Sua luz a envolveu **227**

quando ele apertou os lábios contra os dela. Através de seu vínculo, ele a ouviu dizer seu nome uma e outra vez. *Dawson.*

Dawson. Dawson.

Está tudo bem. Acabou. Ele voltou para sua forma humana, puxando-a contra seu peito, descansando sua bochecha contra a dela. Seus corações batendo em uníssono.

Eu nunca vou deixar nada acontecer com você. Eu prometo.

Você está segura comigo.

Os dedos de Bethany cavaram em sua camisa quando ela estremeceu. *Eu sei. Eu te amo.* Ele nunca se cansava de ouvir essas três palavras, por meio do vínculo deles ou falado em voz alta.

Dawson? Um tremor rolou por seu corpo. Um gemido foi abafado contra o pescoço dele. *Eu não me sinto... Eu não me sinto bem.* Ele se soltou, dando um passo para trás. *Beth-*

Ela não desmaiou, mas parecia que suas pernas cederam. Ele estendeu a mão para ela, mas ela bateu no chão, o rosto pálido quando ela tentou ficar de joelhos. Sua pele parecia úmida e pegajosa.

Medo tropeçou em seu coração quando ele se atirou para ela. Ela estava machucada? O Arum não tinha chegado a ela, ele tinha certeza.

— Bethany, o que há de errado?

Um tremor rolou por seu corpo.

— Dawson...

Se ajoelhando ao lado dela, ele agarrou seus ombros. O

gemido dela deixou seu coração acelerado. Seus olhos a percorreram rapidamente.

— Baby, fale comigo. O que está acontecendo?

— Eu não me sinto bem... — disse ela, com a voz fraca. E então ele a ouviu claro como o dia em sua cabeça.

Acho que estou pegando fogo. Colocando as mãos em seu rosto, ele viu que a pele dela estava quente. Muito quente.

Suas pálpebras estavam pesadas, escondendo os olhos.

— Bethany, me diga o que está errado.

— Algo está errado...

Um galho quebrou nas proximidades. Em um flash, quatro sombras os tragaram, e seu estômago torceu. Oh, Deus, não. Havia mais Arum. A trazendo para mais perto, ele sabia que estava muito esgotado para lutar contra quatro

deles. Pela primeira vez em sua vida, ele invejava a força de seu irmão.

Bethany ia morrer, e era tudo culpa dele. Porque ele estava fraco demais para protegê-la.

Ele segurou-a com mais força. *Me desculpe*, ele disse através de sua ligação mental. E ele nunca quis dizer essas palavras mais do que ele fez em seguida. Tensionando os ombros, ele reuniu suas forças restantes. Isso podia ser o fim, mas de jeito nenhum ele iria sem uma luta. Ele pegaria quantos bastardos ele pudesse. Ele apertou Bethany uma última vez e se virou para enfrentá-los.

Houve um clarão de luz intensa, cegando até ele, e antes que ele pudesse

trocar de sua forma humana, algo foi colocado contra o seu pescoço. Então seu mundo **229**

enlouqueceu. Parecia que a luz estava sendo arrancada de debaixo da sua pele, músculos puxando, ossos estalando.

Dor quente e vermelha explodiu, levando... levando tudo. Ele.

Visão. Som. Tudo.

A última coisa que sentia era Bethany sendo puxada de seus braços flácidos. A escuridão caiu negra sobre ele em ondas que não poderia surgir a partir dele, dando boas-vindas a eles para dentro do nada, recusando-se a deixá-lo ir.



Capítulo 19

aemon revirou os ombros, incapaz de acabar com a súbita tensão nas costas e pescoço.

Como se ele tivesse dormido mal, mas ele não D tinha dormido de jeito nenhum.

— Baby, você não está prestando atenção em mim.

Ele olhou para Ash. Ela tinha pedido vestidos de verão da Internet ou algo assim e estava fazendo um show para ele.

E pelo seu atual vestido, ele deve ter perdido as coisas boas.

Estendendo um braço, ele disse:

— Sinto muito.

Ela balançou os quadris para ele. Em vez de pegar sua mão, ela subiu em seu colo e começou a ir para ele. Sua boca estava em toda parte — Seus lábios, bochechas, garganta.

Normalmente, ele teria gostado disso tudo, especialmente porque Ash foi doce naquele dia. Mas sua mente... estava em outro lugar.

Por cima do ombro, luar atravessou a janela.

Ash se acalmou e depois se endireitou. Seu lábio inferior fez beicinho. De alguma forma, ela ainda estava quente como o inferno.

— Ok. O que está acontecendo, porque você não está na mesma página que eu.

— Sinto muito. Eu não sei. Eu apenas sinto... — Ele não poderia colocar em palavras, porque ele não tinha certeza de como ele se sentia. Ele balançou a cabeça. — Não é nada com você. Eu juro.

Ela parecia que ia discutir, mas decidiu não fazer.

— Ok. Bem, talvez... talvez amanhã podemos voltar de onde paramos?

— Sim, claro. — Ele segurou seu rosto delicadamente e a beijou. — Eu ligo para você de manhã.

Ash reuniu suas coisas e saiu. Ele se deitou em sua cama, de repente exausto. Antes que ele percebesse, ele abriu os olhos e já era de manhã. Santo inferno, ele nunca tinha apenas apagado assim.

Se empurrando para cima, ele esfregou os olhos e **231**

bocejou. A tensão nos ombros e no pescoço ainda estava lá.

Ótimo. Em seu caminho para baixo, passou pelo quarto de Dawson. A porta estava aberta. Do corredor, ele podia sentir o cheiro das rosas que ele tinha comprado para Bethany.

Talvez ele devesse fazer algo assim para Ash — espere.

Daemon abriu a porta. Dawson não estava em casa. E era óbvio que ele tinha pensado em voltar ontem à noite. Ele cavou seu celular do bolso. Não havia mensagens dele.

— Dee... — Ele desceu os degraus, três de cada vez. Ela estava sentada no sofá, amontoada em uma pequena bola, enrolada em uma colcha de retalhos. — Você sabe de Dawson?

— Não. — Ela olhou como um cão cansado. — Talvez ele tenha dormido na casa da Bethany.

Durante a noite inteira com os pais dela lá? Ele duvidava disso. Indo para a cozinha, ele fez para Dee e a si próprio o café da manhã. Eles comeram em silêncio, o que era incomum. Dee sempre tinha algo a falar.

— Está se sentindo bem? — Ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Me sinto cansada.

— O mesmo aqui. — E a sensação estranha no estômago, como um conjunto de nós, foi crescendo e crescendo. Nada do que ele fez, até mesmo correr, diminuiu a sensação.

Em algum momento no final da manhã, quando ele estava prestes a ir para a casa de Bethany e ver se seu irmão idiota simplesmente não podia ter se incomodado em avisar **232**

onde ele estava, houve uma batida na porta.

Era o agente Vaughn e o agente Lane.

Daemon deu um passo para trás, sem falar. Algo... algo terrível estava subindo pela garganta, na cabeça dele.

O agente Lane pareceu horrível.

— Desculpe chegar sem avisar, mas precisamos de alguns minutos de seu tempo.

Ok, eles nunca se desculparam antes. Nunca. Como se ele estivesse se movendo através da água, ele se virou para sua irmã. Seu rosto pálido estava apertado. Entrando em piloto automático, ele caiu ao lado dela.

Vaughn permaneceu junto à porta, seus olhos afiados.

Foi Lane, que se sentou na cadeira e cruzou as mãos.

— Eu preciso te fazer algumas perguntas sobre Dawson.

Sua boca ficou seca.

— Por quê?

— Ele estava com uma garota humana com o nome de Elizabeth Williams, também conhecido como Bethany ou Liz?

Os nós tinham se transformado em ácido. Se o DOD

descobrisse sobre Dawson e Bethany? O DOD sabia que os Luxen e humanos tinham... relacionamentos, apesar de ter sido um pouco mais sobre o lado proibido de coisas, por razões óbvias.

— Por que você está perguntando? — Daemon sentou reto, imaginando que dois policiais iriam desaparecer se eles tiverem descoberto que Dawson tinha exposto o que eles **233**

eram.

Lane olhou para Vaughn, então respirou fundo.

— Ele estava com ela na noite passada?

— Sim — respondeu Dee. — Eles são amigos. Por que você está perguntando?

— Não... parece ter acontecido um incidente na noite passada em Moorefield.

— Houve uma pausa e todos os tipos de coisas horríveis percorreram Daemon. — Nós não sabemos o que aconteceu, mas eu sinto muito, ele se foi. Ambos se foram.

Daemon abriu a boca para falar, mas perdeu a voz. Se foi? Como, eles não sabiam o que o DOD pensava que eles eram, porque ele certamente não poderia ter dito que ele se

foi de verdade. Ele começou a se levantar, mas não conseguia fazer as pernas trabalharem.

Sua irmã respirou trêmula.

— Ele vai voltar, certo? Com Bethany?

Daemon mordeu seus molares. Se foi é um termo que humanos gostavam de usar quando eles não conseguia falar a palavra morto. Como se dizendo que a pessoa se foi de alguma forma diminuísse o golpe.

A expressão de Vaughn permaneceu impassível.

— Ambos estavam mortos. Sinto muito.

Daemon não conseguiu manter a tarefa inútil de respirar. Se trancou, cada músculo, cada célula. Um rugido, como um rosnado baixo, encheu seus ouvidos. Sua visão esmaeceu.

— Não — disse Dee, chicoteando em sua direção. Mãos voaram para seu cabelo, puxando de forma irregular. — Não.

Dawson não está morto! Nós saberíamos. Ele não está morto, Daemon! Ele não está!

Lane se endireitou, visivelmente desajeitado, e limpou a garganta.

— Eu sinto muito.

Havia uma pressão em seu peito.

— Eu quero ver o meu irmão.

— Sinto muito, mas-

— Me leve para o corpo do meu irmão agora! — Sua voz tremia as janelas e os seres humanos, mas ele não se importava. — Então me ajude, se você não...

Vaughn deu um passo adiante.

— O corpo do seu irmão e do ser humano tiveram que ser eliminados.

— Eliminados... — Ele não conseguia nem terminar a frase. As náuseas aumentaram. Eliminados... como nada mais do que lixo que precisava ser levado para fora. — Sai...

—

Daemon

—

disse

Lane.

—

Estamos

verdadeiramente-

— Sai. Fora! — ele gritou.

Os oficiais não poderiam ter saído mais rápido.

O chão de madeira tremeu sob seus pés, rolando até que um uivo agudo acompanhasse o movimento. A casa tremeu em sua base. Janelas vibraram. Fotos caíram da parede, estilhaçando contra o chão tremendo. Móveis tombaram e em outras partes da casa mais coisas caíram.

Ele não se importava. Ele iria destruir tudo. Ele não tinha mais nada sem o seu irmão... Dee. Oh, Deus. Dee.

Daemon dirigiu-se para sua irmã, mas descobriu que suas pernas não continuavam. Ele parou, dobrando na cintura quando uma onda de dor que ele sentiu foi tão real que bateu em seu intestino. Não seu irmão. Ele não podia realmente compreender o que aconteceu. Você não acorda e tudo está normal apenas para ter toda a sua vida destruída em segundos.

— Por favor, não... — Dee sussurrou. — Não, não, não.

Ele sabia que precisava puxá-lo junto de sua irmã, mas um ciclone estava construindo dentro dele. Tudo o que ele conseguia pensar era o dia na cozinha. Ele abraçando

Dawson, que não poderia ter sido a última vez que o tinha abraçado. Não — de jeito nenhum.

Daemon tentou pensar. Quando foi a última vez que ele tinha visto Dawson? Ontem? Ele estava comendo uma tigela de cereal. Froot Loops. Rindo. Feliz.

A última vez assumiu um significado totalmente novo.

Erguendo o olhar, ele viu Dee em um borrão. Ou ela estava perdendo o controle sobre ela mesmo ou ele estava.

Ele já tinha chorado antes? Ele não conseguia se lembrar. Ela parecia cambalear, e ele se atirou em sua direção, pegando-a antes que ela caísse, mas, em seguida, ambos bateram no chão, abraçados. Daemon virou a cabeça para o teto, deixando escapar um rugido sobrenatural que certamente quebrou a barreira do som, agitando a casa novamente.

Janelas vibraram e em seguida, estouraram neste momento.

O tilintar de vidro caindo parecia como aplausos distantes.

E depois havia os soluços de Dee. Soluços de cortar o coração atormentando seu corpo esbelto, o sacudiram. O som quebrou seu coração. Ela continuava saindo e voltando de sua verdadeira forma, caindo em seus braços.

Dawson não voltaria. Seu irmão não ia entrar por aquela porta novamente. Não haveria mais maratonas de Ghost Investigator. Sem brigas provocando Dee sobre quem comeu o último sorvete. E não ia haver mais discussões sobre a garota humana.

A garota humana...

Dawson a tinha acendido — como um farol, que havia levado o Arum direto para Dawson. Essa era a única

explicação. As rochas ainda os protegia em Moorefield. O

Arum tinha que ter visto Bethany...

Nunca em sua vida ele tinha odiado os seres humanos mais do que ele odiava naquele momento. Tristeza e raiva percorreram-no como a sua luz queimando — avermelhado branco. As lágrimas de Dee derramaram pelo vínculo deles, os sussurros de negação dela continuavam vindo, e Deus, ele teria dado sua própria vida, naquele momento, para tirar a dor da perda dela.

E para alterar algumas das últimas coisas que ele disse a seu irmão. Você vai fazer com que aquela garota morra. Por que ele não disse que o amava? Não. Em vez disso ele disse isso. Miséria cravou sua alma, mergulhando profunda como uma faca quente serrilhada.

Sua cabeça caiu para o ombro de sua irmã, e ele fechou os olhos. Lágrimas ainda caindo, escaldante contra o agora brilhante das bochechas. Luz brilhou ao redor da sala, lançando sombras estranhas das duas formas amontoadas no chão juntos.

Dawson foi morto por causa dele, porque ele não tinha avisado seu irmão o suficiente, não tinha parado o relacionamento antes que saísse do controle. Ele foi morto por causa de uma garota humana. E a culpa era de Daemon.

Ele não tinha feito o suficiente para detê-lo.

Ele segurou sua irmã mais apertado, a última de sua família e jurou que nunca mais. Nunca mais ele deixaria um ser humano colocar sua família em perigo.

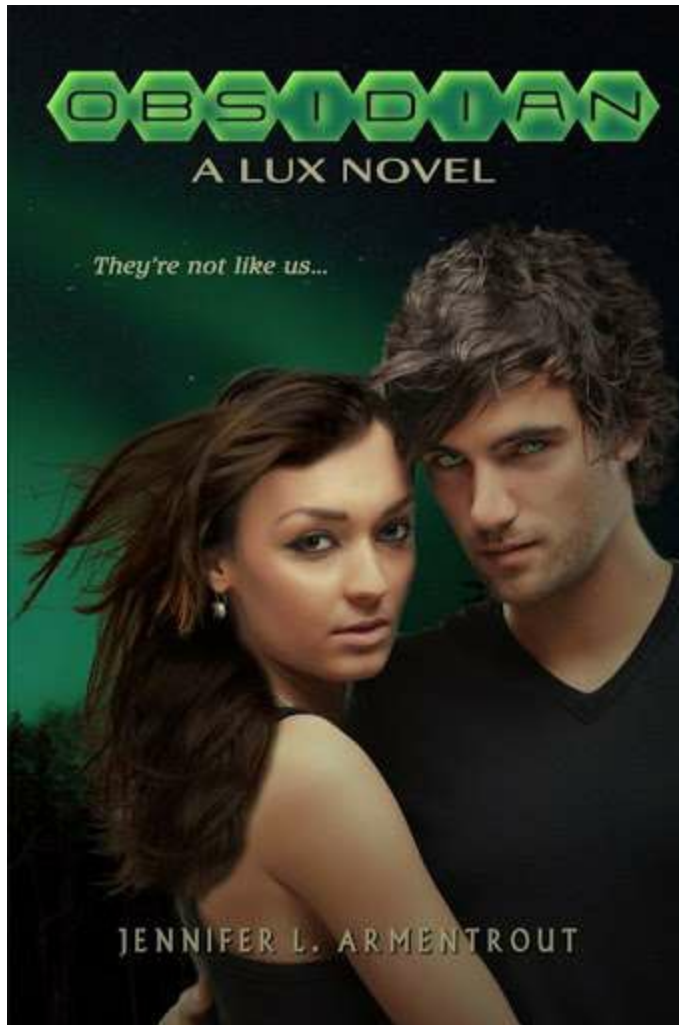
Nunca mais.

Daemon não iria perder a sua irmã, não importa o que ele tivesse que fazer para mantê-la segura.

Fim...







CONTINUA EM : 01 - Obsidian

Recomeçar é um saco.

Quando nos mudamos para West

Virginia, logo antes do meu último ano na escola, eu já tinha me conformado rapidamente com sotaques pesados, casinhas (privada externa), acesso à internet da pior qualidade, e muitas mais coisas tediosas. Até que espiei um vizinho gostoso, alto e de olhos verdes misteriosos.

As

coisas

estavam

melhorando. E, então, ele abriu a boca.

Daemon é irritante. Arrogante. Merecia ser apunhalado. Nós não nos damos bem. De forma alguma! Mas quando um estranho

me

ataca

e

Daemon

literalmente congela o tempo com um simples agitar da mão, bem, algo... inesperado acontece. O alien gostosão que mora na casa ao lado me marcou. É isso mesmo que você ouviu.

Alien. Acontece que Daemon e sua irmã têm uma galáxia de inimigos querendo roubar as habilidades deles, e a marca que ele deixou em mim me iluminou como uma faixa de Las Vegas para os caras maus. A única maneira de eu sair viva disso é ficando perto de Daemon até que meu talismã alienígena desapareça. Se eu não matá-lo antes, quer dizer.



240

Tradução

Bianca

Revisão

Glaucia, Marianne

Formatação

Anne



Esta obra foi traduzida pelo grupo de **Tradução After Dark (TAD)**, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. O Grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, a Tradução After Dark, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso **pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

☾ All Creatures of the night got together After dark ☾

